JOSÉ AGOSTINHO

Tragedia Maritima

ROMANCE HISTORICO

3.º VOLUME

PORTO
Livraria Figueirinhas — Editora
75, Rua das Oliveiras, 77

1908

VI

Nunca!

O VELHO FIDALGO aparecera a sua filha com menos austeridade do que ancia, d'olhar inquieto.

Não quizera testemunhas para a sua conversa e, sós assim naquela sala enorme, que parecia uma catacumba, as primeiras palavras tinham-nos assustado a ambos, como se não fôra nenhum delles quem as tivesse proferido.

E' que, a principio, falavam sem ter um rumo certo, afinal.

D. Garcia duvidava.

Leonor de Sá temia.

Entretanto, o exordio do fidalgo fôra longo e indiréto.

D. Garcia ponderou os seus annos e a vida dificil da India. Depois pôs em relevo o valor de Luís Falcão e o seu direito de ir para o Reino descançar e colher o que tinha semeado.

Nisto parou, fitando a filha.

A amante do Sepulveda estava livida, mas serena.

D. Garcia, tão livido e menos tranquilo, proseguiu:

— Pelo que, filha, é tempo de dizerdes de vós, como prometestes, quando Luís Falcão aqui estava, pois elle quer com justiça realisar já o que não póde nem deve sofrer mais delongas. Por mim tenho tudo aparelhado: dote e enfeites.

E, como ella não respondesse logo, precisou completamente a pergunta:

— Dais então o vosso sim, senhora e filha?

Leonor de Sá abateu um pouco a fronte e murmurou, aflita, perdendo muito a rispidês do porte:

— Pai e senhor, nunca serei de Luís Falcão!

D. Garcia ergueu-se funebre de côr e insistiu:

— Falareis claramente?

— Nunca, por meu mal, poderei responder-vos doutra maneira.

— Leonor! Leonor! Não tereis vós ensandecido? rompeu logo elle com a veemencia dos que não encontram uma ideia no auge dum desespero.

A filha não respondeu.

O fidalgo cerrava os punhos e crescia para ella, dementado.

Mas ainda pretendeu discutir, convencê-la.

Serenou á força.

Sentou-se com ar obstinado.

Depois, a meia voz, no tom cavernoso das angustias reprimidas, soltou palavras e argumentos:

— Sabeis que dei a minha palavra, e á sua palavra nunca falta um fidalgo português e muito menos D. Garcia de Sá. Palavra honrada, hei-de cumpri-la. Que nem tendes a desculpa do coração, pois a outro o não tendes dado. Para que vos guardais? Para freira? Se monja sempre dissestes não quererdes ser, onde encontrais melhor partido do que Luís Falcão, homem ainda moço, rico, cheio de fama e de prestigio e o qual não fica na India e vos levará respeitada á Côrte onde sereis feliz e admirada?

Temeis que vos assalte paixão por outro? Já não é tempo, se ella não veio aos 18 annos e, se ella vier, a filha mais velha de D. Garcia de Sá recebeu do pai e da familia toda lições de moral e de honra que a não deixarão fraquejar.

E o fidalgo, depois disto, como se tivesse produzido mais que um argumento irrespondivel, perguntou com a monotonia duma preocupação cretina:

— Dais, pois, o sim, senhora e filha?

Leonor de Sá sorriu com amargura, cravou audazmente os ólhos negros no olhar sangrento do velho, e redarguiu com grande paz:

— Senhor e pai, já vo-lo disse, não posso ser de Luís Falcão.

— Não podeis?...

E D. Garcia levantava-se convulso, alucinado de impaciencia.

— Não podeis, ou não quereis?

— Nem uma nem outra coisa, ajuntou ella, levantando-se tambem, como se estivesse disposta a todas as lutas.

Este movimento brusco da filha pareceu irritar mais D. Garcia, mas a palidez cadaverica e crescente della conteve-o e humanisou-o um pouco.

— Vámos, filha, disse elle com uma voz bastante cariciosa; vós estimais o vosso pai; não haveis de querer para elle a vergonha de faltar á sua palavra e que se diga como é frouxo senhor dos destinos das suas filhas.

— Muito vos estimo... começou ella, cortando, porém, logo a frase.

— Acabai.

— Mas, pai e senhor, tambem deveis estimar-me, concluiu então.

— E não vos tenho estimado? acudiu elle, sentimental. Desde tamanina, que vós sois o meu maior

cuidado e orgulho, mais que os outros filhos, e bem sabeis que sempre vos sonhei um futuro digno da vossa linhagem e das vossas virtudes.

—Bem o sei, pai e senhor.

—Sabei-lo e repelis o que é para vós de vantagem?!

—Hoje, mais do que hontem, amanhã mais do que hoje.

Leonor dissera isto com dureza.

Da dureza passou, porém, logo á impassibilidade.

Que iria suceder-lhe?

Não lhe importava.

D. Garcia nem teve tempo de explodir a cólera.

A palavra della, severamente calma, caía como uma espada:

—Cada vês mais, senhor e pai. Julgar-me-eis digna, mudando de opinião, como se muda de escapulario? E acaso a vossa palavra sofreria quebra, se eu morresse?

—Estava explicada então a minha falta.

—Pois tambem a tendes explicada agora— volveu ella com áspera energia—porque podeis dizer a quem quizerdes, se isso vos praz, que eu preferi morrer a dar a mão de esposa ao capitão de Diu!

Um rugido do peito do velho foi a resposta.

E D. Garcia perdeu toda a prudencia.

Não reprimiu então o desespero e, demente, sinistro de aspéto, levou as mãos tremulas ás barbas, e arrepelou-as.

Proferia palavras sem nexo e, ensandecido, corria sobre ella.

Leonor estava branca e altiva.

Resistiria como o marmore, sem se mover, assim fria e livida.

O fidalgo levantára sobre ella a mão convulsa.

Leonor esperava o golpe com o prazer estranho de quem deseja provar a suprema dôr.

Mas, naquelle momento, alguem bateu á porta da sala.

E uma voz varonil gritou:

— Amigo e senhor D. Garcia!

Com este brado gelou-se-lhe a cólera.

Olhou á roda.

Viu-se brutal e ridiculo.

Ageitou os punhos de rendas.

Voltou costas á filha, fazendo-lhe um sinal brusco.

Leonor de Sá dirigiu-se lentamente á outra porta e saiu.

E então D. Garcia disse em voz, forçadamente afetuosa:

— Entrai, D. Alvaro.

E correu para elle, que entrava sereno, embora com o olhar interrogador.

Era um velho fidalgo da intimidade de Garcia de Sá.

Homem mais de conselho do que de espada, repoisava em Gôa duma vida bastante ruidosa, e em Gôa desejava morrer.

De estatura meã, moreno, sêco, de muito poucas carnes, tinha, porém, a placidês imponente dos homens gordos.

Era astuto, arguto, com prendas de letrado.

A sua indole, cheia de bondade, levava-o com prazer a todas as reconciliações entre os que conhecera amigos e via desavindos.

A sua presença transpirava serenidade e afêto. Tinha no olhar o magnetismo estranho e bemfazejo dos que insuflam paciencia e resignação sem elles mesmos saberem como nem porquê.

— Vindes a proposito, vindes, D. Alvaro — disse-lhe D. Garcia — que bem agoniado estou.

E, como D. Alvaro esperasse prudentemente mais palavras, proseguiu:

— Acaba de sair d'aqui minha filha Leonor. Nem eu sei o que teria sucedido, se vós não viesseis...

D. Alvaro sorriu, sentou-se e cravou o seu olhar tranquilo na face palida de D. Garcia.

Depois, sorrindo sempre, disse com lentidão:

— E' admiravel, pois de vossa filha venho a falar-vos.

— Vós?!

— E porque não, amigo e senhor D. Garcia, se velho e provado amigo sou?

— Assim é, e de mim tambem tendes prova de egual afécto...

— Ambos muito carecemos de afécto — volveu D. Alvaro — que só agruras e tristuras nos dá a vida na velhice.

— Sim, agruras e tristuras... murmurou D. Garcia, um tanto mais calmo já.

— Todas, porém, observou D. Alvaro, mais filhas da nossa febre do que da nossa má fortuna.

— Julgais-lo, amigo e senhor D. Alvaro?

— Julgo, sim, senhor D. Garcia.

— Que me dizeis então — rompeu o velho, desabridamente — a um pai que tem uma filha de coração livre, e que rejeita o fidalgo honrado e rico que lhe destina para esposo?

— Que digo? Perguntar-vos-ia primeiro se ella tem na verdade o coração livre!

— Falo-vos de Leonor, e não de Joana, que essa deu o coração a quem lhe deu o destino.

— Tambem eu vos falo de Leonor, afirmou D. Alvaro, tranquilamente.

— Talvês não conheçais tudo. Tratei-lhe do dote, dei a minha palavra, pedi-lhe o sim duma vês...

— E ella, a senhora D. Leonor, diz-vos que não!

— Achais isto suportavel, amigo e senhor D. Alvaro?

O fidalgo levantou a cabeça mais, passeou o olhar á roda, e respondeu com grande socêgo:

— Sim, acho, porque é sem remedio.

— Quereis ensandecer-me?

— Não: quero dar-vos noticias da verdade.

— Dizei, dizei.

Humilhára-se D. Garcia diante do sereno olhar do amigo.

Mais enovelado do que sentado na sua cadeira, esperava com o presentimento angustioso de que ia sofrer uma decéção, um desgosto novo.

D. Alvaro, sempre tranquilo, parecia procurar as palavras, mas estudava-as com fixidês em gestos e olhares.

De subito, sorrindo, tomando ares diplomaticos, disse de golpe a D. Garcia:

— Velho amigo e fidalgo, grande honra me traz hoje até vós. Não vos espanteis: venho pedir-vos a mão da senhora D. Leonor para o honrado e valoroso fidalgo senhor Manuel de Sousa Sepulveda.

O pai de Leonor ouviu, olhou para D. Alvaro, e ficou assombrado.

D. Alvaro continuava:

— E assim tendes a razão justa porque D. Leonor não quer ser esposa do senhor Luís Falcão...

— A razão justa... murmurava, convulso, o velho, de pé, d'olhos em braza.

— A razão justa!...

E, num arranco de desespero, gritou sem moderação:

— Enganado! enganado!

Depois, com tranquilidade afétada, em voz muito rouca, proseguiu:

— Muito vos agradeço, amigo e senhor D. Alvaro, muito vos agradeço. Juro-vos á fé de Cristo, que eu nada sabia. Ninguem m'o disse. Nem ella, nem a irmã, nem o irmão, nem os escravos, nem os amigos. Vêde vós que gente que eu tenho.

Tudo falso ao seu amo e senhor, ao amigo e ao companheiro, ao pai e ao fidalgo. Tudo a cuspir nestas barbas honradas.

E as ultimas palavras saíram-lhe em frouxos de terrivel chôro.

Mas não podia conter-se. A cólera e o assombro sacudiam-no com rudeza.

— Sim, Leonor quer ser esposa de Manuel de Sousa — tornou elle, dominando a crise, mas apenas na aparencia. A filha dispõe do seu destino sem ouvir o pai e tudo lhe esconde, e anda dias, talvêz mêses, a falar d'amor a um homem que seu pai detesta e aborrece! O pai dá a sua palavra a um fidalgo honrado, e ella nada lhe diz. Engana o velho, dando ás escondidas a um homem aborrecido o coração que lhe não pertence, senhor D. Alvaro, porque acima das fraquezas della está a minha honra de fidalgo, está a minha vontade de pai e senhor! Como achais isto, D. Alvaro? Não dá vontade de rir?

E D. Garcia soltou uma risada fúnebre, crescendo para o amigo, como se elle fôra a causa unica da sua dôr.

— Ouvís-me? continuou, demente, segurando-o por um braço: porque não respondeis vós agora?

Mas, largando-o nisto, descaiu em ironía triste:

— Aqui tendes, D. Alvaro, a felicidade de ter filhos!

Disse isto, e sentou-se, e pendeu a cabeça branca, e desatou a soluçar sucumbido.

D. Alvaro não se moveu.

Deixou passar o vendaval.

Fortificou-se numa impassibilidade hipnótica.

Depois, levantou-se.

Curvou-se então lentamente para D. Garcia de Sá.

De labios ao pé dos ouvidos delle, murmurou-lhe:

— Adeus, senhor D. Garcia de Sá.

— Ides-vos? volveu-lhe o velho, fitando-o com espanto.

— Pois não está cumprida a minha missão, senhor e amigo?

— A vossa missão...

— E prouve a Deus ser bem sucedida.

— Que quereis dizer?

— Que vou daqui contar a Manuel de Sousa Sepulveda como vós, embora mortificado, o aceitais para genro...

— D. Alvaro!

Este grito de D. Garcia foi acompanhado dum repelão formidavel.

O velho fidalgo ensandecia novamente de cólera.

De pé no meio da sala, de fronte alta e rubra, este seu arranco era decisivamente significativo.

Estava ali o pensamento intimo, constante, obstinado, duma consciencia cheia de paixão e orgulho.

As palavras agora explodiam. Eram furiosas, duras, intransigentes.

— Não me afronteis, senhor D. Alvaro! Manuel de Sousa Sepulveda, nunca! Nunca, porque o aborreço. Nunca, porque hei de honrar a minha palavra. Nunca, porque me captou a filha com artes de ladrão. Ouvis bem? Nem uma esperança. Odio de morte, ódio até á morte!

Sufocava, mas ganhou novas forças depressa:

— Se elle vos merece resposta, dai-lhe esta: que é um miseravel ladrão!

E dizei-lhe que o velho ainda tem um braço e

uma espada! Dizei-lhe que a sua afronta caiu sobre um homem de ferro, tão de ferro, que o ha de esmagar e matar! Dizei-lhe isto, dizei-lhe isto!

D. Alvaro sorria, serenamente sempre. D. Garcia atentou no sorriso, e rompeu ainda:

—Achais-me já debil para me bater com tão robusto pirata? Pois dizei-lhe que, a ter de morrer deshonrado, prefiro a vilania de o mandar matar, de me vêr livre delle a peso d'oiro! Tomastes bem conta na minha resposta, amigo e senhor D. Alvaro, se é que na verdade o sois?

D. Alvaro sorriu, fês um gesto calmo, e sentou-se.

Depois, perguntou-lhe placidamente:

—Já tendes dito tudo?

—Tudo, tudo, D. Alvaro, se é preciso que eu mais não diga por agora.

—Demais tendes falado e pouco tendes refletido.

—Agradeço-vos o elogio.

—Ou antes o dó. Porque me fazeis sincero dó, amigo e senhor D. Garcia de Sá. Mas ouvi-me.

—Dizei, dizei depressa.

—Ponderastes graves coisas, sem duvida. Leonor desobedece-vos. Mas porque? Porque vós a quereis sujeitar a quem ella aborrece mais do que vós, na verdade, aborreceis a Sepulveda. Tem vossa filha, pois, ao menos, uma desculpa, se Manuel de Sousa, muito mais perfeito cavalheiro, a encanta. Queixais-vos de que ella o recebe a ocultas de vós. De quem é a culpa, se de ha muito lhe andais impondo um homem aborrecido? Quem vos engana se não vós mesmo?

—D. Alvaro!

—Tende paciencia, que haveis de ouvir-me tambem agora. Leonor nunca aceitou Luís Falcão. Como fôstes dar a vossa palavra ao capitão de Diu,

já quando elle o era de Ormús? E, se lh'a déstes, que culpa teve Leonor, ou teve Manuel de Sousa? A vossa palavra não tem quebra ou, se a tem, vós a quebrastes porque nada a serio refletistes.

—Sabeis que tudo isso me agasta? irrompeu D. Garcia, livido.

—Esperai—volveu D. Alvaro com tranquilidade gelada.

E, decorrido um rapido momento, continuou:

—Suponde, porém, que nada disto é assim. Leonor falta á sua palavra, porque dẽ repente se apaixona pelo Sepulveda. Sendo assim, só tenho que informar-vos. Ouvi.

D. Alvaro fitou profundamente o fidalgo, carregou um pouco o semblante, e disse com solenidade:

—O Amor não ouve interesses. Sepulveda, sabendo do vosso propósito, agoniou-se e pensa em ir bater-se com Luís Falcão. Ouvis? Se elle fôr baterse, tendes o genro desejado talvês morto; mas, se o não tendes, tereis a filha casada com o assassino do homem que ama. Pensais nisto? Morto Falcão, o assassino sois vós, que o não desiludistes quanto aos sentimentos de Leonor, pois sempre teimastes em querer o que vossa filha repelia. Morto Sepulveda, ligais Leonor a um ódio eterno, que póde fazer della, pelo menos, uma adultera, senão uma assassina, amigo e senhor!

E sereis não só o assassino de Sepulveda, como o de vossa filha, como o do proprio Falcão que hãode morrer, pelo menos moralmente, da peor morte que imaginar podeis.

—Nunca! respondeu apenas D. Garcia, não querendo reflétir.

—Sim, nunca—tornou D. Alvaro com ironia—porque o Sepulveda é peor homem do que esse ambicioso e brutal soldado que tanto desejais! Com-

tudo, Sepulveda deixou os erros da mocidade; Sepulveda tem mais gloria, como presenceastes em batalhas feridas tambem por vós; Sepulveda, emfim, antes de ir bater-se com Falcão, pede-me que vos diga tudo, tudo... o que é de homem honrado.

—Pois bem! redarguiu o velho, sempre convulso, sabeis a minha resposta? E' que nunca!

—Nunca o quê, amigo e senhor? Acaso o vosso nunca destrói o amor de vossa filha a Manuel de Sousa?

—Mas não ouvistes? bradou D. Garcia com indignação. Dei a minha palavra. Hei-de cumpri-la!

D. Alvaro, a isto, levantou-se.

Estava triste e pálido.

Perdêra um pouco a serenidade magnífica.

E então disse-lhe com piedade profunda:

—Podíeis evitar o peor golpe, e não quereis. Desculpai que vo-lo dê, pois que para vós nem ha razões nem sentimentos d'amor. Ouvi-me ainda.

D. Alvaro estava branco e tremulo, com os ólhos humidos.

—Senhor D. Garcia de Sá, vossa filha a senhora D. Leonor só de Manuel de Sousa Sepulveda póde ser esposa, porque só lhe falta a benção da Egreja para poder ter de esposa o nome. Manuel de Sousa pede que vos diga que Leonor é já sua, compreendeis? E a senhora D. Leonor o mesmo me mandou pedir por elle.

D. Alvaro disse isto e ficou sereno, esperando um ciclóne de palavras e gritos.

Mas D. Garcia ouviu-o sem grande espanto, fitou-o profundamente, meditou alguns minutos e retorquiu-lhe em voz baixa, apressadamente, com febre:

—Basta! Ide-vos, pois, senhor D. Alvaro, que Manuel de Sousa deve anciar pela resposta.

—Já outra? perguntou D. Alvaro com esperança.

— Não — respondeu o fidalgo com estranha frieza — sempre a mesma: nunca!

D. Alvaro encolheu os hombros com ar dolorido.

D. Garcia despediu-o com uma afétada serenidade que parecia a resolução disfarçada dum crime.

Vacilou o velho amigo de D. Garcia de Sá.

Tentou colher a alma do fidalgo.

—Mas, dizei-me, que ides vós fazer agora?

—Nem eu eu sei; pedir, ameaçar, gritar...

—Posso fiar-me da vossa bondade?

—Podeis, senhor D. Alvaro, que não matarei minha filha, como afinal devia. Pois se ella já se defendeu, matando-me antes!

D. Alvaro leu nos olhos do fidalgo o aniquilamente da cólera.

Já o esperava.

Porisso quizera obrigá-lo a explodir diante de si, por tanto tempo.

Saiu, depois de lhe apertar a mão, que encontrou gelada.

D. Garcia, vendo-se só, sentou-se e chorou, abalado até ao coração.

Depois, levantou-se, d'olhos brilhantes e fixos.

Não tinha repelões, nem furias. Tinha uma deliberação obstinada e intransigente. Manuel de Sousa Sepulveda, nunca!

Deshonrado? Sim, mas não na sua palavra.

Tudo o mais era nada, já que não podia haver remedio.

Pagava assim loucuras da mocidade. A consciencia esmagava-o como nunca.

Mas o seu brio de fidalgo ficaria acima de tudo.

O mais via-o, sem o querer ver.

Ira? Não tinha nenhuma. Desabafara.

A questão agora era só esta: levar Leonor, deshonrada mas obediente, á força ou pela convicção, aos desposorios com o capitão de Diu.

Enganava o seu genro, não lhe entregando uma virgem?

Luís Falcão que a matasse, pois elle, D. Garcia de Sá, cumpria a sua palavra.

E, num rugido extremo, murmurou ainda:

—Manuel de Sousa Sepulveda, nunca!

Mas ficara singularmente tranquilo.

Sem mais gestos nem murmurios de dôr, saiu a procurar de novo a filha.

VII

O crime

QUANDO Manuel de Sousa Sepulveda se despediu de D. Alvaro, estava resolvido sem vacilação.

D. Garcia de Sá obstinava-se: o mesmo fazia elle.

Repeliam-no: elle insistia.

Iria a Diu, reptaria Falcão, matá-lo-ia, ou por elle seria morto.

Mais nada.

Todo elle estava dependente daquella paixão.

Não podia viver sem Leonor, não podia resignar-se por mais tempo com a ideia de que lhe era só permitido vê-la e beija-la a furto. Como poderia, pois, suportar a ideia de que a entregavam a outro homem?

Urgia operar sem perda de tempo.

Depois destes pensamentos, acalmando-se mais, viu, porém, o duelo que projétava. Quem lhe dizia o resultado? Mataria? E o velho fidalgo, em face desse crime, não resistiria ainda mais? Rapta-la? D. Garcia havia de encarcerá-la com segurança feroz. E ella não se gelaria de terror, vendo entre elles o cadaver de Luís Falcão? Não padeceria elle proprio muito,

lembrando-se do ultimo suspiro da vitima, ao caír-lhe aos pés, num turbilhão de sangue?

Mas não poderia ser morto? Quem lhe assegurava o contrario?

Ora, e que era morrer naquelle lance? Era ser inimigo da sua propria felicidade e da de Leonor que teria de ligar-se ao assassino do seu amante.

Porque não morreria Luís Falcão com um peloiro inimigo? Porque é que Deus o não fulminava, se era agora a causa de tanta amargura?

Amava elle Leonor sequer? Havia no capitão de Diu mais do que brutalidade e ambição?

Que representava, por fim, a sua morte ás mãos de Falcão? Não terror do Além-Mundo onde o velho frade lhe teria conquistado, com lagrimas e preces, uma expiação que não fosse eterna. Não só o desespero de não possuir, por um ato publico, a mulher amada.

Tambem, tambem a raiva de a deixar nos braços odiosos doutro, detestado por ella e senhor della!

Mas então tinha de concluir que o duelo era uma loucura, mas tinha de concluir tambem que, se Deus não suprimia Falcão, o devia suprimir elle.

Havia dois dias que um velho soldado o tinha surpreendido nesta luta intima, vindo deixar-lhe a sugestão dum desenlace unico.

João Abexim procurára-o. Este homem estranho queria vingar a filha, mas não queria proceder sem representar a vingança de mais alguem. E' que dos desvarios da filha se julgava um tanto culpado, pois a não vigiara sempre, como devia, embora tivesse no peito um odio faminto a Falcão, odio que, nem reconhecendo-se indireto cumplice do sedutor, podia calar ou extinguir!

E procurava todos os crimes e brutalidades do capitão de Diu, esperando vingar um delles, vingan-

do-se a si. Fizera-se espião, reptil, vibora. Fôra a tudo, ao passado, ao presente, á espuma do vinho, da lama e do sangue.

Encontrara muitas vitimas, horrores, miserias, e cevando-se no odio de todos ao brutal soldado, fôra-se enchendo da serenidade funebre que aperra uma arma, não erra a pontaria e põe a salvo o assassino.

Por então soube do projeto do casamento de Falcão.

Quís saber tudo.

Nesta anciedade, demorou ainda o seu golpe.

Foi de Ormús a Diu e de Diu a Gôa.

Rastejou, farejou, como que mordeu a lingua de todos, perguntando, uivando a cada pergunta uma ameaça intima.

Por fim, descobriu que Manuel de Sousa ia de noite ao jardim de D. Garcia de Sá, e viu com interesse que o fidalgo era em tudo o contrario do capitão de Diu.

Já tinha o fel preciso, o fel e o dominio de si proprio, para alvejar Falcão, para o deixar morto e fugir sem terror, com segurança, com tanta presença de espirito que não deixasse vestigio de si.

Faltava-lhe uma luz de poetica justiça a iluminar o ato sinistro.

Essa luz vinha daquella agonia de dois amantes, porque o amor até nas suas agonias tem deslumbramentos de dôr que iluminam os egoismos vulgares.

Procurou, nisto, Sepulveda.

Apresentou-se como um velho soldado.

Depois, falou de Falcão.

Sepulveda ficou colhido logo pela explosão daquelle odio.

Da benevolencia veio-lhe a confiança. Depressa o enamorado descaiu na confidencia.

João Abexim deixou uma sugestão tenebrosa,

curvou-se, e saiu depois de ter dito em que casas morava.

A palavra, o olhar, o sorriso e o gesto do velho soldado ficaram nitidos dentro da alma ferida do Sepulveda, como esperanças firmes de triunfo.

Porquê? A sugestão do crime plantara-se-lhe no espirito, dominando-lh'o, sacudindo-o, fecundando-o em trevas e cruezas.

Mas Fr. Manuel da Salvação, o Anjo da Guarda, não deixou de vir.

Sepulveda julgou vê-lo, triste como nunca. Chorava silenciosamente e, erguendo a mão cadaverica, apontava para as muralhas de Evora onde rasgara a alma e vestira sobre as ruinas della a estamenha.

E o olhar, penetrante e eloquente, dizia-lhe, sem duvidas, que a felicidade não póde conquistar-se á custa da traição.

Vem aí o ciclone? Tendes medo que elle vos leve? Não podeis resistir-lhe? Deveis pôr diante delle o vosso inimigo para vos poupardes a vós? Não. Se não tendes a coragem de ficar, sepultai-vos. Sabeis onde? No seio de Deus: no claustro.

O claustro será a dôr, a saudade, a febre todos os dias devorada, um Calvario imensamente lento, uma angustia sem esperança, sem alivio, sem recompensa imediata, mas, porisso mesmo, será o perdão, a justiça e o amor de Deus.

Sepulveda ouviu isto e comoveu-se. Mas as noticias que lhe trouxe D. Alvaro dementaram-no.

Meditou muito tempo dentro da dôr terrena que sofria, e ficou todo della.

João Abexim suplantou a alma do velho frade. Sepulveda, emfim, saiu a procurar o velho soldado.

Encontrou-o a escrever uma longa carta a um amigo de Ormús.

Abexim mostrou-lhe um periodo:

«Socegai, que bem entregue foi a nossa causa, pois não tarda que se dê o acontecimento que desejais».

Sepulveda, livido, mas firme, disse-lhe então:

—Dissestes-me, ha dias, o ódio que deveis ao capitão de Diu...

—Odio que cresce como o capim depois da chuva...

—E que estaveis resolvido a matá-lo.

—Todos os dias mais do que nunca.

—E', pois, firme o vosso propósito?

—Porque duvidais, senhor?

—Porque posso não conhecer-vos bem.

—Um velho soldado, velho e pobre, não mente.

—Tendes, pois, de cometer o crime...

—Chamai-lhe assim.

—Pensais nas consequencias...

—Sim, livrar a India dum pirata.

—Mas, depois, as justiças de El-Rei...

—Fica sempre desconhecido quem mata por dever.

—Nem sempre.

—Quando se não leva o ódio pela mão e antes elle nos leva a nós.

—Estais então certo de matar e não ser visto?

—Nem deixar o menor sinal.

—Como afirmais isso?

—E como duvidais, senhor?

—Emfim, ides a Diu...

—Amanhã, depois, o mais depressa que possa.

—De punhal?

—Não, como quem caça, de espingarda.

—A espingarda faz ruido.

—Não ha mal no trovão, quando o relampago não mostra a nuvem.

—Emfim, ides a vingar-vos.

—E tambem a vós, senhor: ou, pelo menos, a livrar-vos de que vos vingueis.

—De verdade, assim é. Mas eu pagarei o sacrificio.

—Pagareis o quê, senhor?

—Para poderdes fugir para longe de Diu.

—A justiça nunca deve de ser paga.

—E, comtudo, ella não vive sem dinheiro.

—Vive a minha, que não é oficio, é rasgo dum minuto.

—Que quereis então de mim?

—Nem dinheiro, nem pólvora.

—Dizei, pois.

—Tudo e nada.

—Explicai-vos.

—Nada de oiro, nem de proteção, que para tudo isso basto eu. Tudo de ódio, tão forte, tão cruel, que me acompanhe a reforçar o meu.

—Podeis contar com elle.

—Só assim sereis meu cumplice.

—Matá-lo-íeis sempre?

—Sempre.

—Se assim é, não vos demoreis.

—Impele-me já tambem o vosso ódio.

—A minha vida é um horror...

—Compreendo-vos: amais e sois amado.

E, contendo lágrimas, acrescentou:

—Já fui assim feliz e infeliz. Hoje sou uma bala que procura um pirata.

Sepulveda meditou instantes, e tornou:

—Tendes a certeza de o matar?

—Tanto como de viver amanhã.

—Ides, pois, breve?

—Na primeira fusta, no primeiro catre...

—Aceitais-me uma lembrança?

—Qual, senhor?

— Alguns pardaus?

—Só se quereis que eu me não vingue.

—Não vos entendo.

—Pois não entendeis? Se me pagasseis, eu ficaria egual a Falcão... e até vós proprio o ficarieis tambem.

—Tendes razão: desculpai-me.

Sepulveda, pouco depois, saía.

João Abexim concluiu a carta e tomou a espingarda.

Foi pôr-se ao meio da sala de cano encostado á face.

Fês pontaria a um ponto negro da parede.

Não desfechou, mas sorriu.

Aquelle tiro, se tivesse partido, teria ferido o alvo.

Mas suponhamos que errava.

João Abexim tirou, de golpe, um punhal.

Lá vinha o Falcão, membrudo, rubro, vigoroso.

Trazia uma espada, por não ter espingarda ao pé.

João Abexim recuava, recuava, e pulava depois sobre elle.

Falcão podia esmagá-lo, mas João Abexim já o tinha picado no coração.

Porém, o capitão de Diu tinha perto a espingarda.

Vendo errar o tiro, forcejaria por acertar elle.

Mas a surpreza e a cólera?

Não havia tempo para um pulo de tigre, de punhal á frente?

E que falhasse tudo.

Que o tiro errasse.

Que o punhal de nada valesse.

O que elle não o deixaria era livre no primeiro impeto.

Braço a braço.

Seria horrivel.

João Abexim era velho: Falcão era moço.

Mas Abexim tinha muito odio e a agilidade de quem não bebe vinho.

Com o odio, mordê lo-ia nas entranhas: com a agilidade, derrubá-lo-ia de arremêsso.

E, depois, matá-lo-ia, sem perigo, com certeza, porque o seu rancor levava tudo premeditado, nada esperava do desespêro nem da ira.

Cólera? Nenhuma sentia, sentia rancor. Matava o capitão de Diu com a serenidade de quem abate um toiro perigoso, que é preciso ferir de emboscada com mão segura.

Vamos! Matar um pirata, embora este fôsse capitão de Diu, era sempre valor e amor da Patria, era um dever que chegava a ser virtude e grandeza.

João Abexim não raciocinou mais, depois de assim se convencer.

Procurou nau para Diu.

Não a encontrando a partir depressa, seguiu de Gôa numa pequena fusta.

A viagem foi serena. O mar recebia-o com uma especie de ternura, a caricia das aguas na Asia, quando o sol é puro e o céo tranquilo.

E o velho soldado até nisto viu um aplauso aos seus intentos.

Entretanto, o crime em projeto dava-lhe visões retrospétivas.

Deliciava-se a sofrer o Passado, não sabia porquê.

O tremendo exame de consciencia que nas horas de angustia se impõe a todas as almas surdiu-lhe á flôr da inteligencia e do sentimento, como uma preparação para as peores consequencias do seu proposito.

E viu, viu tudo: a infancia, coalhada de lagri-

mas, a orfandade muito cêdo, uma vida errante e melancólica, até ser chamado ao exercito.

Depois, um grande amor entre choques de ferros e cruezas de perigos.

Depois, um lar no repoiso das primeiras batalhas, lar como que flutuante nas espumas de sangue da vida de Ormús.

E o primeiro desgosto maior, a morte da mulher, alma candida que Deus chamára quási sem lhe dar uma agonía, numa tarde de inverno, colhendo-a a rezar, de mãos em cruz sobre o peito.

E, emfim, a dôr de ver a sua filhinha sem mãe, a dôr de a entregar a uma escrava, quando o inimigo o obrigava a travar da espada e da lança.

Mas viera o repoiso. O velho soldado vivia tranquilamente dum pequeno comercio. Maria, o seu anjo, era já uma mulher, mulher nos carinhos e no trabalho.

Amoravel e simples, era mais do que o seu encanto, porque era toda a sua vida.

O seu sangue tirava todo o calor e paz da pureza daquelle olhar.

Da sua voz, de cristal e oiro, fazia elle o canto mais dôce da velhice merencórea.

Mas, de subito, naquelle seu extasis veio um golpe, que lhe pareceu do demonio. Maria, aturdida pelo fulgor de Luís Falcão, estorcia-se numa loucura subita. Quando o pai notou a alucinação, já a filha, vivendo livremente, vivendo com a cega confiança do velho, perdêra a virgindade.

O velho ajoelhou na sua lama, e pretendeu transformá-la em prata á força de lágrimas. Tudo baldado. O lodo consolidava-se a ponto de ser o pavimento, as paredes e o této do seu lar.

Maria não estava só perdida; folgava com a deshonra.

A um uivo de dôr do pai, respondera terrivelmente:

— Porque me deixou andar á vontade?

Nesta frase formidavel estava tudo. João Abexim era um cumplice no crime do capitão d'Ormús.

Para o odiar, tinha de odiar-se a si próprio.

Curvou a fronte e quási perdeu o uso da palavra.

Entrou-lhe no cérebro meia loucura.

Tomou o gesto e o olhar dos maniacos.

Resignou-se e imobilisou-se.

A's escondidas, chorava e rezava.

Um dia, a filha desaparecêra. A dôr do velho fôra enorme e, procurando-a, despedaçara da alma o que nella havia ainda de pequeninas esperanças e dolorosa paciencia.

Não encontrou mais Maria.

Axa, o escravo de Falcão, dizia-lhe, porém, sempre com ar sinistro:

— Heide encontrá-la eu.

— Longe d'Ormús?

— Talvês em casa do capitão.

— Como, se ninguem lá a tem visto?

— Nem mesmo eu.

— Porque falais, pois, assim?

— Porque Axa tem faro...

— Não vos entendo.

— Nem podeis entender-me.

Viera depois o lance do cofre. A certeza do crime de Luís Falcão chegára como um aviso divino.

Já podia odiar mais o sedutor do que a si proprio.

E, comtudo, vacilara.

Ha consciencias fundamentalmente escrupulosas sem repelirem com energia o crime, quando as céga a maior vingança.

João Abexim qüeria o ódio de muitos a reforçar o seu.

Pretendia uma atenuante ao seu rasgo, em que via ainda muito de egoismo feroz.

Encontrou o que procurava, encontrou-o em muitas vitimas de Falcão.

Matando o sedutor de Maria, matava a causa da desgraça de muitos.

Por ultimo, a angustia de Sepulveda vinha como poetisar-lhe o áto.

Alguem o levara — era o seu pensamento — a procurar o fidalgo querido de D. Leonor de Sá. Não seria a Providencia?

O homem que assassina por vingança pretende sempre ser instrumento da justiça de Deus.

Nestes pensamentos, avistou Diu com grande serenidade e intima alegria.

Desembarcou tão risonho quási, como se a filha tivesse resuscitado e o chamasse, arrependida do seu desvio.

Em terra, não vacilou.

Dirigiu-se á locanda mais afastada da residencia do capitão.

Lá o esperava um velho amigo de Ormús.

Por felicidade, estava só.

O amigo era um velho soldado tambem, e um inimigo cordeal de Falcão.

Combinaram com estrategia o plano que pertencia a um só.

Estaria o Abexim escondido. Ali se demoraria alguns dias.

De noite, ás horas mais adiantadas, rondaria a casa do monstro.

Depois, o acaso indicaria o resto, porque Falcão saía a deshoras, como nos primeiros tempos de Ormús, em aventuras, ou a rondar as vigias,

embuçado, seguido apenas de dois ou tres soldados.

Certa noite, um familiar do Falcão veio á locanda.

Pediu vinho.

Depois, com ares despreocupados, falou.

— Não veio aqui um homem, que desembarcou numa fusta ha dias?

— Veio — disse o locandeiro — foi João Abexim, velho soldado d'Ormus.

— Ah! é elle, pois. E onde vive? Sabeis?

— Lá no interior, que para lá se partiu...

— Para os gentios?!

O locandeiro, muito astuto, baixou a voz:

— Parece que ensandeceu de ódio ao senhor capitão de Diu...

— Dizei, dizei; que sabeis?

— Sei que por ódio de Luís Falcão vai oferecer-se aos inimigos de Portugal...

— E...

— E virá com elles talvês sobre Diu!

— Vilão!

— Traidor, reféce traidor! gritou rijamente o locandeiro.

E, em voz ainda mais velada, com ar suplicante:

— Mas não vádes diser ao senhor Luís Falcão que eu vo-lo disse...

— Tendes medo?

— Quem sabe se o traidor póde entrar de noite com os moiros?...

— Calmai-vos que, até sem aviso, não entraria elle, havendo tão bons guardas!

— Sim, sim, mas elle saiu sem que vós désseis conta...

— Mas hão de pôr-se agora mais álerta. Adeus, grande serviço prestastes.

— Ides-vos?

— Bem vêdes como é preciso avisar o senhor capitão.

— Ide, pois, mas bem podieis ocultar o meu nome. Não ambiciono paga.

O familiar de Falcão saiu apreensivo e lesto.

O locandeiro, sorrindo com ironia, fechou a locanda.

Deu a meia hora, ouviu-se a marcha dum corpo de tropas.

Reforçavam as vigias da fortaleza de Diu. Defendiam-se do perigo suposto.

VIII

No fundo da consciencia

Apenas D. Alvaro saiu, D. Garcia de Sá encaminhou-se para os aposentos da filha.

Caminhava grave e calmo, como se não tivesse tido a menor surpreza.

A unica surpreza que sentia era comsigo próprio, porque não se ferira, como era de esperar, com a brusca noticia da deshonra de Leonor.

Porque o deixara quasi indiferente? Porque ouvira tão tranquilo uma nova assim cruel, quando nem dos amores com o Sepulveda tinha o menor conhecimento?

O velho fidalgo não poderia responder a esta pergunta intima, porque só lhe daria alguma resposta o rigoroso conhecimento do seu estado psicológico, um dos mais singulares, mas, em parte, perfeitamento lógico.

A energia delle era ficticia, filha duma excítação de momento.

Os fragores de Diu tinham-na despertado anormalmente dentro duma natureza quebrantada e a qual, mesmo nos verdores da juventude, só se aspe-

risava com intermitencias, pois que a índole de D. Garcia era fundamentalmente tolerante.

Gastara o fidalgo essa energia ficticia nas amargas contrariedades ao seu projéto do casamento de Leonor com Falcão. Rigorosamente deprimido de caráter pela áção dos annos e pelo cansaço que vem de todas as grandes excitações, quando o organismo se inclína para o túmulo, ficava-lhe, como estimulo de resistencia, apenas a ideia fixa, e acalentada durante tanto tempo mais como mania do que como propósito são. E assim a nova causa de desespero, sendo superior á primeira, ficava num plano secundario.

A razão e até o coração, toda a consciencia, davam ao novo facto a primazia triste, mas o espirito exausto de Garçia de Sá já não colhia das novas impressões, por mais pungentes, o que vai além dum abatimento doloroso que o levaria á ação lenta e silenciosa, incapaz dum rasgo ou duma vibração.

De tudo isto se derivava o irremediavel aturdimento com que o velho fidalgo, vendo sempre acima de tudo o seu projéto, procurava Leonor.

E, não querendo considerar ainda a prova indireta, mas alarmante, que lhe davam as palavras e atitudes da filha, desculpava até o seu relativo indiferentismo com a esperança de que D. Alvaro tivesse sido mensageiro duma estreme falsidade.

Joaninha veio á porta dos aposentos de Leonor, ao chamamento de D. Garcia.

O pai perguntou-lhe pela irmã com ares levemente sacudidos.

— Está chorando, disse Joaninha com ar de suplica, estorcendo as mãos.

— Dizei-lhe que quero falar só com ella, volveu D. Garcia, exagerando a rispidês com pouca arte.

Mas o seu olhar era parado e húmido, como o dos resignados á força.

Joaninha voltou depressa.

D. Garcia de Sá nem ouviu umas palavras que ella disse, e entrou logo nos aposentos de Leonor.

A amante do Sepulveda ergueu-se, ainda lacrimosa, quebrantada como nunca no seu orgulho magnífico.

—Sentai-vos, disse apenas o fidalgo, não a encarando.

E sentou-se, tranquilamente quási.

Depois, com a voz cavada e lenta, começou com coragem:

—Entendeis, pois, ainda que dêvo faltar á minha palavra?

Leonor, sucumbida, de fronte pendente, murmurou apenas:

—Não, não posso...

—Não podeis desposar Luís Falcão? gritou elle, avincando todo o rosto.

—Nem esse, pai e senhor, nem outro que não seja...

—Sei, sei o nome desse: Manuel de Sousa Sepulveda! trovejou D. Garcia, cerrando os punhos, mas logo calmo.

E continuou com amargura, quási com timidês:

—Sabiam-nó todos, menos eu.

Leonor volveu-lhe uns ólhos de espanto e súplica que o entibiaram ainda mais.

Era rara nella uma humildade assim, tão rendida de dôr.

Levantou-se o fidalgo, como para respirar melhor, deu alguns passos incertos ao longo do aposento, e tornou a sentar-se.

—E', pois, verdade? Amais Manuel de Sousa? disse então com grande ancia.

— Sim, meu pai e senhor — volveu ella num murmurio.

— Pois bem! é preciso despedi-lo, e é preciso que eu cumpra a minha palavra, redarguiu D. Garcia em tom sêco.

Leonor curvou ainda mais a fronte, e não respondeu.

— Ou será verdade, continuou mais tímido do que irónico o velho, será verdade que vós, vós já delle sejais, delle, de Manuel de Sousa Sepulveda?...

Leonor escondeu o rosto nas mãos de marfim, e ficou silenciosa.

— Confessais-lo então, desgraçada?

D. Garcia clamou isto com enfase, mas já sem forças para uma cólera verdadeira.

Levantára-se com o ar rompente duma personagem de melodrama; porém os nervos não lhe acompanharam a vibração intima. O cérebro do velho recusou-se a dar sangue áquella convulsão ficticia. Estava miserando.

Estava lastimoso de ira frustre, a ira de quem chora sem lágrimas, de quem não póde já com a dôr. Estava deprimido como um réo.

A isto, Leonor começou a soluçar baixinho, vencida, mais esmagada do que se elle lhe tivesse batido, ainda mais humilde do que até ali.

E o pranto da filha dementava-o tanto como o alquebrava.

Demencia anestesica, enervadora. Punha-lhe as ideias em cáos. Fazia delle o miserando, o esmagado, o indigno, com vontade de morrer já, de ser enterrado na lama que a sua dôr remexia alucinadamente.

Mas esforçou-se, reagiu, como pôde.

Livido como um fantasma, teve a coragem duma decisão.

E esta coragem deu-lhe cólera, apezar das lá-

grimas constantes que perlavam a mudez da filha.

Estava de pé. D'olhos muito abertos, a voz explodiu-lhe como uma detonação terrivel:

— Dizei, ordeno-vo-lo, é verdade o que me mandou dizer Sepulveda, que sois a indigna mancêba desse homem?

O arranco fôra supremo.

Leonor estremeceu, ergueu a cabeça e appareceu branca como uma finada.

Depois, firme, enxugando as lágrimas, disse com angustia:

—Sim, pai e senhor, é verdade.

E, antes de elle poder dar-lhe réplica, ajoelhou, arrastou-se assim de joelhos, abraçou-o convulsamente pelas pernas, que tremiam como fustigadas e exangues.

—Sim, mas Sepulveda não teve culpa—gemeu ella, ofegante. A culpa foi toda minha. Pai e senhor, que grande vergonha! Mas vós podeis limpar a deshonra dos vossos cabellos brancos, matando-me! Oh! matai-me, matai-me, que eu vo-lo perdôo, para que Deus me perdôe!

—Antes quero, antes quero, rugia o velho, pondo-lhe os punhos nos cabêlos desgrenhados, mas não a molestando, afinal: antes quero matar-vos do que entregar-vos a quem vos não deve possuir! Ouvis, filha desgraçada? é mais facil matar-vos do que entregar-vos a esse vilão!

—Sim, pai e senhor—gemia ella, não lhe desabraçando os joelhos, rojada, coberta de lagrimas. Matai-me. Para que quero eu uma vida que é a vossa morte? Mas não toqueis nelle, que nenhuma culpa tem...

E, depois de aliviar mais o peito da angustia que a sufocava, continuou:

—Tal é a vossa filha, senhor D. Garcia de Sá, o horror e a vergonha da vossa familia.

Ninguem a seduziu: foi ella que tudo esqueceu por um amor louco. E esta desgraçada, pai e senhor, só póde ser feliz com a morte, já que vós a não deixais pertencer a quem ama, já que só podia ser a deshonra de quem a desposasse, a não ser o amante!

Perdoai-me, senhor, e porisso matai-me, que é o unico perdão com que podeis, visto que só de Luís Falcão julgais que eu dêva ser!

E caiu de bôrco sobre os pés do pai, a arquejar de angustia.

—Só delle—murmurou D. Garcia, como se monologasse, tremulo e vacilante.

Mas, condoído até ás lagrimas, arrancou-se bruscamente dali, deixando Leonor inanimada e mesquinha sobre o pavimento.

Contemplou-a ainda, de longe, com uma aflição enorme, levou as mãos á cabeça em braza, disse umas palavras tristes que só elle proprio ouviu, porque só elle as podia ouvir, e retirou-se devagar, como se temesse ter ainda de voltar atraz.

Mas Leonor continuava imovel.

Fóra da presença della, D. Garcia de Sá ganhou coragem e ação.

Considerou a sua casa como uma fortaleza em estado de sitio.

Chamou Joana e impôs-lhe a despedida de duas escravas.

Pôs á roda de si novos servos, com ordens de vigilancia escrupulosa.

A Leonor proibiu-lhe que saisse dos aposentos.

Barricou a porta que dava para o jardim.

Resolveu nunca mais sair de casa por muitas horas e, a sair, aparecer de subito, quando menos o esperassem.

Depois, correu a escrever a Pantaleão de Sá, ao filho, que estava em serviço na fortaleza de Chaul. A sua carta foi laconica e pungente:

Filho:

À vossa obra está concluida, a obra de protétor das sandices de vossa irmã.

Aqui a temos, barregã de Manuel de Sousa Sepulveda, e aqui estou eu com os cabêlos brancos, cheios de lama.

Como heide cumprir a minha palavra, ao menos? Pois, filhó, ou ella se cumprirá ou eu morrerei.»

Escritas estas linhas, levantou-se de golpe a perguntar a causa dum ruido que o sobresaltára.

Disseram-lhe que Leonor e Joana choravam alucinadamente a vergonha de todos.

Encolheu os hombros.

De que serviam lagrimas?

Afastou-se dos aposentos das filhas e foi recostar-se numa velha cadeira do seu quarto.

Sentiu o prazer negro de estar só com a sua dôr.

Abandonou-se tambem ás lágrimas.

E, soltas ellas, passou pelo espirito a vida épica que tinha vivido.

Viu então, linda como nunca, Leonor, apenas saída do berço, d'olhos negros e brilhantes como as noites da India, com as mãosinhas de neve nas suas barbas, já então grisalhas. E refregas, aventuras, lances de toda a ordem, tudo lhe esqueceu deante daquelle encanto dum anjo que aparece com prestigio de estrêla, na agrura viva da sua epopeia de valor, fé e entusiasmo.

Que saudades! E como as saudades amargam, quando são chamadas pela Decéção!

Quem lhe mostraria, naquelle despontar de rosa de púrpura, quanto de lama não vinha para elle e para todos os seus, maiores e vindoiros?

Corola d'oiro e cristal, quem prediria que o vinha a ser de lodo?

Mas a culpa?

Chegou a pergunta infernal e extrema. Era a culpa só da juventude ardente de Leonor? Era das seduções de Sepulveda, conhecido galanteador? Era delle? Era de todos?

Quanto a si, crêra na dignidade perfeita da filha. Soberba e serena, como ella era, porque duvidaria?

E podia ser o guarda constante da sua honra? Não o chamavam a varios pontos da India ordens que todo o bom português devia cumprir?

A honra da Patria não valia mais do que a honra duma familia?

Veio, nisto, porém, a Consciencia no que ella tem de franco e decidido.

O seu passado não teria uma infamia, digna de expiação?

Não lhe pesava a improbidade.

Nunca fôra covarde, nem intriguista, nem concussionario.

Tinha horror ingenito ao mal.

Não lhe pesava uma brutalidade.

Desde que em 1519 acompanhára Simão d'Andrade a Malaca, até 1535, até aos serviços em Baçaim, serviços que o orgulhavam, nem mancha de pirata nem labéo de algoz.

Em 1536, sim, viera a calunia, mas o seu triunfo resplandecêra e em Baticalá, como em Baçaim e Malaca, como ultimamente em Diu, tinha a con-

sciencia de ter sido sempre tão honrado como valente.

Que tinha elle a censurar-se?

Neste momento, uma figura dôce e triste pareceu-lhe flutuar diante de si.

D. Joana de Noronha, a sua primeira esposa, surdiria aos seus ólhos?

Mas a dizer-lhe o quê?

Respondeu-lhe uma voz íntima, éco das ultimas palavras da esposa moribunda:

—D. Garcia, não volteis a tomar mulher, que muito me afligireis.

E elle jurára-lh'o, convulso de dôr.

Mas os annos tinham passado.

Conheceu em Miragaia, na sua terra, D. Catarina.

Esqueceu o juramento. Que crime era aquelle duma segunda paixão?

Mas esquecêra, mais do que o juramento, a propria honra.

Seduziu D. Catarina e fês della sua mancêba.

Porque a não desposou logo?

Era da classe burguêsa a amante, e elle era fidalgo.

Levou-a comsigo para a India, deixando a familia de Catarina encharcada em lodo e angustia...

Que lhe sucedia agora a elle senão desgraça egual?

O Sepulveda era um vilão? E que fôra elle, desposando só a amante, quando esta agonísava?

Havia só uma diferença: Leonor era fidalga.

Mas recusava-se, porventura, Sepulveda a desposá-la, e não pedia até a mão della com fervôr?

Que concluia? A sua expiação era evidente, mas atenuada pela clemencia divina.

Se Leonor ficava deshonrada, de quem era afi-

nal a culpa? Delle, que não consentia a reabilitação da filha.

E porquê? Para não deshonrar só a sua personalidade, para cumprir a sua palavra.

Não deveria faltar a ella?

Não era Leonor quem o obrigava a faltar?

Não seria mais vilão, dando ao seu genro desejado uma esposa sem honra?

Depois de tudo isto, que concluía?

A consciencia mandava-lhe ligar Leonor a Sepulveda.

Mas, nas ruinas da velhice, medram melhor os escalrachos do que as flores puras.

E chegou primeiro a vaidade.

Depois, veio o capricho.

Emfim, voltou a demencia.

Não podia, não queria, nem sabia faltar á sua palavra.

Tinha resolvido tomar para genro Luís Falcão que o encantava, quando a todos desprazia.

A sua vontade de pai e senhor seria cumprida rigorosamente.

Pouco viveria já. Feita a sua vontade, que sofressem os outros as consequencias dos átos que tinham praticado.

Havia um homem enganado, Luís Falcão? Pois bem! desenganá-lo-ia elle proprio e tinha fé em que Leonor lhe pareceria ainda digna do seu nome.

A consciencia pretendeu ainda combater-lhe a loucura.

Garcia de Sá nada quiz ouvir.

Pobreza de sangue? Desequilibrio mental?

Talvês tudo junto.

Entretanto, Leonor chorava nos braços da irmã um chôro lancinante que seu pai interpretava mal.

A dôr della era a ausencia de Sepulveda.

Não mais o veria.

Não sabia como escrever-lhe.

Tinham-lhe tirado, de subito, as servas de confiança.

Esta era a angustia de Leonor.

Joana, que escrevia com liberdade a D. Antonio de Noronha, a quem esperava por aquelles dias, pesava aflita aquella angustia, mas não encontrava senão palavras.

Passaram assim horas.

De repente, porém, o lindo rosto de Joana teve um relampago.

— Achei — disse ella, a meia voz, convulsa de jubilo.

— Achastes?! inquiriu Leonor, enxugando os ólhos, de face mais animada.

— Sim, irmã. Escrevei a vossa carta, e vereis.

— Mas, Joaninha...

— Vamos, Leonor, escrevei sem detença.

— Oh! Joaninha, Joaninha!

— Duvidais?

— Mas fareis então um milagre?

— Se Deus vos protege...

Leonor, tremula, silenciosa, sentou-se a escrever. Traçou linhas rápidas, tumultuosas. A espaços, caíam no papel torrentes de lágrimas.

A carta teve este laconismo, um verdadeiro grito abafado:

«*Muito querido Manuel:*

Não vos agasteis por vos não aparecer no jardim. Meu pai fechou-me e as escravas e escravos são da confiança delle. De tudo sabe pelo vosso emissario e por mim.

Não consente, e quer cumprir a palavra dada a Luís Falcão.

Por Deus, tende fé e paciencia, para que eu as tenha nesta escuridão, porque, depois disto, julgo que nem ha luz nem ar, e nem sei se vivo, se já sepultada estou.

Vêde se podeis fazer-me chegar algumas linhas, para eu saber que recebestes estas, e para eu ter alguma claridade nesta cova.

Vossa

Leonor».

— Dai cá a vossa carta — disse logo Joana.

Leonor entregou-a á irmã que meteu a carta no seio, e saiu.

A noiva de D. Antonio de Noronha procurou logo o pai.

Foi bater-lhe á porta dos aposentos.

D. Garcia de Sá veio abrir e ficou parado, a sorrir tristemente.

— Vamos, pai e senhor, disse ella, jovial: ainda achais poucas as lágrimas?

E entrou com elle.

Depois, vendo tudo cerrado, foi a uma janela, abriu-a e voltou-se a dizer:

— O ar e a luz tambem dão alegria, pai e senhor.

O velho sentara-se com ar sucumbido, mudo e hirto.

— Não achais isto? disse Joana, depois de percorrer a rua com um olhar rápido.

D. Garcia fitou-a com melancolia, e murmurou:

— Sim, tudo que quizérdes.

— Ah! se fôra tudo! exclamou ella, ameigando-o.

— Que quereis dizer? rompeu elle, carrancudo.

— Pelo menos — acudiu Joana, contendo-se, não vos afligieis assim.

—Não me afligia! disse elle, cavernosamente.

E, levantando-se convulso:

—Ignorais, pois, a vergonha que caíu sobre nós todos?

—Mas sentai-vos, pai e senhor—tornou ella, impelindo-o suávemente—que Deus a tudo hade dar remedio...

—Ah! vós, sim, Joaninha—gemeu, ao sentarse de novo, D. Garcia, muito sentimentalmente; pois compreendestes e seguistes a minha vontade.

—E tambem Leonor a hade seguir, quando Deus o mandar.

—Que dizeis?!

—Que não vos enchais de tristesa, porque Jesus é pai de todos os aflitos.

Dizendo isto, voltára á janela, emquanto D. Garcia, abismado em si proprio, não desfitava o pavimento.

Avistando uma mendiga, que costumava esmolar, fêz-lhe sinal ancioso.

Entretanto, voltava-se a ver o pai que parecía dormir no fundo da sua angustia.

A mendiga corrêra. Caiu a carta nas pedras da rua e após ella algum dinheiro.

Joaninha, resoluta e rápida, disse de cima:

—Levai-a já ao seu destino!

E voltou-se.

D. Garcia de Sá levantara a cabeça, ouvindo aquellas palavras.

—Que dizeis? perguntou elle, de má catadura.

Joaninha não vacilou.

—Digo, pai e senhor—volveu logo, embora afogueada—que... que deveis levar já Leonor ao seu destino...

—Não vos entendo, Joaninha...

—Sim, pai, a desposar Manuel de Sousa—re-

torquiu ella com firmeza—pois que delle toda já é.

—Tambem ensandecestes?

—Não, digo-vos o que é de verdade.

—Pois, filha—rugiu elle, levantando-se tremulo e branco, ninguem vos pede conselhos que me dão angustia. Ide-vos antes a dizer a Leonor que a minha palavra tem de ser cumprida!

—E deixai-me, deixai-me, concluiu elle com ar de nojo, estremecendo todo.

Joaninha contemplou-o um momento, encolheu os hombros com dó, curvou a cabeça e saíu.

Ia júbilosa no íntimo, esquecida do grande fragor da tempestade domestica.

D. Garcia de Sá esteve ainda convulso por alguns momentos, mas, pouco depois, tornou a sentar-se e pareceu adormecer, incapaz de mais luta.

IX

Morte de D. João de Castro

Entretanto, D. João de Castro via realisado o seu grande sonho: esmagar, como esmagou entre varios lances, o poder formidavel do Idalcão.

Cambaia tremia, humilhada.

A India Portuguêsa reganhava o prestigio que fôra tão ameaçado.

Mas a enfermidade apoderára-se cruentamente do exausto organismo do Viso-Rei.

E os sobresaltos constantes não lhe davam paz aos nervos.

A febre, crescente, devoradora, consumia-lhe as entranhas.

O seu belo olhar, tão calmo e firme, amortecia-se e desvairava.

Agora esperava, como uma redenção, a licença de voltar ao reino para descançar nas folhagens perfumadas da sua querida Penha Verde, em Cintra. Escrevêra não só a sua esposa D. Leonor, para lhe conseguir esse suspirado regresso, mas ainda ao Infante D. Luís em carta que foi na armada de Lourenço Pires de Tavora.

E esperava a resposta, satisfeito com o seu re-

nome entre os principes da India e da Europa, feliz por ter amparado a Patria, quando parecia baquear impelida por uma tempestade de odios e ferros.

Mas o tempo decorria lentamente.

O mês de Maio da 1548 chegava além da primeira quinzena, e o tédio e doença de D. João de Castro nem com a entrada triunfal de seu filho Alvaro, ovacionado em delirio por toda a Gôa, depois das suas glorias de Cachem, se atenuavam ou melhoravam.

A tristeza do grande capitão era mortal.

Sem apetite, sem alegria, minado por um terrivel aborrecimento de si proprio, D. João de Castro estava cada vês mais cadaverico.

No dia 21 de Maio recebeu elle a visita de Manuel de Sousa Sepulveda, que notou tambem abatido e lívido.

E, triste, muito convulso, disse logo ao fidalgo:

—Tambem vós, Manuel de Sousa, vos aborreceis e finais na India?

Ao que o Sepulveda respondeu com amargura:

—Vai mal aos antigos servidores de El-Rei.

—Sofreis achaque?

—O peor, senhor D. João de Castro, que é achaque do coração...

—Ah!—acudiu o Viso-Rei com sorriso benévolo—tenho noticia do vosso pezar e, á puridade, que não entendo o rigor de D. Garcia de Sá.

—Pois sabeis, senhor?!

—Até nisso, Gôa é Lisboa. Tudo se sabe. A vossa amada presa em casa sem poder falar-vos, a vós que, segundo dizem, já sois ha muito senhor della.

—Assim é, senhor.

—E desejais que nisso fale a D. Garcia?

—Senhor, ouvireis razões agastadas...

Mas o Viso-Rei não pôde replicar. Contorcêra-se como ferido no peito, empalidecendo funebremente.

Depois, de lágrimas nos ólhos, murmurou sucumbido:

—Como padeço, Senhor Jesus!

Sepulveda correu para elle, ancioso.

—Desejais que chame o fisico, senhor?

—Pois sim, amigo e fidalgo, gemeu D. João de Castro, estorcendo-se ainda, muito me servireis nisso, porque muito padeço.

Sepulveda saiu logo a chamar o fisico e, de caminho, avisou os familiares do estado do Viso-Rei.

Em seguida, saíndo das casas do Sabaio, esqueceu os males de João de Castro pelos seus. Os rigorès de D. Garcia desvaneciam-lhe mais os remorsos que andára sofrendo por ter colaborado na decisão do Abexim.

A morte de Falcão vinha resolver tudo. Deveria perpetrá-la lealmente? Mas, se o seu sonho era desposar Leonor, deveria arriscar-se num duelo, já que seria indigno delle mata-lo á traição?

A' traição?! Mas não o matava elle assim por mão do velho soldado?

Matava, mas o assassino sê-lo-ia por vingança propria, se elle o não estimulasse. E, depois, havia uma senhora desditosa, a morrer talvês aos pedaços, por causa das pretensões dum homem brutal.

Tinha alguma culpa em que esse martirio coincidisse com o delle, ficando a coincidir tambem o interesse dos dois por que Falcão morresse?

Sepulveda amortecia assim a consciencia. O egoismo fazia o resto. E, dentro desse egoismo, predominava a hipocrisia duma exagerada abnegação a favor da mulher amada, quando de si proprio tratava.

As torturas não se extinguiam, mas o triunfo embotava-as num apêgo mais vivo á realisação do seu sonho.

Não era justo o fim? Não salvava uma honra? Que culpa tinha elle em que no meio do seu caminho se deparasse uma pretensão obstinada?

Assim levou todo o dia e parte da noite, sobresaltado e porfiando em desprezar o sobresalto.

Respondêra a Leonor por meio da mesma mendiga.

A carta fôra longa, lampejante de esperanças e amavios.

Mas qual a sua unica esperança? O crime de João Abexim, o crime delle e o seu.

Ao outro dia, 22 de Maio, perto da noite, colheu-o grande alvoroço.

Assomou á janela e perguntou a um soldado, que passava:

— Algum motim?

— Não, senhor fidalgo; é a chegada da nau do Reino.

Desceu logo em direção á Ribeira.

Chegara a frota de Belchior de Sá.

Sepulveda acompanhou o desembarque com febre estranha. Nas horas de angustia, tudo que vinha de Portugal o febricitava.

Belchior de Sá chegou, á bôca da noite, á presença de D. João de Castro.

O Viso-Rei, mais socegado, recebeu-o logo e sorriu ao Sepulveda e a outros fidalgos por os vêr cheios de santo interesse, a visitarem-no com assiduidade.

O comandante da frota contou então que Lourenço Pires de Tavora chegára a Lisboa antes das suas naus de carga. O entusiasmo do Povo e da Côrte com as noticias de Diu fôra enorme. Houvera

procissão da Sé a S. Domingos e *Te-Deum* com um sermão apoteótico.

Entretanto, S. Alteza, longe de conceder a D. João de Castro o apetecido repoiso, ordenava-lhe que servisse por mais tres annos, embora lhe mandasse, com o titulo de Viso-Rei, dez mil cruzados de mercê e ordenado dobrado de capitão-mór a seu filho D. Alvaro.

D. João de Castro ouviu tudo isto e, erguendo as mãos, disse resignadamente:

—Senhor, muitos louvores dou á tua santa bondade pela tua grande misericòrdia... Agora, seja de mim o que fôr mais seu santo serviço.

Mas a febre duplicara, talvês com tanto alvoroço.

Sepulveda e os outros fidalgos, saindo do palacio do novo Viso-Rei, pensaram no fim proximo do herói.

—Grande português se vai perder! disse um delles.

Ao que Manuel de Sousa acrescentou com ar pungente:

—Sorte dos melhores servidores de El-Rei!

Mas Sepulveda abismou-se de novo nos seus desgostos.

Decorreram dias.

No dia 28, chegou a Gôa Martim Corrêa.

Vinha de Lisboa com cartas do Rei, da Rainha e do Infante D. Luís para D. João de Castro, e com cartas para diversos fidalgos, a patente de Viso-Rei e demais mercês.

O Viso-Rei leu, na carta de D. João III, a vontade do habil Pedro d'Alcaçova que lhe impunha mais o serviço de tres annos. O documento, com data de 20 de outubro de 1547, era uma felicitação e tambem uma intimação.

A carta da rainha D. Catarina resplandecia de justiça e criterio.

Não menos justa e afétuosa era a do Infante.

O Viso-Rei comunicou tudo aos familiares, cheio de honesta alegria.

Gôa festejou a nova com repiques, girandolas e fanfarras.

Mas a morte chegava.

A' meia-noite de 1 de Junho, o grande capitão teve grandes angustias e ficou sem fala.

Correram todos os fidalgos ás casas do Sabaio.

Encontraram-no livido, d'olhos fixos no této, como quem procura o caminho do céo, de lingua presa como se lh'a algemasse a nostalgia da Patria e da esposa.

E as convulsões eram incessantes.

Torrentes de suor frio lhe perlavam as grandes barbas encanecidas.

A dôr de todos era enorme. Ninguem respirava, á espera dum golpe.

Mas, ao romper d'alva, o enfermo recobrou a fala.

A luz da aurora fizera um milagre.

Por isso a Aurora é um anjo de Deus.

E, proferidas as primeiras palavras, ouviram que fazia o pedido dos sacramentos.

Confessou-o logo D. João Afonso d'Albuquerque, o Bispo, comovido e dedicado sempre.

Depois, antes da comunhão e da extrema-unção, que recebeu á tarde, depôs o Govêrno nas mãos do Bispo, do Capitão-mór de Gôa, do chanceler-mór, do Ouvidor Geral e do Veador da Fazenda, isto é, nas mãos de D. João Afonso, de D. Diogo d'Almeida Freire, do Dr. Francisco Toscano, de Sebastião Lopes Lobato, e de Rodrigo Gonçalves Caminha.

E, a seguir, chamou a si varios magistrados do Povo e varios clerigos e frades.

Soerguido com dificuldade, protestou a sua honradez e mostrou a sua pobreza.

De repente, descaíu, exausto de todo, parecendo expirar já.

Mas aquelle espirito desencarnava com dificuldade.

Prendia-o ainda a voz da consciencia.

Avistando o Sepulveda e Francisco da Cunha, dos quaes se queixára ao Rei por não terem aceitado a capitania de Diu, chamou-os e, em voz débil, repassada de humildade, pediu-lhes perdão.

E, nesta satisfação da paz intima, não esqueceu ninguem que tivesse agravado, e rogou ao Bispo e confessor que por elle pedisse perdão a Belchior de Sousa e a seu irmão Aleixo pelo que os molestára.

Pediu então varios papeis que rasgou, como se despedaçasse velhas algemas, e entregou um cofre, cheio doutros, ao filho D. Alvaro que assistia com serenidade estoica, livido, mas imperturbavel.

Nisto, uma claridade singular o iluminou a elle e a todos.

Um frade, d'olhar alegre e sereno, entrava lentamente nos aposentos.

O seu sorriso adoçava a maior angustia. Os seus olhos pareciam estrelas.

O moribundo compreendeu a alegria santa daquelle rosto e sorriu, enlevado.

Na verdade, que era a morte para o justo mais do que a felicidade suprema?

—Francisco Xavier! disseram dois frades, fitando com jubilo o recem-vindo que saudava todos com humildade.

O Santo, porém, abeirara-se do leito do moribundo e beijava-o na fronte.

E D. João de Castro, enternecido e feliz, murmurou com enlevo:

—Sempre viestes, Padre Mestre Francisco Xavier. Muito vo-lo agradeço. Comvosco, irei melhor pela Eternidade dentro...

—Tinheis aqui Fr. Antonio do Casal e outros bem melhores do que eu—redarguiu Francisco Xavier.

—Não se agastam elles com preferir-vos, como Santo que sois... volveu o Viso-Rei.

—Santo?!

E Francisco Xavier, curvando-se ainda mais humilde, pretendeu esconder as lagrimas do seu reconhecimento ao que julgava benevolencia e simpatia.

Depois, alevantando a bela cabeça, disse a D. João de Castro:

—Muito vos saúdo pelas mercês havidas do Reino.

—Bem tarde vieram—murmurou o Viso-Rei.

—Bastante cêdo para verdes que os homens vos fazem um pouco da justiça que mereceis a Deus...

—E merece-la-ei?

—Porque não, se de tanta piedade estais dando o exemplo?

A presença de S. Francisco Xavier pareceu prolongar a vida do Viso-Rei.

Passaram dias em praticas piedosas. D. João de Castro, o apostolo da Espada, purificava a alma no verbo do Apostolo da Cruz.

Chegou, emfim, o dia 6 de Junho.

Desabara sobre Gôa um temporal formidando.

Ouvia-se o despenhar da chuva, torrencial, incessante, e os assobios do vento penetravam pelas fendas das janelas do palacio do Sabaio, como uivos de demonios vencidos.

D. João de Castro, desde a madrugada, que descaía muito de forças.

O rosto mostrava o tom eburneo dos organismos que parecem ossificar-se, perdendo os musculos, mal deixando os relevos da carne, apenas denuuciando ainda a vida dos nervos.

Vidrava-se-lhe e espavoria-se-lhe o olhar.

O peito, anciado, despedia o rumor duma cachoeira distante.

Rodeavam-no todos os que chamára para tomarem conta do Governo, muitos fidalgos, como Garcia de Sá, Sepulveda, Francisco da Cunha e outros, clerigos, frades, o bispo e, perto da cabeceira, calmo e lampejante de olhar, S. Francisco Xavier com um crucifixo nas mãos finas, quasi transparentes.

O silencio era absoluto. Ouviam-se, comtudo, as preces em voz baixa de todos, quasi tão lividos como o moribundo.

D. João de Castro correu os aposentos com o olhar vago e procurou depois a face branca e serena de S. Francisco Xavier.

O Santo aproximou-se mais e, lançando-lhe o braço direito em volta da cabeça tremula, disse-lhe palavras de fé e amor, bafejando-o paternalmente.

O Viso-Rei respondeu numa ancia, entrecortada de suspiros, fitou o Santo com afécto, e sorriu resignado.

Depois, elevou a vista ao této, luarisou-se-lhe toda a face, inteiriçou-se, e deixou cair a fronte desamparadamente, num movimento subito.

Ao mesmo tempo, a sua voz, que pareceu sobreviver instantes, gemeu no arranco supremo:

—Jesus! Senhor Jesus-Cristo!

Fôra o ultimo suspiro do Viso-Rei.

Todos então se moveram, convulsos, para o cadaver do heroi.

S. Francisco Xavier, d'olhos no alto, parecia estar a ver subir, diáfana e luminosa, a gloriosa alma do grande Viso-Rei.

E, contemplando aquella ascensão, só para elle visivel, orava em extasis.

Este extasis deteve o tumulto de todos.

Cairam de joelhos sem um grito.

Naquella hora esqueceram-se das paixões da terra.

Sepulveda e Garcia de Sá, inimigos, tinham a serenidade comovida de irmãos.

Ao lado do Bispo, que rezava d'olhos inundados de lagrimas, Fr. Antonio do Casal sorria inefavelmente, como se visse tambem, com Francisco Xavier, a entrada da alma do Viso-Rei no esplendor da Eternidade.

Depois, foram as ultimas homenagens.

D. João de Castro foi vestido com o manto da Ordem de Cristo. Cingiram-lhe uma espada doirada.

Sobre o vestuario, como mortalha querida, o habito de S. Francisco.

Deitaram-no na alcatifa dum esquife, descançando-lhe a cabeça em cabeceira de veludo. Assim ficou exposto o cadaver do Viso-Rei.

A comoção de Gôa, ao saber do passamento de D. João de Castro, teve a amargura e o desespero duma filha que perde o Pai que adorava.

Dir-se-ia ter morrido de novo Afonso d'Albuquerque.

Portuguêses e canarins choravam, como irmãos, correndo ao palacio aos vagalhões, apezar da chuva que caía constantemente, como uma torrente de lagrimas gigantescas, inexgotaveis.

Cuidou-se do funeral.

D. João de Castro quís ser sepultado no templo de S. Francisco a cujas lageas dava a carne, legan-

do os ossos, depois de esburgados, á sua capela de Cintra.

O acompanhamento foi imponente de cleresia, fidalgos e povo, de tochas acêsas nas mãos, apezar do temporal.

Quando o cadáver teve sepultura na capela-mór de S. Francisco, uma tempestade de soluços respondeu doloridamente á tempestade do céo.

Era o lancinante pranto, não só de Gôa e da India, mas de toda a Patria Portuguêsa.

Mas a dôr teve logo de calar-se para falar a lei.

Levantou-se sobre os degraus do altar-mór, com gesto solene, o chanceler Dr. Francisco Toscano.

Abriu o saco das sucessões, que eram cinco.

O secretario Cosme Anes leu a primeira. Vinha nomeado como sucessor de D. João de Castro o grande capitão D. João de Mascarenhas, o herói de Diu.

Mas D. João de Mascarenhas estava no Reino.

Cosme Anes leu então a segunda. Resoou o nome de D. Garcia de Sá.

O movimento de todos foi vivo e unanime. O velho fidalgo, surpreendido, ouviu, esgazeou os grandes olhos, e caiu de joelhos, banhado em lagrimas de comoção.

Depois, dando graças a Deus pela honra inesperada, orou por alguns minutos de face radiante.

Via, mais do que a gloria, o triunfo sobre os seus velhos inimigos. Estava vingado de todas as calunias.

Correram então para elle os fidalgos, abraçando-o, felicitando-o, saudando-o.

Sepulveda foi um delles, e D. Garcia de Sá sorriu-lhe sem grande constrangimento.

Tomaram-lhe logo ali o juramento e ali o abençoou o Bispo, ainda d'olhos chorosos.

Do templo, seguiu o novo Governador para sua casa que, havia dias, instalara nos arrabaldes de Gôa, como que para afugentar melhor o amante da filha.

E assim viu o tumulo de D. João de Castro levantar o novo governo.

No fim da solenidade, Manuel de Sousa Sepulveda caminhava depressa, por causa da chuva, em diréção á sua morada.

Perto della, uma mendiga lhe fês um sinal. Entrou dentro duma loja de mercador.

A mendiga deu-lhe uma carta, e o Sepulveda esmolou-a.

Depois, murmurou-lhe:

—Ide depressa, que o senhor D. Garcia de Sá saiu governador da India!

—Que alegria! respondeu a mendiga, alvoroçada.

E deitou a correr.

Mas Sepulveda, apreensivo, acrescentou seguindo para casa:

—Que tristeza!

E, depois dum suspiro profundo:

—Que maior não fica a palavra dada, se D. Garcia subiu tanto!

E, entrando em casa, deitou-se no leito com amarga vontade de chorar.

X

Emfim!

Luís Falcão recebeu com delirio a nova de que D. Garcia de Sá fôra nomeado Governador.

A tal noticia, pareceu-lhe ter crescido de estatura.

Com um sogro tão alto aonde não chegaria elle?

Não deveria até ficar em Gôa?

Quem sabe? Não poderia até suceder ao velho fidalgo, que o havia de alevantar em conceito aos olhos de toda a Côrte?

Porque não? Que mais tinha feito do que elle D. Garcia de Sá?

Desde que em 1531 capitaneára um galeão, a sua vida era perfeitamente épica.

Guarda-mór de Ormús no anno seguinte, pelejara como um titan.

Fôra dos mais intrepidos na tomada de Baçaim em 1533.

Provido capitão de Ormús em 1538, até 1544, em que tomára posse, andara constantemente ao serviço de Portugal, batendo-se sem vacilar, sofrendo todos os lances e perigos.

D. João de Castro distinguira-o entre os seus melhores capitães;

Que significava, se não grande honra, a perigosa capitanía de Diu?

E, genro do novo Governador, não podia e devia ganhar prestigio em outros feitos?

Não seria melhor ganhar ainda mais loiros na capital da India, bem perto de Gôa, de maneira que o seu nome se impuzesse melhor á estima da Côrte?

Não, não fugiria, como planeara, á vida de combate.

Procuraria, sim, com arte os lances vistosos, assegurando quanto possivel a vida, mas por forma alguma regressaria ao Reino, quando tudo o impelia para uma primacial grandeza.

Em Diu tudo parecia normal. Corrêra que João Abexim passara lá e fôra para o meio do gentio soprar uma rebeldia. Até agora nem um rumor, e que podia fazer o velho e pobre soldado contra o grande poder da fortaleza?

O gentio estava aterrado. Nenhum bom português acompanharia a infame traição de João Abexim. Quem sabe? Talvês no interior do país dos gentios tivessem matado áquellas horas o velho louco!

Oh! a sua boa estrela resuscitava!

Conhecido em Diu como noivo da filha do novo Governador, cercavam-no dum respeito tão profundo, que encobria quasi o terror.

E aquella baixeza de todos encantava-o e fortificava-o.

Andava alegre, saindo muito com o filho, brincando com elle despreocupadamente.

Aumentara-lhe a soberba e voltaram-lhe os antigos repelões autoritarios, mas corrigia-se logo, fiado em que brevemente deixaria Diu, desejoso de não levar após si grandes écos de maldições e odios.

Chegou nisto Setembro daquelle anno de 1548.

Num dos primeiros dias desse mês, ao meio-dia, conversava elle com um familiar, soldado velho que fôra de Gôa por favor ainda de D. João de Castro.

O familiar era rude e energico. Entendia-se bem com Luís Falcão.

O velho soldado ouvia-o com ar grave, de cabeça inquieta como a dum lebreu espavorido.

Falcão notou isto.

—Mas que tendes vós hoje? perguntou-lhe com ar de zombaria.

—O que tenho ha bastantes dias, respondeu o familiar com vontade de abrir-se.

—Mas que ha? Ocultais-me algo?

—Para quê sobresaltar-vos?

—Dizei, dizei... Vêm os Rumes sobre a fortaleza? Talvês viesse a proposito...

—Se não os temos já em casa...

—Que dizeis?

E Luís Falcão levantou-se, livido de morte.

—Calmai-vos, senhor, volveu o familiar, que nada tenho de certo.

Falcão sentara-se, porém, já calmo.

—Que perigos—disse elle, nisto—que perigos póde haver, se a gente de Cambaia está esmagada? Bem dura lhes foi a lição...

O velho soldado não respondeu logo.

Fitou o pavimento com fixidês, franzindo o sobrolho.

Depois, muito apreensivo, tornou:

—Parece, senhor capitão, que correis vós só o perigo, e não a fortaleza...

—Ah! ameaçam-me a mim...

—Assim o julgo por certos indicios e por palavras que correm nas locandas.

—Não dizeis, pois, tudo? perguntou Falcão, novamente ancioso.

—Sim, tudo, que, infelizmente, é pouco.

O familiar olhou á roda com inquietação e volveu, em voz velada:

—Ha muitas noites que rondo as vossas casas, porque pelas sentinelas foi visto, ha tempos, a horas avançadas, um vulto de homem que andava á roda com grande cuidado...

—E não o prenderam?

—Fugiu logo e mais vêses tem sido visto e sempre se escapa sem que ninguem saiba por onde...

—Algum canarim, ladrão de aves...

—Ou algum assassino, que corre ter jurado matar-vos.

—Mas, havendo boas vigias...

—Tê-las-eis, mas rogo-vos, senhor, não saiais de noite, como é agora vosso costume.

—Não vou eu com soldados?

—Pois alguns dos que vos teem acompanhado teem visto ao longe esse homem que ronda tão subtil...

—E nada me teem dito?!

—Para vos não sobresaltarem, senhor.

—Julgam então que tenho medo?!

E Luís Falcão levantou-se, colerico.

—Não vos atrigueis, senhor, acudiu o familiar. Um capitão não póde nem deve expôr-se como um simples soldado.

—Que quereis então que eu faça?

—Sómente, que não saiais de noite.

—Pois descançai: não sairei. Farei o meu quarto da prima, como de costume, mas dentro de casa.

—Porventura que assim se aproxime mais o homem.

—Julgais sempre que é um assassino?

—E perigoso, que fóge como um fantasma, e conhece melhor que nós todos o piso nesta terra.

Esta conversa entristeceu estranhamente Luís Falcão que, quando ficou só, correu instintivamente a carregar a sua espingarda.

Mas depois, encolhendo os hombros, foi deitar-se a dormir a sésta.

Entretanto, no interior da locanda onde vivia ha tanto tempo, João Abexim, o velho soldado dormia fatigado, numa sobreloja escusa, onde ninguem sabia delle.

Dormia de dia, em abandono de corpo e espirito, cheio de pungente cansaço.

De noite, depois do locandeiro vir revistar a rua, saía pela horta, saltava um muro e cosia-se com os muros da fortaleza, pisando pedras e mato subtilmente.

De rastos, acercava-se da casa do capitão, passando entre o capim sem que o vissem as vigias.

Depois, lá ao alto, levantava-se, cosido com as arvores, de espingarda aperrada.

Falcão saía todas as noites a rondar o forte, mas ladeado de soldados.

João Abexim continha-se e repetia com paciencia o seu passeio noturno, havia muitas noites, á espera de que o capitão ficasse todo a descoberto.

Por singular felicidade, quando o fazia, não era visto pelo velho soldado.

Algumas vezes via-se presentido.

Então, lesto como se fôra joven, deitava-se e arrastava-se pelo capim e depois entre as pedras e o mato.

Duma vez sibilou-lhe uma bala perto da cabeça.

O locandeiro contou-lhe nessa noite, que um soldado já velho parava, ás vezes, como que com

faro, diante da locanda, d'ouvido á escuta, com ar fúnebre.

João Abexim sorriu.

—Que quereis? Espero que heide matá-lo! respondeu o pai de Maria com uma tranquilidade estupenda.

E proseguiu nas suas rondas, muitas vezes avistado e nunca detido, nunca percebendo ninguem como se escapava.

Naquella tarde, dormiu profundamente até á noite.

Depois, levantou-se.

Vinha radiante.

—Estais tão alegre? disse-lhe o locandeiro.

—E' hoje, respondeu João Abexim com terrivel laconismo.

—Porque o dizeis com tanta certeza?

—Sonhei, sonhei tudo.

—Não estareis com febre?

—Vê-lo-eis.

Deixaram adiantar a noite. Depois, o velho soldado saiu para a horta, saltou o muro e perdeu-se nas trevas profundas.

Luís Falcão fazia o quarto de prima dentro de casa, de rosto voltado para a porta que dava para o baluarte onde via os soldados a vigiarem.

Sentara-se completamente despreocupado, diante da mêsa de jantar, esquecido dos terrores do familiar e tinha o seu filho Aires entre os joelhos, brincando com elle como com criança de mais tenra edade. Estava muito alegre e um pouco quente de vinho que acabava de beber á ceia.

—Dizei, Aires, quereis ir até Gôa?

—Sim, pai, gostava de vêr Gôa.

—Lá viveremos, ainda que não juntos,

—Já m'o dissestes,

—Mas irei vêr-vos todos os dias.

—Sim, pai.

Mas a criança dizia isto com ar consternado.

—Não vos aflijais, tornou Falcão. Assim é preciso, já que vou casar-me.

—E porque não poderia eu viver comvosco?

—Talvês mais tarde...

Entretanto, João Abexim viera de rastos até á residencia do capitão.

Apurara o ouvido, sentindo a voz de Falcão.

Levantou-se, protegido por uma faia gigante.

Espantado por não ver o capitão na ronda do costume, esteve a pensar no que faria.

Defronte, muito perto, luziam as armas dos soldados.

A voz de Falcão vinha de dentro de casa.

Esperou, lgeiramente convulso.

Mas o dialogo do capitão com o filho proseguia.

A voz do homem odiado tinha o timbre rouco da embriaguês dos irónicos.

Nada mais parecido com a detonação duma arma.

—Talvês mais tarde—dizia—que a tua madrasta hade querer ver-vos e hade estimar-vos...

—E eu a ella, pai...

—Ainda vós a não vistes.

—E' então muito linda?

—Como uma rainha.

João Abexim via o clarão da porta da casa sobre o capim alteroso.

Rojou-se logo. Meteu-se subtilmente entre o capim e parou diante da facha de luz.

—E é rica?

—Muito, apezar de todos dizerem que D. Garcia de Sá é pobre.

—Oh! mas agora é o Governador da India!

—Como vosso pai o hade ser, filho. Como talvês vós mesmo o sejais um dia.

—Daqui a muitos annos, não é verdade?

—Depois de eu morrer, como o senhor D. João de Castro...

—Já era velho o Governador?

—Ainda não. Tinha quarenta e oito annos.

João notara a grande altura do capim. Pôs-se de joelhos. Levantou de manso a espingarda.

—Não devia morrer tão cedo, disse Aires.

—Sim, é triste morrer tão cedo e com tanta gloria.

Falcão disse isto com tristeza, como ferido de visão telepática.

Sentiu um frio desconhecido nos membros.

Respirou mal.

Conhecendo que estava indisposto, colheu a cabeça do filho, beijou-o com uma ternura que nunca tivera, e depois, levantando a fronte, olhou instintivamente para o baluarte.

Neste mesmo momento, uma grossa espingarda sintilava entre o capim.

Um olhar feroz guiava a pontaria.

Falcão julgou ver o relampago dum pirilampo desconforme na espessura das trevas.

Ficou, de face erguida, apoiando-se á mesa que tinha perto e onde ceára com grande prazer.

Prescrutaria a escuridão?

Teria um presentimento?

Aliviaria com o ar fresco da noite a perturbação repentina e estranha que sentira?

Mas, de subito, um clarão sinistro veio até á luz da porta.

Houve um estampido violento e zumbiu uma bala.

Luís Falcão recebeu-a na cabeça, donde jorrou

logo um rio de sangue, estrebuchou, descaindo sobre o filho, que o amparou com horror e depois, emquanto a criança fugia, cheia de panico e aos gritos, desabou sobre a mesa, redondamente morto.

O familiar do capitão ouviu o tiro e correu logo.

Acorreram soldados da fortaleza.

Bateu-se toda a praça de Diu.

João Abexim fugira com presteza e, aproveitando o tumulto, descera á praia, desamarrára uma fusta, e seguira nella sobre as ondas, desaparecendo sem ser presentido, no abismo das trevas e das aguas, muito pará alem das penedias.

Palparam o capitão.

Estava gelado.

O tiro vasara-lhe o craneo até á base.

Um rio de sangue cobria todo o cadáver.

Faziam pavor os seus olhos fóra das orbitas.

Cerraram-lh'os violentamente.

O familiar mordia as barbas e esperava noticias do assassino.

Mas os soldados chegavam todos sem ninguem.

Nem no mato, nem nas locandas, nem nos barcos surtos no rio.

—Deixem nascer o dia—disse então o velho soldado.

Encolheram os hombros. No intimo pouco pezar tinham.

Ao romper d'alva, continuaram as pesquizas.

Diu estava indiferente, como o belo sol que rompeu.

Pelo meio da manhã, um soldado procurou afanoso o familiar.

—Encontrastes alguma coisa?

—Sim, o matador desamarrou uma fusta e foi-se com ella.

—Mais nada?

—Mais nada.

Então o velho soldado, afagando Aires, que ouvia d'olhos muito espantados, disse com uma tristeza funebre:

—Agora só Deus pódé prender o matador e vingar o senhor Luís Falcão.

E, num punhado de lagrimas, fês os unicos sentidos responsos por alma do brutal capitão de Diu.

XI

Uma figura augusta

D. Garcia de Sá não ocultou a alegria pela sua nomeação de Governador.

Alguns inimigos o apodaram de vaidoso. Outros, de faminto de represalias, acalentadas durante annos. Não faltou quem lhe posposésse ao nome de Garcia o sobrenome de Noronha II, num agoiro sinistro.

O novo Governador, áparte o amor-próprio mais legitimo, amor-próprio ao qual até D. João de Castro se entregára inofensivamente, não queria tomar outras represalias contra os inimigos do que vêr rehabilitada a honestidade pelo mesmo Principe que della suspeitara injustamente, ao sabôr da intriga.

Depois, a despeito da visivel decadencia do seu espirito, não temia deixar-se levar pela injustiça, e contava muito com a sua larga pratica de coisas da India.

Da sua experiencia, aliás, confiaram logo muito os povos, que o admiravam e amavam.

Enganavam-se elles, ou os poucos detratores do velho e simpatico fidalgo?

O seu Governo respondeu depressa.

Num impulso de jubilo, D. Garcia esqueceu deveras as tempestades domesticas.

Nada insufla mais tolerancia para com a familia do que o interesse de todos, da grande familia de familias, a Patria, e ainda mais o interesse da grande Patria das patrias — a Humanidade.

Retirou logo do arrabalde onde parecia esconder-se, como um velho leão receoso.

Instalou-se na Casa dos Contos, com pompa mediana, mas com dignidade.

Deu meza a muitos pobres desde logo.

Ainda muito átivo e cheio de boa vontade, começou a ouvir missa de manhã cedo, para se entregar todo o dia ao mais largo despacho.

Os humildes tiveram logo nelle um protétor carinhoso.

Toda a petição lhe merecia respeito e exame atento.

Não havia para elle horas inconvenientes.

Recebidos os requerimentos, corria á sala do despacho a ouvir ponderadamente o secretario e conselheiros de estima, mas resolvia, sempre conforme o conhecimento que, pela sua longa estada na India, tinha das necessidades e direitos de todos.

E, se a questão, por dificil, exigia a opinião dos letrados, convocava-os sem demora e no mesmo dia em que a petição era entregue recebia ella o despacho.

Cheio de coração, aliviava as despezas dos requerentes pobres, se as não podia anular por completo. Para D. Garcia de Sá despachar favoravelmente, ficou sabido em Gôa e, pouco depois, em toda a India, que não era preciso ser poderoso, ou ter protècção de poderosos: o que era indispensavel era ter direito de pedir.

A sua preocupação constante foi a pobreza ge-

ral, e tamanha que elle não podia extingui-la, apezar da sua boa vontade.

O estado de guerra permanente depauperava o Governo da India pelas despezas excessivas e constantes.

O comercio, pela mesma causa, paralisara-se.

Os portos estavam vasios de naus mercantes.

D. Garcia viu fechadas todas as portas para realisar um grande emprestimo.

Qualquer outro esmoreceria, sucumbido, ankilosado pela realidade áspera.

O novo Governador opôs ás dificuldades uma coragem e tenacidade épicas.

De todos os seus feitos na India, não era este o menor.

Trabalhou sem repoiso, como se rejuvenescesse, como se renascesse maior do que nunca fôra.

Não se poupou nem no tempo nem nas proprias relativas privações.

Esqueceu tudo, as dôres mais intimas, por aquelle fito nobre.

E, depois de mil expedientes dignos, de mil lutas, de mil prodigios de verdadeiro valor, conseguiu em agosto fazer um largo pagamento a muitos que, recem-idos do Reino, mendigavam miseravelmente pelas ruas de Gôa, como vergonhas ambulantes.

D. João de Castro desempenhara o papel de Rómulo: D. Garcia de Sá tomou a si o de Numa. Numa foi, em tudo, digno de Rómulo.

Os magistrados, sob o seu influxo, redobraram de atividade.

Fundou outra Mesa de Relação.

Nomeou mais letrados para o despacho.

Apertou os desembargadores para desenvolverem o expediente, dando saída a petições que, havia tres e mais annos, jaziam nas pastas do Desembargo.

D. João de Castro, excelente capitão e distinto homem de letras tambem, prezára, comtudo, exclusivamente as armas. Do Despacho tinha as impressões ligeiras de quem traz longe de coisas comesinhamente praticas a razão e o coração.

Assim fizera ouvidor geral um ignorante—Lopes Lobato, homem iletrado.

D. Garcia de Sá substituiu-o logo pelo licenciado Antonio Barbudo.

Depois, com criterio elevado, determinou-lhe o serviço.

Ordenou-lhe que désse audiencia todos os quinze dias aos presos do Tronco.

Deu-lhe instruções apertadas sobre os negocios da Ribeira, e do Hospital, cada vês mais cheio este de enfermos, chegados do Reino em viagens trabalhadas cruamente.

Depois, D. Garcia pôs os olhos nos velhos navios, montes de madeira apodrecida em frente da Ribeira. Destruiu-os. Mandou fundir velhos canhões, perfeitamente inuteis. Em seguida levantou uma grande oficina de espingardaría e mandou fabricar armas. D'aí a pouco o exercito da India tinha 10:000 espingardas novas, de excelente calibre.

Entretanto o Idalcão, ao saber da morte de D. João de Castro, exultava, mas, conhecendo bem D. Garcia de Sá, nem porisso deixava de lhe pedir paz.

O Governador desenvolveu nisto uma diplomacia corréta e util.

A paz assentou-se com honra para a Bandeira Portuguêsa. A India continuava digna de D. João de Castro.

Algumas perturbações rugiram neste principio de Governo, como provações impertinentes.

Os frades dominicanos tinham fundado um convento ao pé de Santa Maria do Monte. Prégaram

elles contra a escravatura num rasgo puramente cristão.

Não compreenderam os escravos o alcance da prédica, que ia direita ao coração e á razão dos poderosos, e não como sôpro de revolta no animo dos desgraçados.

D'aí nasceram motins e rebeldias. Mas os mesmos dominicanos os souberam reprimir, prégando e iluminando.

Peor foi o fruto da emigração constante de selerados e rufiões que, a cada passo, iam de Lisboa para Gôa, ás ondas, ondas de lama e febre.

A capital da India via-se coalhada destes terriveis mendigos.

[illegible]am-lhes mêsa o Governador e quatro opulentos [illegible]algos.

Os frades franciscanos socorriam-nos com um ardor, por vêses sublime.

Centenas de homens tinham assim pão e até abrigo.

Mas os aventureiros, que tinham sonhado só arvores de oiro, desabafavam, ao menor pretexto, o seu azedume de dececionados.

Um dia, á meza do Governador, levantaram-se vociferando e brandindo armas contra o viador que os servia. Disputavam primazias de logares, rugiam exigencias de miseraveis.

A vida do viador esteve em perigo e a guarda de D. Garcia de Sá teve de varrer a sala á força das armas, com energia oportuna.

Mas, na rua, aquella turba chamou a si os mendigos e os vagabundos, e ergueu um tumulto em que trovejaram morras ao proprio Goveruador.

Passou, nisto, a cavalo Antonio Pessoa, garboso fidalgo.

O cavaleiro pretendeu serená-los, censurando-

lhes a ingratidão para com quem lhes dava alimento.

A resposta foi um uivo de guerra a tudo e a todos, uma ameaça de morte ao Governador, o estrepito duma sedição plena.

E feriu-se uma peleja nisto. Dum lado, Antonio Pessoa e os seus escravos; do outro lado, os rebeldes, d'olhos em fogo, ambições desesperadas, sedentas de tumulto e saque.

Interveio de novo a guarda do Governador com grande esforço e peso d'armas. Compareceram meirinhos e magistrados. A autoridade compareceu em toda a força.

Os rebeldes fugiram então. Mas deixaram seis nas mãos dos soldados.

Fingiu-se D. Garcia de Sá implac[illegible] contra elles, clamando que os queria todos enf[illegible]dos.

Como diz Gaspar Corrêa, no tempo doutros governadores, seriam enforcados cem, se os apanhassem.

D. Garcia mandou apenas enforcar o cabeça de motim, e fês publicar que os outros, porque lh'os tinham pedido os frades dominicanos, não os pudera mandar á fôrca.

E ficou satisfeito no seu brio, porque acalmara os pedidos do seu coração.

Pacificada depressa Gôa, D. Garcia de Sá lançou os olhos ao resto da India.

O comercio sofria cada vês mais.

Os mares andavam coalhados de piratas.

Ao pé de Baticalá, por exemplo, as naus eram mortificadas por fustas cheias de ladrões.

Mandou depressa o védor da Fazenda a dirigir a carga em Cochim.

Bastião de Sá seguiu com 14 naus para a costa do Malabar, para proibir a saída da pimenta.

Depois, o Governador volveu os olhos a Baçaim, que tão bem conhecia.

E preparou-se para ir elle em pessoa numa armada de 28 vélas.

Baçaim tinha um passo por onde ruíam sobre a fortaleza frequentemente os inimigos,

Pensou em erguer nesse passo um forte castelo ao qual daria uma grande guarnição.

E assim em poucos dias o novo Governador fazia uma obra, digna de alguns annos.

Os detrátores de D. Garcia sumiam-se, entretanto, pouco a pouco.

Eram já raros.

D. Garcia de Sá, desde os seus primeiros tempos, conhecera o perigo de ter valor invulgar, de ter carater, talento, esforço e coração.

A sua bravura principalmente teve para os mediocres, para os simples ambiciosos, um defeito imperdoavel: não ter crueldade.

Mas o que mais chocava ainda os grandes fidalgos de Gôa era que num só homem vivessem tão radiosamente, a inteligencia esclarecida e culta, que lhe dava profunda noção e solução dos problemas mais dificeis da vida da India, e um carater de tal quilate, que era inatacavel a sua honestidade.

E destes predicados singulares extraíram os invejosos a sua hostilidade.

D. Garcia não explorava os seus rasgos de valor e de virtude.

Desprezava tanto as intrigas, que nem as desfazia.

Aconselhava, e não dizia a todos que era seu o conselho.

Combatia, e não preparava o triunfo.

Nem, ás vêses, consagrações artificiosas doutros o arrancavam da modestia jovial que o distinguia.

Via-se preferido por imbecis, e até por covardes, e sorria resignado.

Via-se pobre, e não invejava a riqueza dos mais impunes concussionarios.

Como que tinha a visão de quanto para elle seriam sempre injustos os homens. Dir-se ia que viu a injustiça da propria Historia, a qual até hoje, apezar das paginas honestas das *Lendas da India,* ainda não mostrou o brilho inteiro de tão grande e limpida figura.

Os invejosos farejaram naquella indiferença cristalina um temperamento apático.

Fizeram, primeiro, a velha conspiração do silencio quanto aos seus meritos.

Depois, lançaram a calunia.

D. Garcia era um ladrão.

Boquejava-se que tinha elevada inteligencia?

O seu talento corria parelhas com a sua honestidade. Mas não lhe reconheciam a bravura?

Havia um processo simples de a pôr de parte: lembrar, até com exagêros, a doutros.

E a nódoa cresceu, alastrou e chegou até Lisboa.

Se Nuno da Cunha não fôra um espirito energico, D. Garcia de Sá teria morrido num dos cárceres do Reino.

Mas o fidalgo, reabilitado devéras, passou por um favorito habil do seu defensor.

E descobriram: D. Garcia tinha, afinal, talento, o talento duma astucia terrivel. Hipnotisara Nuno da Cunha.

A Côrte tolerava-o na India, porque precisava delle, ou antes porque o supunha de valor nos lances do Oriente.

D. Garcia de Sá sustava-os a este ponto, porque, ferido em cheio, soubera defender-se com veemencia e clareza.

Depois, a sua abnegação começou a tòrna-lo menos perigoso.

Esquecêram-no, ao vê-lo confundido com homens de pouco valor.

Mas não o esquecia o Povo, que delle colhêra notas de sagrada justiça.

D. João de Castro e D. João de Mascarenhas viam-no como o Povo.

A Côrte depressa o viu igualmente.

E, de subito, embora na falta de D. João de Mascarenhas, apareceu o Governador da India.

Os raros detrátores sorriram ainda, esperançados num prazer ruim.

Tinham-se habituado tanto a mentir, que mentiam ainda a si proprios, que estavam convencidos de que era verdadeiro o que davam como corpo da sua velha calunia.

Assim, esperavam um governo tibio, talvês caótico e revoltante, deshonesto sempre e fraco. A avançada edade de D. Garcia de Sá justificava-lhes o calculo em parte.

Que sorrisos de perfidia!... Ha sorrisos destes em volta de todos os leões.

Mas D. Garcia de Sá, se era inferior a D. João de Castro em capacidade estrategica, tambem não tivera nunca ensejo para mostrar, como grande capitão, a sua sciencia de guerra em lances como os de Diu, embora nestes, se elle tivera outro amor próprio, lhe fôsse facil provar que muito valêra o seu conselho.

Como diplomata, afirmava-se maior do que o antecessor, na paz com o Idalcão.

Como administrador honesto, se não empenhava as barbas como o grande Viso-Rei, tirava recursos da vida economica da India sem se locupletar e sem exaurir ninguem.

Do Despacho fazia uma instituição superiorissima ao que fôra no tempo de D. João de Castro. A sua bravura ninguem a contestava.

Talento e caráter puro era o que menos podiam negar-lhe agora.

E, comtudo, os annos já eram muitos.

E eram annos volvidos no clima enervante da India.

E sofria desgostos intimos como poucos.

Triunfava evidentemente, pois.

Se o seu triunfo naquelle tempo se afigurou menor, porque o *meio* era menor de gloria politica do que militar, nem porisso é menos digno da rasgada justiça de hoje.

Num tempo de crueldades, embora desculpadas pela propria época em que se cometiam, o sucessor de D. João de Castro foi tolerante, bom, sentimental.

E este sentimentalismo nunca lhe entibiou a energia.

As suas fraquezas, as suas estranhas simpatias até por homens brutaes, vinham-lhe dum ótimismo que, sem a sua inteligencia, daria uma grande inaptidão politica.

Em D. Garcia de Sá ou a bondade ou o talento.

Sobre isto, uma religiosidade tocante, pura, sentida, como até a sua morte o mostrou.

O amor-patrio e a Fé davam arrancos de juventude áquella velhice.

Que melhor elogio?

Era velho nas catúrrices domesticas, velho tambem nas suas simpatias por homens cheios de insolente mocidade?

Mas as máculas eram em muito menor número do que as fáculas.

O curto governo de D. Garcia de Sá foi em tudo digno dos melhores da nossa India.

D. Francisco d'Almeida foi mais cruel.

Afonso d'Albuquerque, o gigante, não foi tão humano.

Lopo Soares, Diogo Lopes de Sequeira, e D. Duarte de Menêses, se tiveram grandes virtudes, não o excederam em tino administrativo, previdencia e justiça.

Vasco da Gama é imortal como Navegador, pois que, como Governador e Viso-Rei, mal teve tempo de mostrar mais do que um grande moribundo a cambalear, e, comtudo, digno até na morte.

D. Henrique de Menêses, Lopo Vaz de Sampaio e Pedro de Mascarenhas não tiveram mais meritos.

Nuno da Cunha excede-o, quási tanto, no brilho militar como D. João de Castro, mas não viu tão bem a justiça, nem teve como elle a paciencia luminosa, a bondade profunda.

D. Garcia de Noronha ao pé delle é um algôs na péle dum sicario.

D. Estevão da Gama, ilustre e de tantas esperanças, não teve tão grande coração.

Martim Afonso de Sousa, junto de D. Garcia de Sá, sugere qualquer coisa dum magarefe vinolento ao pé dum velho patriarca biblico, cheio de serenidade e justiça.

Ha de D. Garcia de Sá um grito de crueldade, sanguisedento, abominavel.

Fala Gaspar Corrêa nas *Lendas da India:*

«... ao que acudiu a guarda do Governador com alabardas, e entrou muita gente, em que se alevantou grande arruido, a que o Governador acudiu a uma janela, bradando que a todos matassem».

Mas este repente de justa cólera, quando o ameaçavam a elle os ingratos a quem dava de comer, está bem destruido por palavras como estas do mesmo Gaspar Corrêa:

«E os outros jouveram na prisão muitos dias; porque o Governador era de mansa condição, que sem duvida que se tal acontecera no tempo d'alguns governadores passados, que mandaram enforcar um cento delles...»

Comtudo a calunia não deixou de perseguir D. Garcia de Sá até ao tumulo. Ha carateres que atráem o caluniador pelo desespero de não póder este ferir nunca a vitima em pleno coração.

Depois della, veio a injustiça do esquecimento, como um legado de covardes a ingratos.

D. Garcia de Sá tem menos renome do que outros, mais pródigos do sangue alheio do que do seu. Desconhecem-no, conhecendo Sodrés e anões quejandos. E' uma figura luminosa e serena, e não a vêem.

Tambem não vêem demais a de Jorge Cabral, seu sucessor, tão parecido com D. Garcia em virtude e capacidade administrativa. Não vêem assim marinheiros como Rui Pereira, ministros como Carneiro e Alcaçova...

E, comtudo, a agonia da India Portuguêsa foi épica, muito devido à homens como Garcia de Sá e Jorge Cabral. S.' Francisco Xavier e D. João de Castro tentaram dar uma luminosa saúde á India.

Elles tentaram dar-lhe morte com honra, já que era impossivel darem-lhe vidá.

Fizeram mais os primeiros?

Mas tambem são dignos de Deus, da Humanidade e da Patria, os segundos.

Se os primeiros foram imortaes medicos, os segundos foram heroicos sacerdotes.

Aquelles deram remedios tão puros, que só podiam vir do Céo; estes ungiram tão nobremente a moribunda, que ella morreu com o que ha de mais puro e nobre na Terra.

Semi-deuses os primeiros? Gigantes os segundos.

XII

Serenidade e angustia

A FIGURA escultural de D. Antonio de Noronha contrastava esplendidamente com a delicadeza, quási infantil, de Joana de Sá e Albuquerque.

Elle era como Apolo: como uma formosa miniatura de Anfitrite parecia ella.

Nelle, a força, o sangue, as linhas amplas e, comtudo, harmoniosas, uma plastica admiravelmente grega: ólhos sem grande fogo, grandes e serenos, nariz direito, corrétissimo, labios frescos, barbas dum sedoso de caricia, tez alva, rosada, resplandescente, musculos modelares, dentes magnificos, hombros poderosos e estatura elevada, proporções cheias de simetria, graça e validês.

Nella, os nervos, a faisca do olhar, mas com fogo humido, enternecido; corpo arredondado, pequeno, muito onduloso; bôca duma frescura em que havia sempre candura; pés e mãos de leite, microscopicos, quási invisiveis; riqueza de cabêlos e todos ás ondas; fronte réta e ólhos muito negros, tez morenopálida e sorriso, constante de mimo e singeleza, raras vêzes malicioso, sempre ingenuo.

Havia muito tempo que não falavam.

Raro o faziam, e as suas cartas nem porisso acusavam grandes torturas romanticas.

O seu amor era calmo e ótimista: dum lado, a saúde; do outro lado, a simplicidade.

Falavam no futuro com a confiança de quem o merece.

Nem um ciume, nem uma ancia.

Naquella tarde, conversavam sós no jardim da *Casa dos Contos,* habitada pelo Governador, e poderiam conversar diante de toda a gente.

Elle estava junto della com a castidade serena dum pinheiro magnifico, vizinho da madresilva.

Ás palavras brotavam como os arômas brotam das flores, suavemente, sem um esforço.

Joana, se falava, tinha os ólhos humedecidos de bondade.

Se ouvia, tinha o sorriso delicioso dum extasis.

Quanto a elle, o mais belo homem da India, não tinha a pungencia dum anceio ou duma desconfiança.

Falava a quem o amava e tinha amor áquella de quem era amado.

E este amor era o de quem não precisa de lutar e, porisso, não tem que sofrer.

Casa-se assim o sol com as ondas e com as flores, tranquilamente e nem porisso sem fecundidade.

Joana evitou sempre falar no drama domestico.

Leonor não aparecia, e a irmã não se referia á sua dôr.

D. Antonio de Noronha, informado de tudo, respeitava a angustia dissimulada de Joana e desfazia-a com o sôpro calmo da sua existencia olimpica.

—Sempre viestes! —dissera ella, suspensa do esplendor e tranquilidade delle.

—Nem sempre batalhas, Joaninha! respondeu D. Antonio de Noronha com ar de satisfação.

—E dizem que sois de grande força e valor...

— Cumpro o meu dever.

— Deu-vos Deus essa saúde...

— E dou-a eu a Deus, quando elle o ordenar.

— Pois bem saudades tenho eu tido de vós... saudades e mêdo, que tantos perigos ha nas pelejas.

— Pois eu, longe de vós, tenho-vos sempre comigo e isso, com Deus, me basta.

— Nunca tivestes então saudades de mim?

— Como heide ter saudades do que me pertence?

— Assim me julgais vossa?

— Como me vós julgais a mim.

— Mas não póde haver um golpe, um tiro?

— Os golpes só ferem os que não teem fé.

— Então os que morrem nessas pelejas...

— Se teem fé, mesmo mortos, vivem.

— Ah! sim essa vida entendo eu... Mas, se vós me morresseis, de nada me valeria serdes vivo no outro-mundo...

— De nada? Não estaveis comigo?

— Como, D. Antonio?

— Não entendeis?

— A' puridade, que não.

— E' porque ainda não refletistes bem.

— Não, não entendo.

— Dizei-me: se eu vos morrêsse, quererieis outro?

— Oh! não, juro-vo-lo, não quereria!

— E não compreendeis porquê? Se outro não querieis, é porque, morto eu embora, minha continuaveis a ser...

— Que subtil que sois!

— E não sou verdadeiro?

— Sim... dizeis bem...

Mas Joaninha, pouco dada a trabalhos mentaes, esforçava-se ainda por compreender.

D. Antonio de Noronha, com um grande sorriso de bondade, continuou:

— Tendes vós outra mãe, que não a vossa, só porque ella morreu? Não, ainda que vosso pai vo-la tivesse dado. E, porque vossa mãe é morta, não a tendes convosco, só porque a não vêdes? Tendes, que depressa passa o tempo em que tendes de a não ver. A ausencia aqui ou no céo é tudo a mesma ausencia. Quando estou em Baçaim ou Chaul estou longe de vós, como se tivesse morrido. Ao pé de Deus é que findam todas as ausencias dos que se amam.

— Julgais isso?

— Tenho essa fé. Ainda não compreendeis? Mas então não sentis?

— Sim, sim, vejo — disse ella, d'olhos mais brilhantes. — Nem a morte nos separará...

— E, por isso, de que termos saudades, quando ausentes?

— Sempre custa a sofrer a ausencia...

— E quereis a vida sem espinhos?

Joaninha cravou nelle olhos de admirada e perguntou-lhe:

— Como pensais vós tão bem?

— Por Jesus Cristo, Joaninha.

O filho de D. Garcia de Noronha respondeu isto e accrescentou logo:

— Não imaginais a força que tenho sempre tirado da Fé. Criou-me meu Pai, longe um pouco della, mas procurei-a com entusiasmo e sinceridade. No meio do meu caminho, appareceu-me um Santo, ouvi-o e fiquei fortificado.

— Quem foi esse Santo, D. Antonio?

— O Padre-Mestre Francisco Xavier.

— Ah! tambem o ouvi na Sé.

— E como ficastes, ao ouvi-lo?

— Perturbada... confusa...

— Porque padeceis então de pouca fé.

— Não, não, eu creio! Mas tenho a cabeça tão fraca!

— E o espirito tão preguiçoso! acudiu elle com branda malicia.

Mas, neste momento, ouviu-se um certo alvoroço.

Uma escrava correu ao jardim.

— Procurais-me? disse D. Antonio de Noronha com placidês.

— Senhora! gritou a escrava: tristes novas de Diu!

Joaninha ergueu-se logo, convulsa, livida.

E, toda a tremer, pediu:

— Dizei, dizei.

Levantara-se serenamente D. Antonio de Noronha.

A escrava como que não podia falar.

Murmurava, angustiada:

— Tristes, tristes novas de Diu!

Mas D. Garcia de Sá chegou quási logo, com ar de dôr e horror, interrompendo a escrava que ia falar.

Trazia nas mãos uma carta. Levantava-a como o pano duma bandeira insultada.

— De quem? perguntou com laconismo D. Antonio de Noronha, ligeiramente pálido.

E o Governador, branco de cêra, respondeu, amarrotando o papel:

— De D. Jerónimo, capitão de Baçaim... e hoje olheiro de Diu!

— Então Luís Falcão?... começou D. Antonio de Noronha, tomado por uma suspeita.

— Mataram-no á traição! gritou D. Garcia de Sá, d'olhos em braza, sufocado.

— Mataram-no?! disse Joanna com mais espanto do que dó.

— Sim, a um grande e leal soldado, continuou

D. Garcia, rôxo de desespero. Vêde, pois, que indisciplina ha nas capitanias... Oh! é preciso punir, punir com rigor, que anda a India cheia de malfeitores!

Mas a severidade do Governador era efemera. Momentos depois, deixava pender os braços com desalento e sentava-se de pernas tremulas.

Ouviram-lhe estas palavras, murmurios que dissimulavam lagrimas:

— Parece que Deus não queria...

— Dais-me licença? perguntou então Joana, fazendo o gesto de se retirar.

D. Garcia de Sá não a ouviu, mergulhado no seu horror.

D. Antonio de Noronha respondeu lhe com voz descançada:

— Quanto a mim, desejo que vades.

E, falando pela primeira vês na paixão de Leonor, disse ainda:

— Ide, que muito precisa a vossa irmã e doente do triste remedio que Deus permitiu á sua aflição.

Depois, vendo-a desaparecer, aproximou-se do Governador, que parecia esmagado no banco de pedra em que se deixara cair.

Sentou-se placidamente ao lado delle.

Contemplou-o por alguns momentos e dísse-lhe com voz afétuosa:

— Amigo e segundo Pai, não tendes culpa nessa desaventura...

— Não por Deus! protestou o fidalgo, d'olhos humidos — que lhe queria como filho.

E, desamarrotando a carta, continuou, febricitante:

— Vêde. Não morreu á mão de gentios. Morreu á mão de portuguêses. Que vergonha! E o assassino escapou-se á justiça, e nem sabem quem seja! Não

vêdes que terrivel exemplo, se o não apanham! Então os capitães de El-Rei Nosso Senhor hão de estar á mercê dos traidores?

— Mas, senhor D. Garcia de Sá, nunca mataram assim um capitão de fortaleza... observou D. Antonio.

— Nunca!

— Nem em Baçaim, nem em Diu, nem em Ormús...

— E tiveram maus capitães...

— Porque o fizeram só a este?

— Por inveja... eu sei... por ódio... balbuciou D. Garcia, rangendo os dentes.

D. Antonio de Noronha encolheu os hombros ligeiramente, e volveu logo:

— Deus perdôe a Luís Falcão, mas, como nenhum, tinha fama de cruel e dissoluto.

— Achais então justo? acudiu o Governador com impeto.

— Não, que só Deus póde tirar a vida que nos deu... Mas não penseis que na India vão matar todos os capitães de fortaleza...

— E o insulto a mim? Não era sabido de todos, que ia ser meu genro?

— Ainda que o fôsse... De que valia sabe-rem-no? Mais irritaria quem tivesse que vingar.

— Mas Falcão — protestou D. Garcia — não era como o pintavam. Tambem eu fui acusado de ladrão...

— Mas defendestes-vos e vencestes. E elle? Nem se defendeu, nem evitou mostrar que os inimigos tinham razão.

— Defendeis, pois, o assassino do capitão de Diu? rugiu, de face avincada, D. Garcia de Sá.

— Não, senhor Governador, redarguiu Noronha com tranquilidade: explico-vos que o assassino não quís ferir-vos: vingou talvês alguma grande ofensa com tão cruel crime.

— E que me aconselhais nisto? perguntou o Governador com grande desalento.

D. Antonio de Noronha ergueu-se com magestade. A sua voz, plácida e firme, saiu com qualquer coisa de augusto:

— Que vos aconselho? Que procureis o assassino e o mandeis punir.

— Perdi todas as esperanças.

— De o apanhardes?

— Sim... Ninguem lhe viu vestigio...

— Deus o descobrirá. Entretanto, vêde que, se elle fugiu tão bem, é porque Luís Falcão tinha o ódio de todos...

— Demais o sei eu... murmurou o Governador com ingenuidade.

— E então, senhor D. Garcia de Sá, declarou Noronha, felicidade foi para vós que elle morresse. Vossa filha Leonor seria infelís; perderia o esposo com grande dôr.

— Minha filha!

O Governador ia a fazer uma confidencia, mas conteve-se, espantado com o seu impulso.

Afinal, estava sem um argumento contra a paixão della, sem o unico e melhor argumento.

A antipatia estranha que tinha ao Sepulveda não podia manifestar-se já com decóro.

Se Leonor representava, de agora em diante, a deshonra da familia, a culpa era toda delle, do seu faciosismo, da sua má vontade absurda.

Nem a honra da palavra dada já existia. Um tiro covarde liquidara tudo de golpe.

Para que havia de falar elle no que o fulminava?

Levantou-se, mais tranquilo e conformado.

O doloroso acontecimento parecia-lhe, mais do que irremediavel, significativo de uma vontade superior, implacavelmente contraria á sua.

Diante de tal golpe, era curvar a cabeça, e deixar a liberdade aos acontècimentos.

A palavra dada estavà remida á força, irremediavelmente.

Não tinha mais argumentos. Em consciencia, Leonor pertencia, como nunca, a Manuel de Sousa Sepulveda.

Restava-lhe aceder com dignidade.

D. Antonio de Noronha, muito inteligente, embora lêsse estes pensamentos no olhar do Governador, acompanhou-o mudamente, emquantò elle entrava em casa, dando passos lentos e vacilantes.

E dentro, voltou-se D. Garcia de Sá, de subito, com ar de resignado, embora muito á sobreposse:

— Emfim, fidalgo e amigo, Deus dispõe, emquanto o homem põe.

E acrescentou com afêto, com ar prático e decidido:

— Resolvi ir a Baçaim. Talvês por lá morra. Quereis antes disso os desposorios com Joana?

— Ia para falarmos nisso... declarou D. Antonio.

— Pois fá-los-eis, e tiro dai o cuidado. Quanto a Leonor...

— Já tem o esposo, volveu serenamente Noronha.

— Muito contra o meu coração .. murmurou o Governador, pendendo a cabeça.

E, querendo evitar mais declarações, apertou a mão ao genro e despediu-se, dizendo:

— Desculpai-me, que deixei muito atrazado o despacho, e preciso de mandar fazer uma devassa em Diu.

Neste momento, uma mendiga se aproximava do portão do jardim com ar receoso.

Leonor, porém, descêra, alegre com uma carta nas mãos, sem precauções, despejadamente.

Entregou a carta á mendiga, sorrindo-lhe com alegria.

Pagou-lhe, generosa como nunca, dizendo-lhe boas palavras de reconhecimento.

— Como estais lêda! estranhou a mendiga, surpreendida pelo transporte.

— Livres! livres! exclamou Leonor, impulsiva como nunca fôra. Sabeis que mataram em Diu a Luiz Falcão?

— Deus de justiça! rouquejou a mendiga, erguendo as mãos rugosas.

— Ide, ide depressa. Talvês o não saiba Manuel de Sousa — continuava Leonor, tremula de jubilo.

— Sim, senhora...

— E que não demóre o pedido. Joaninha vai desposar-se.

— Sim, senhora...

— Que mande D. Alvaro já. O senhor Governador está muito angustiado.

— Sim, senhora. .

— Ide, ide, correi! Dar-vos-ei depois mais dinheiro...

E Leonor, quando viu desaparecer a mendiga, olhou para o céo, ficou embebida na luz ardente do sol mas, sem saber porquê, descaíu do júbilo na melancolia e sentou-se a soluçar e a chorar.

Chorava de felicidade? Decerto.

Mas uma voz intima lhe dizia que a sua felicidade seria travada de amarguras.

E estas amarguras era o que ella pretendia conhecer. Não seria a dôr de ver Sepulveda detestado pelo pai?

Não seria a tristeza de ver que só era feliz com o desastre de quem lhe tolhia a felicidade?

Ou a felicidade excessiva fazia daquellas dôres vagas?

Doía-lhe decerto ter perdido o afêto de seu pai.

Doía-lhe que elle nunca pudesse ter para Sepulveda mais do que um sorriso de gêlo.

Mas seria isso devéras a sua intima angustia?

Não lhe ficava a esperança de que Manuel de Sousa desvaneceria tudo á força de paciencia e dignidade?

Ah! o que a afligia era saber que, para ser felís, fôra preciso Falcão cair de subito, banhado em sangue.

Afligia-a, como se ella o tivesse matado.

Mas porquê? Quem lhe exagerava dentro d'alma aquella impressão desagradavel?

Não podia Falcão ter morrido de morte natural? E, se assim fôra, deveria ella julgar que a sua felicidade era culposamente devida á desgraça do capitão de Diu?

Não. E porque julgava assim, só porque a morte de Falcão fôra devida a um crime no qual nem ella, nem Sepulveda, tinham culpa?

A esta pergunta, a Consciencia pareceu ter corpo e levantar-se diante della.

Leonor pretendia iludir-se. Leonor, por umas palavras vagas de Sepulveda, nutria a suspeita de que o amante não era estranho ao crime. Queria desterrar a ideia, e ella, tenaz e pungente, mostrava-se a causa real das suas lágrimas.

Não, não queria acreditar naquelle horror. Repelia-o como uma vergonha para os seus pensamentos intimos. Anciava por falar a Sepulveda, que lhe destruiria todo aquelle inferno.

Mas, sem saber porquê, as vagas palavras delle na carta penultima, quanto mais relidas, mais lhe confirmavam a suspeita infernal.

E tirou do seio a carta, para tornar a ler o que a envenenára tanto.

Dizia-lhe Manuel de Sousa:

«Não temais, Leonor, que este supplicio sempre dure. Se vosso pai se obstinar, quem sabe se Luís Falcão não será obrigado a deixar-nos o campo livre?»

Mais nada, mas para ella este pouco era tudo.

Referir-se-ia Sepulveda a outros meios?

Não o parecia. A tragedia de Diu significava-lhe outra coisa.

E, se a suspeita era justa, Leonor pensava que nunca seria feliz.

Não, não o podia ser com um cadáver aos pés.

Energica e até varonil, tinha horror ao sangue!

Nesta angustia, curvara a fronte, oprimida de soluços, infelís no meio de tanta ventura.

Que triste alegria a della!...

Mas então um braço musculoso a cingiu com amor e vigor.

Levantou a cabeça, sobresaltadamente, surpreendida.

— Chorais? dizia-lhe uma voz carinhosa de homem.

— Vós?! disse ella, levantando-se. Vós, meu irmão!...

— Chego de Chaul — volveu Pantaleão de Sá, radiante. Sei de tudo.

— Sabeis que Luis Falcão... começou ella, lívida.

— Foi morto a tiro por justa vingança decerto. E anda o assassino a monte, se é que não fugiu para o gentio ou para o Reino.

— Sabeis porventura como foi?

— Sim — tornou Pantaleão de Sá, sorrindo com a maior placidês. O capitão estava no quarto de prima, á mesa, ebrio talvês, defronte da guarda do baluarte. De repente, o filho que tinha entre os joelhos...

— Tinha um filho...

— Sentiu um tiro, o zumbido duma bala e viu cair o pai. Quem disparara? Ninguem o soube. Bateram Diu, desde ás casas á praia. Faltava uma fusta. O assassino fugiu nella.

— Que grande ira a de todos!

— Enganais-vos, Leonor. Ninguem se irou nem doeu. D. Jerónimo, capitão de Baçaim, que foi tomar conta da capitania, disse-me que encontrou todos com ar de alivio...

— Estivestes em Diu?

— Para lá parti logo á primeira nova e de lá vim ainda por Chaul.

— Falastes já com o pai?

— Agora mesmo lhe falei.

— E que diz elle?

— Que lhe mataram um grande capitão e amigo.

— E que diz de mim e de Sepulveda?

— Não me deixou falar em vós. Mas já não póde opôr a palavra dada...

— Resistirá ainda?

— Que importa, irmã? Nesse caso, eu vos ensinaria a resistir tambem.

— Como?

— Fugindo para vosso esposo, que o é já, como sei — respondeu Pantaleão de Sá com alguma melancolia..

Leonor escondeu o rosto por alguns momentos. Depois, levantando-o a mêdo, perguntou incendiada:

— E não me desprezais?

— Dóe-vos decerto o que se deu — disse Pantaleão de Sá com nobre sinceridade. Mas a culpa não foi vossa, foi do senhor D. Garcia de Sá.

E o fidalgo, adoçando mais o sorriso, concluiu:

— Não falêmos mais nisso. Agora, irmã e senhora, é preciso lavar a vossa nódoa.

— Ambos o queremos.

— Quere-o Deus tambem.

Leonor já o não ouvia, comtudo.

Queria expandir-se em esperanças justas, desanuviar-se, festejar a felicidade, e não podia.

As vagas palavras da carta de Sepulveda tomavam novamente a nitidês duma confissão formidavel que lhe apertava a alma. E isto anciava-a muito. Tirava-lhe a côr e a graça, cortava-lhe as palavras.

Por fim, disse a Pantaleão de Sá, abstratamente, como para dizer só alguma coisa:

— Quem sabe se não seria melhor chorar toda a vida!

XIII

Voz divina

Manuel de Sousa Sepulveda, lida a carta de Leonor, sorriu, afinal, com amargura.

Recebera-a diante de João Abexim que viera dar-lhe, antes de ninguem, a noticia lugubre.

Depois de meditar algum tempo, em silencio comovido, as palavras della, levantou a fronte, cravando olhos de febre no velho soldado que sorria com ar pungente.

—Entendeis, pois, ficar em Gôa? perguntou com bastante secura.

—Não, senhor Manuel de Sousa—volveu o Abexim. Grandes trabalhos passei no mar, sósinho numa fusta, para ficar á espera de que me lancem num carcere. Vim a dar-vos a nova de que o capitão de Diu já dá contas a Deus dos seus crimes, e parto hoje para Pangim e de lá para muito longe, antes que no próprio mar me procurem.

—Precisais de mim?

—Só do vosso segredo.

—Contai com elle.

—Embarcarei antes do movimento das justiças. Depois, verei se podeis ter novas minhas.

—Intentais mais alguma coisa?
—Intento, senhor, não mais molestar ninguem.
—Recusais dinheiro...
—Nada me deveis.
—Que Deus vos ajude.
—Conto com Deus. Sabei só que os vossos desgostos é que me levaram de vês a matar Falcão.
—Que quereis dizer?
Mas João Abexim, hirto e sereno, saiu sem mais palavra.
Sepulveda não se moveu.
Imobilisava-o o terror de si proprio.
Na verdade, tinha de considerar-se um assassino.
Se o não era, porque não corrêra a denunciar o soldado, pelo menos agora?
Porque era cumplice delle.
E resvalára até alli, por desgraça!
Quando tudo era facil aos seus desejos, tinha a dôr da sua volubilidade corruta; quando pretendia amar para sempre, ter um lar honesto, viver com virtude e paz, tinha de derramar sangue.
E como? A' traição!
Assim se desfazia um nobre fidalgo do seu rival.
De que serviam sofismas? Libertara Leonor duma grande angustia? Mas tê-lo-ia feito, se não estivesse implicada na felicidade de Leonor a delle próprio?
Se lhe dissessem que uma bela mulher desconhecida sofria assim, iria elle por causa disso até ao crime? Não.
Que era, pois, elle? Um assassino repugnante.
Mas João Abexim não vingava a deshonra e a morte da propria filha?
Não dizia vingar, ao mesmo tempo, mil infamias do capitão de Diu?
Era verdade. Comtudo, porque é que o Abexim

não se vingára já? Se essas afrontas o impeliam, porque precisava dos estimulos, dirétos e indirétos, delle?

Mas, afinal, quem lhe dizia isto? A Consciencia? Fr. Manuel da Salvação, o espirito de justiça que o acompanhava agora sempre? Decerto. Mas essa grande alma não via enormes atenuantes?

Quereria que elle continuasse na vida árida e dissoluta em que tanto se perdêra? Não lhe apontara o coração de Leonor como um farol astral?

Que queria que elle fizesse? Resignar-se a morrer aos pedaços? Afazer-se a viver a antiga vida para esquecer aquella profunda paixão?

Crimes?!... E a carne, fraca e maleavel, argumentava então.

Quem os não tinha? Não os tivera tanto homem chamado grande e ilustre?

Não os absolvia a propria Egreja?

Era o seu crime unico no genero?

Não podia remi-lo com orações e sacrificios?

Não o compensava o exemplo de vida casta que ia ter no casamento?

Pois qual fôra, segundo o frade, o seu peor pecado?

Não fôra o da sensualidade?

E a Carne continuava, fria como um geómetra:

—Ninguem remedeia o que é irremediavel. O que é positivo é o que é concreto. Se houvera um mal, urgia tirar delle o bem. Para que se interpozera Luís Falcão? Roubara-lhe Sepulveda Leonor? Fôra indigno para com elle? O capitão de Diu é que pedira a morte. Leonor repelia-o e elle teimava. Se ella não queria ser delle, como pretendia obrigá-la barbaramente a que o fôsse?

Manuel de Sousa então como que desafiou o invisivel espirito do frede a que respondesse áquella

logica. Julgou ouvir como resposta um soluço profundo. Encolheu os hombros. Quando expungiria elle de si proprio aquelle visionarismo doente?

Temía a falta de paz íntima? Peor perturbação era a de não viver realmente com aquella que de facto lhe pertencia. Depois, se conseguisse realisar o sonho querido, poderia ter remorsos, mas teria o bálsamo de amados beijos.

Emfim, era preciso fugir a conversas íntimas. Conversar com a consciencia é vacilar e sofrer. O seu destino não podia ser cristalisar-se em lágrimas: era amar, ser amado livremente, fugindo de amores vergonhosos e efemeros. Havia uma divida a pagar: era preciso pagá-la. E podê-lo-ia ter feito, sendo vivo Luís Falcão? Decerto, por morte de D. Garcia de Sá. Mas não podia, antes disso, sucumbir Leonor?

Quem podia resistir por muito tempo a uma vida de cruel clausura, rodeado de desprezos, ameaças e exprobações?

Outro profundo soluço lhe pareceu que respondia.

Mas Sepulveda, a isto, pôs a gôrra e saiu.

Foi bater a casa de D. Alvaro.

Encontrou-o informado de tudo, já disposto a uma espontanea embaixada.

Sepulveda não o demorou.

Estava febril, muito resoluto.

Emquanto D. Alvaro caminhava para a *Casa dos Contos*, pôs-se a passear pelas ruas de Gôa.

D. Alvaro surdiu na Casa do Despacho, com a sua costumada serenidade, apenas agora iluminada por uma certa ironia.

O Governador, ao vê-lo, compreendeu logo.

Fês-lhe sinal de que esperasse um pouco.

Assinou vertiginosamente alguns papeis, falando muito, mostrando-se de mau humor.

Depois, levantou-se e foi com D. Alvaro para um pequeno gabinete.

—Que mandais, fidalgo e amigo? perguntou com ademanes enleados.

—Já me compreendestes—volveu D. Alvaro tranquilamente.

—Tanta pressa!

—E' que póde surdir outro Luís Falcão...

—Não me prenderia nunca com a palavra, bem sabeis porquê...

—Mas Sepulveda está ancioso.

—Espera talvês grande dote—replicou D. Garcia com sarcasmo, febrilmente.

—Os dotes de Leonor—volveu D. Alvaro com severidade.

—Falaremos nisso... murmurou o Governador.

—E nisso pódem elles falar d'ora ávante? rompeu D. Alvaro com audácia.

—Que falem, que falem! gritou D. Garcia, amarrotando os punhos de renda.

Mas, todo convulso, acrescentou:

—Porém, que eu não veja... Ainda não tive tempo de me acalmar, de me conformar...

D. Alvaro encolheu d'alto os hombros e redarguiu logo, lentamente:

—Amigo e senhor Governador, não é de siso tanta porfia já. Se a vossa palavra está resgatada, e é preciso limpar a vossa honra, porque não dominais a má vontade ao Sepulveda, tão guapo e digno cavaleiro? Vamos, senhor D. Garcia de Sá, meu nobre e velho amigo, é de justiça que admitais o senhor Manuel de Sousa Sepulveda a conversar comvosco, dando remedio duma vês a tantos desgostos.

—Sabeis o que me pedis? rompeu ainda o Governador.

— A vossa honra! bradou, um tanto convulso, D. Alvaro, levantando-se energicamente.

D. Garcia de Sá não pôde suster-lhe o olhar severo.

E' que a propria consciencia o fulminava já.

Balbuciou umas palavras vagas.

Passeou no pequeno gabinete.

A espaços, voltava-se á espera duma palavra.

D. Alvaro, firme e calmo, nada dizia.

Então chegava á porta do gabinete, como á procura dum pretexto para fugir.

Mas não podia.

Voltava atraz com o nervosismo da prêsa que não póde lutar.

E continuava o seu passeio no pequeno gabinete.

E, para justificar o silencio, murmurava coisas sem nexo.

Finalmente, fatigado, com a fronte latejante, sentou-se.

Cruzou a perna, ajustou o gibão, fitou a serena figura de D. Alvaro.

O velho amigo, imperturbavel, não proferia uma palavra.

D. Garcia de Sá resolveu-se emfim.

Mas evitou responder. Perguntou:

— Que quereis, afinal, de mim, senhor D. Alvaro?

— Já vo-lo disse, e espero a resposta — volveu-lhe o fidalgo com placidês profunda.

— Mas que temos nós que conversar? arriscou ainda o Governador.

A isto, D. Alvaro sentou-se de novo.

Cheio de paciencia, voltou ao assunto.

— Senhor governador, disse elle com uma calma admiravel, é certo que D. Leonor tem de ser esposa de Sepulveda?

— Que remedio!... rouquejou D. Garcia, vencido e confuso.

— E vós quereis casá-los sem a vossa benção, se o seu crime foi só o muito amor? Nunca amastes, pois?

D. Garcia de Sá escondera o rosto e arquejava muito.

— Chorais? continuou D. Alvaro. Mas tal é o vosso orgulho e tal o vosso ódio ao Sepulveda, vós que não odiais ninguem?!

D. Alvaro erguêra-se nisto, a colher-lhe a fronte veneranda.

Falava-lhe em voz velada e carinhosa, perto dos ouvidos, perto do coração:

— Mas que dôr é essa, se não ha agora nenhum impedimento? Não confessais o valor e honra de Manuel de Sousa Sepulveda? Não é elle legitimo fidalgo?

— Vilão que foi! rouquejou o Governador com rudeza doentia.

— Mas lembrai-vos do que disse Jesus, volveu D. Alvaro. Atire a primeira pedra...

Porém, D. Garcia já se levantava, d'olhos quási enxutos.

— Basta! bradou então, em voz cheia e firme, com um vigor subito e exagerado. Não me magoeis mais. Tendes razão. Nem um velho como eu já tem pensamentos de valia.

E, mais comovido e manso, proseguiu:

— Perdôo a Manuel de Sousa, perdôo a Leonor. Nada os estorva. Elle que venha. Vou a Baçaim. Quero casar, antes de ir, as minhas filhas. Mas atendei... O melhor é para Joana, que casa á minha vontade. Leonor pouco mais terá que a minha benção.

— E essa lhe basta, senhor, ella e bondade no trato com Sepulveda.

—Tudo isso vereis, já que é o meu dever.

—Muito vo-lo agradeço, senhor Governador e amigo—disse D. Alvaro com alegria, movendo-se para sair.

—Mas esperai—acudiu o velho fidalgo.

E D. Garcia de Sá fê-lo sentar de novo.

—Isso que disse é para todos—murmurou elle. O que fica cá dentro é muito outro.

—Pois tendes rancor ainda a Manuel de Sousa? estranhou D. Alvaro, cerrando os ólhos penetrantes.

—Não, não, ouvi-me, que será só para vós.

O Governador suspirou com amargura, meneou a cabeça doloridamente e volveu:

—Não acheis estranha a má vontade a Manuel de Sousa. Ha homens assim odiados, e sei que de valor. Nunca pude fitar com paz aquelle olhar delle, e Deus sabe que nem lhe invejo a galhardia, nem a bravura, nem a inteligencia, nem até os annos! Porque é isto? Não sei. Era já assim, antes de eu saber da vergonha de Leonor. Agora, pensar nelle é ter medo, terror, coisas que nunca senti...

—Temeis que seja mau esposo?

—A' fé de Cristo, que não, porque muito tem elle mudado de rumo ha annos.

—Que temeis, pois, nelle?

—Não vo-lo sei dizer.

—E prendeis-vos com isso?

—Não, não, pois dei-vos já a verdadeira resposta. Desabafo comvosco. Agora ide. Falai-lhe. Dizei-lhe que o receberei como fidalgo.

E ficou sentado, de cabeça entre as mãos.

D. Alvaro sorriu com mal disfarçada piedade e saiu.

Não era evidente a decadencia do espirito do Governador?

Não encobriria elle numa especie de presentimento supersticioso a sua má vontade?

Falaria assim por demencia?

Por astucia?

Por orgulho?

Mas que importava?

Procurou Manuel de Sousa em casa.

Ainda não voltára, mas no Terreiro da Sé avistou-o.

Sepulveda leu nos ólhos de D. Alvaro a vitoria definitiva.

As palavras delle confirmaram a esperança.

E, colhida a noticia e feito o agradecimento, correu a refugiar-se em casa com a sua felicidade.

Mas, em casa, aquella felicidade, quanto mais ponderada, mais o agoniava singularmente.

Só, voltavam-lhe escrupulos e, pouco depois, terrores.

Não conseguia calar a consciencia.

Saiu de novo com a febre dum alucinado.

Depois, aproximou-se timidamente da *Casa dos Contos*.

Notou as janelas abertas, como ha muito não via.

Numa dellas, pouco depois, avistou Leonor.

A amante sorriu-lhe com grande alegria.

Parecia anciosa por falar-lhe.

Comtudo, á luz plena do sol, vacilava em encaminhar-se para o gradeamento do jardim.

Pareceu-lhe ver passar numa sala D. Garcia de Sá.

Afastou-se, convulso, fingindo olhar para outro ponto.

E, efétivamente, o Governador veio a uma varanda.

Manuel de Sousa, impelido por um verdadeiro

panico, seguiu pela rua fóra sem olhar para traz.

Ao fundo, olhou.

O Governador continuava na varanda, tendo núa a cabeça branca de neve.

Sepulveda perdêra toda a coragem.

Cheio de mau humor, aproximou-se do bairro das tavolagens.

Ia livido, d'olhos fóra das órbitas, ríspido de cólera.

Entrou numa suja locanda.

Correu todos com vista sangrenta.

Não viu ninguem conhecido.

De repente, atentou no que fazia, e sentiu-se humilhado.

Saiu logo, de respiração oprimida, irrequieto.

Desceu á Ribeira.

E, á vista das ondas, sentiu os ólhos humidos de ondas de lágrimas.

Que tinha elle?

Não sabia: chorava.

Chorava, quando ia ser feliz; chorava, quando vencia.

E, sósinho diante das águas, a Consciencia voltava a persegui-lo.

Não sabia já como fugir-lhe.

As ondas, numa sugestão longinqua, lembravam-lhe Diu, com o seu porto severo e triste.

Depois, a fortaleza, épica e quási funebre para elle.

Soldados nas muralhas.

Lampejos d'armas sobre as ondas em espuma.

E dentro duma casa modesta um homem de peito hercúleo.

Ria, digeria a ceia, sonhava um futuro d'oiro.

Tinha o filho entre os joelhos.

A noite era negra, era calma como os sepulcros.

Mas tudo no homem hercúleo era alegria, força e confiança.

Sorria talvês cheio de fé.

Beijava talvês o filhinho amado.

De chofre, uma espingarda desfês tudo aquilo.

O homem feliz caiu banhado em sangue.

A criança fugiu, gritando, tolhida de pavor.

Quem apontára a espingarda?

Quem a disparára?

Elle, Sepulveda, pela mão de João Abexim.

Quiz repelir a impertinencia daquella scena, que não o deixava, e teve de a ver, de a sofrer, de a reconhecer como uma téla pintada pela Justiça.

Que assombro! ás pórtas da felicidade, julgava-se infelís como nunca.

Na vespera da vitoria sonhada, sentia-se tão desalentado, que lhe apetecia morrer.

Conhecia-se pueril de terrores, inverosímil de escrúpulos.

Sim, mas o terror e o escrúpulo não o abandonavam.

Emfim, chegou ao estado de inconsciencia de todos os hiperestesicos.

Sentou-se no rebordo do caes, como se esperasse uma onda redentora.

Deixou de saber porque estava tão absurdamente pungido.

Deixou de sentir o proprio ambiente.

Sentiu sugestões daninhas do Nirvana da monstruosa mitologia da India.

Nesta crise psicopatica se quedou mais de uma hora.

As ondas espumavam pérolas.

O sol descia, com a lentidão dum mergulhador.

Gôa ao longe redemoinhava surdamente.

Nunca sentira um torpor assim.

Conheceu que ia perder os sentidos, como se fôra uma dama franzina.

Teve a ideia de que a sua inácção era um suicidio inconsciente.

As ondas lambiam-lhe os pés.

Não seriam os batedores da Morte?

Um raio do sol moribundo deixou-lhe a impressão da claridade duma tocha fúnebre.

Uma ave marinha piou; nella ouviu o ultimo grito de si proprio.

Estava gelado, de pele humida e como exangue.

Não seria melhor morrer?

Mas alguem dentro delle protestou e agiu.

Achou-se de pé, estremunhado como quem desperta.

Ganhou calor, elasterio, consciencia.

A mesma voz severa voltou a falar-lhe.

E essa voz disse-lhe coisas inauditas, pungentes.

A vida é uma provação. Para que a fizera provação maior, cometendo mais um crime?

Porque já tinha crimes hediondos, crimes de repugnante sensualidade.

Queria morrer?

Para quê? Para fugir á angustia?

Mas a angustia era a provação necessaria. Mas morrer ali seria o sofrimento eterno.

Muito era a felicidade que acabava de conquistar.

Se ella tinha de ser ensanguentada pela Dôr, de quem era a culpa senão delle?

Que semeára elle? Sangue.

Que esperava colher?

Beijos? Sim, colhê-los-ia, mas com o travo do sangue que derramára.

Para viver, pois, não lhe era precisa a coragem: era preciso o rigor pleno da consciencia.

Sofrer sem queixa, purificar-se, beijando a mão do algôs que merecia — eis o que lhe cumpria.

Mas não tinha forças para isso?

E que diria ao suplicio eterno, que lhe demandava forças incalculaveis?

E não teria de as ter? E poderia opôr-se ao cruel e constante esforço dessa tortura indizivel e perpetua?

Vamos. Era seguir, d'alma firme, pelo caminho da vida.

Levava comsigo o remorso? Mas Deus dava-lhe um Anjo para auxilio na verêda escabrosa.

Que se tornasse, dia a dia, digno desse Anjo.

Que em tudo se alevantasse á Luz que tinha manchado.

E a Morte viria como redenção legítima.

E elle encontraria no túmulo, não o descanço do Nirvana egoista, mas a vida da Eternidade cristã.

Manuel de Sousa Sepulveda julgou ouvir isto e ficou outro.

Olhou para Gôa. Viu-a grave e triste como uma catacumba.

Cairam-lhe lágrimas, e achou-as gostosas.

Sentiu uma dôr no coração, e pareceu-lhe uma agonia justa.

Não quiz fitar mais as águas.

Voltou costas ao mar.

Entrou na cidade.

A' primeira onda de povo, conheceu-se resígnado.

Quantas agonias desconhecidas naquelle punhado de pessoas!

E todos seguiam pela vida fóra, até que Deus os chamasse.

Depois, conheceu o anestésico da humildade.

Decaíndo do seu orgulho, ganhava mais paz.

Entrou em casa. A alma de Fr. Manuel da Salvação pareceu vi-lo receber com uma dôr tranquila.

Sepulveda juraria vê-la então.

E, neste delirio, alevantou os braços e abraçou a penumbra.

Depois, ajoelhou, levantou os ólhos para um Cristo de bronze, e ficou imovel na mais alta oração mental.

Estava salvo, porque estava armado para as angustias da Vida.

As suas palavras o diziam:

— Graças, graças vos dou, Senhor Jesus!

XIV

A felicidade

HAVIA annos que Leonor e Joana não tinham uns dias assim de alegria, de expansão deliciosa.

E Leonor, com a felicidade, adoçara de expressão, ganhára mais brandura e indulgencia, tanto, quási tanto, como a irmã ganhára em atividade, a atividade de quem desperta, á voz do maior júbilo da vida, duma especie de torpôr sentimental que aturde e debilita o coração.

Corriam uma para a outra como dois pedaços da mesma alma. Leonor esquecia as apreensões negras pela morte do Falcão. Joana retemperava os sonhos de paz e enlevo casto que esperava nos braços de D. Antonio de Noronha, o fidalgo magnifico, a força constantemente plácida.

Adormeciam a gisar planos, antegostando venturas honestas, ungindo de beijos o Futuro, e assim despertavam, confidenciando sonhos, interpretando-os ao sabor das fantasias e dos sentimentos.

Naquella manhã, o sol rompeu, quando se vestiam e toucavam. Sol de braza, sol d'amor e de fecundidade.

Abriram as janelas com ancia. A Luz chamava-as com paixão.

Entrou-lhes no quarto um festival de luz, perfumes, trilos e sussurros.

Gôa despertava sempre assim, extatíca á beira das ondas, quando o estio chegava sobre as derradeiras brumas do inverno, desfeito em temporaes.

—Que dia formoso! disse Leonor, de cabêlos pelas costas, olhando em volta com doçura.

—Dia de felicidade! volveu Joana, satisfeita, cheia de paz ínterior.

—Sim, de felicidade—acudiu a irmã—felicidade que eu nunca tive, que nem sei como a tenho.

Mas, tornando-se um pouco grave, acrescentou, baixando a voz:

—Apezar de que, hoje, os sonhos...

—Maus sonhos, Leonor? Pois eu tive-os tão lindos! disse Joana, infantilmente expansiva.

Leonor passára, de grave, a triste, gradualmente, como se a luz do dia se fôsse toldando de nuvens fúnebres.

Empalidecêra até parecer cadaverica.

Tinha os ólhos duros de dôr pungente.

Nisto, observou, a meia-voz, parecendo falar com alguem que se não via e que só por ella seria visto:

—Mas são loucuras os sonhos. Não, não devo pensar nelles. Podia lá ser tão grande crime e vir ao longe tão grande desgraça!

—Que dizeis, Leonor? perguntou Joana, já esgazeando os ólhos, cheios de ternura e mêdo.

—Que sou uma louca—tornou a irmã, fazendo por sorrir. Que credito merecem os sonhos?

—Nem os bons? inquiriu Joana com desgosto e credulidade, branca de receio.

—Talvês nem esses, talvês menos...

—Mas que ideias as vossas, Leonor, se tudo corre de feição!—repreendeu Joana, mais desanuvia-

da, depois de reflétir um pouco. O pai quer casar-nos a ambas no mesmo dia, antes de partir para Baçaim. Não podeis duvidar, que lh'o ouvi eu diante de vós, quando cá esteve D. Alvaro...

—Sim, Joana, volveu Leonor lentamente: mas sem grande amor lá de dentro a Manuel de Sousa Sepulveda...

—E que importa? Dá-vos só a benção, e todos os melhores haveres são para mim? Mas, Leonor, sendo meus, são vossos...

—Que loucura! rompeu logo a irmã, um tanto maguada. Julgais que vos invejo o dote? Peza-me, sim, que o senhor D. Garcia de Sá contrafeito me dê ao Sepulveda...

—Perdoai-me, que tal não queria dizer—acudiu Joana, muito alvoroçada, beijando-a, de lágrimas nos ólhos. E' que, na avareza do pai comvosco, não deveis ver nem desamor nem ódio... Se ódio fôra e dâno, comigo podieis contar, porque o que é meu é vosso... Era o que eu queria dizer-vos. Que eu sei que Sepulveda nem vos procurou pela riqueza, nem della precisaria para viver.

—Não precisaria dar-lhe o pai riquezas, oiro: bastaria lhe désse boa vontade... Mas vamos ver hoje. D. Alvaro teve licença de trazer Manuel de Sousa... Ah! se o pai o recebêsse ao menos sem o sobrolho descido!...

—E porque não, Leonor, se Sepulveda é tão gentil cavaleiro?

—Muito se falaram sempre, e nunca se estimaram, apezar disso.

—Mas hoje tudo hade mudar, que Manuel de Sousa muito lhe saberá decerto tocar o coração...

—Porque o julgais, Joaninha?

—Ora! porque nunca Sepulveda terá o coração

tão tocado, como na hora em que lhe falar, estando vós presente. E, afinal, o pai reflétiu e mudou depressa. Vêde o afan com que pretende desposar-vos. Era tudo a agonia pela palavra dada. Livre della, vereis que lhe fica livre a alma que tanto déra ao capitão de Diu...

—Vós bem sabeis—atalhou Leonor com tristeza—como elle ainda resistiu com palavras amargas a D. Antonio de Noronha, ao nosso irmão e a D. Alvaro, mensageiro de Manuel de Sousa.

—Que querieis que elle fizesse, se tanto tinha pelejado por Luiz Falcão?... Mas, depois, bem vistes, foi tudo repentino. Que lhe trouxessem, afinal, Manuel de Sousa, para concertarem, antes de ir a Baçaim...

—O que não tinha remedio, tambem disse elle, que bem me lembro.

—Mas porque vós estaveis presente... replicou Joana, bastante enleada.

—E, como estando Sepulveda, serei sempre presente aos ólhos do pai, embora eu ausente esteja, vereis, irmã, que terá sempre para elle uma triste frieza...

Leonor disse isto, de lágrimas nos ólhos, e murmurou ainda, abatida, de braços pendentes:

—Como se fôra mais criminoso e ruim do que Luís Falcão!

—Deixai esses pensamentos—tornou Joana, mas com melancolia e angustia.

—Máu é que elles me não deixem a mim.

—Deixais, porventura, de casar-vos com a benção do pai?

—Deus não quís tanta desaventura.

—E porque não rendeis graças a Deus?

Joana disse-lhe isto, abraçando-a e chorando, solidaria como nunca. Todo o seu rosto, do olhar ao

sorriso, era fé, esperança, nobre coragem. Dizia o que sentia; seutia o que pensava.

Leonor doeu-se de ser tão fraca e até injusta. Reagiu numa revolta contra si propria.

Caiu de joelhos. O sol entrava pleno e deslumbrante. O oratorio resplandecia como a gentil miniatura duma basilica de flores, edificada pela piedade e pela anciedade.

Oraram as duas, de mãos postas, cheias de luz e de fervor, em extasis pleno, extasis de dôr, suplica e fé.

Alguem do céo viera decerto, porque as suas almas ungiam-se de resignação e de assombro.

Leonor, entretanto, humilhando-se, ganhava maior paz intima, como sucede sempre.

Os maus sonhos pareceram-lhe logo golpes de Satan, trevas de quem vive das trevas e para as trevas.

Entregou-se ao vôo espiritual com fervor e amor, subindo da argila á estrêla, do astro ao Anjo, do Anjo a Deus.

Alheou-se de tudo, como poucas vêses, jubilosa pelo seu desprendimento em que não havia até já saudades da vida terrena que tanto a pungira, depois de tanto a encantar.

A espaços, julgava-se acima de tudo, levando ao lado uma alma branca de neve, emquanto vozes remotas, cheias de doçura e serenidade, desferiam canticos que as vozes do mundo não sabem cantar.

Seria a alma de sua irmã?

Seria a de Manuel de Sousa?

Não, de Manuel de Sousa—pensava com justiça amarga—porque, amando-o tanto, não o podia ver sem uma nódoa tenebrosa, agora mais viva, que a aterrava e perturbava, que não podia nem desvanecer nem confessar a ninguem.

Se, ao rezar, nelle pensava, por elle pedia como por um penitente e não como por um justo que deseja ser Santo.

Sepulveda não era um anjo: era um soldado a procurar o caminho do céo, pisando remorsos, ferindo-se em penedias que iria regando de lágrimas. Porquê? Nem ella se atrevia a dize-lo.

Tal era a voz da consciencia de Leonor, quando, a espaços, descia da Oração á Realidade terrena.

Joana, bastante mais calma, subia a Deus, quási como o fumo do sacrificio de Abel, quási sem manchas, sem agonias.

Leonor pedia. Joana dava graças. A primeira era a Penitencia: a segunda era como um Te-Deum.

Mas a oração de Joana nem porisso deixava de ter os seus travores de lágrimas. Uma vaga nota de dôr vibrava dentro do seu peito, ás vêses, nas horas de mais esperanças. Adivinharia a curta vida de D. Antonio de Noronha, o seu amado, sua alegria e seu honesto orgulho? Teria outras visões trágicas?

Comtudo, as lágrimas della brilhavam tanto em guisá de estrellas, como as de Leonor fulgiam com eletricidade de relampagos.

As primeiras diziam tanta Fé, que iluminavam a maior Dôr: as segundas diziam tanta angustia devorada, que tornavam um pouco sinistra a melhor luz, a mais linda claridade d'alma.

Nesta prece estiveram muito tempo, fortificadas e enlevadas, descaíndo cada uma na Terra só por momentos, Leonor mais do que Joana, ambas, porém, menos do que nunca.

Quando se levantaram, estavam sedutoras: uma, de resignação, e a outra de fé.

Sairam dos aposentos, quando o sol escaldava, conquistando o azul com incendios vivos, com deslumbramentos.

Acolheram-se então nas sombras do jardim, á procura d'ar fresco e de aromas, dos efluvios da boa vida vegetal.

Esperariam ali o grande acontecimento, a visita de Manuel de Sousa.

Entretanto, D. Garcia de Sá, que se levantava sempre muito cedo, sentira-as e avistara-as depois sentadas entre as flores.

De humor levemente triste, contemplou-as com atenção, da janela, sem que o vissem, e depois ficou melhor.

A beleza espiritual dos filhos é a alegria maior dos pais, e ellas tinham áquella hora os espiritos radiosos á flôr da formosura, como que á tona do sangue.

Voltou-se o velho passados minutos a um pequeno ruido, e viu, atraz delle, na mesma contemplação extatica, o filho, Pantaleão de Sá, que parecia mais grave do que nunca.

D. Garcia córou como um criminoso, ao ver-se surpreendido no seu enlevo melancólico. O poente, para ser calmo, sem chispas de fogo que lembram incendios, parece precisar do silencio absoluto da solidão.

Pantaleão de Sá sorriu, e travou-lhe respeitosamente do braço que estava trémulo:

— Lindas e bondosas filhas que tendes, senhor — disse elle com afécto, contemplando-o com respeito e grande jubilo, d'olhos nos olhos, insinuantemente.

— Sim, são vossas irmãs — replicou o fidalgo, enternecido e curvado.

— Bem diferentes do triste que eu sou — acudiu Pantaleão de Sá, não tomando as palavras do pai por galanteria.

E proseguiu, mais animadamente:

— Não deve tardar Manuel de Sousa. Ides emfim acabar com tantos rigores...

— O que não tem remedio, murmurou D. Garcia de Sá, revelando que ainda sofria de obstinação, apegado á teima como a uma velha moleta de que não carecia.

— O que Deus remedeia — corrigiu o filho, ousadamente, erguendo a cabeça de golpe, em gesto de fé.

— Achais então remedio um assassinio? acudiu com espanto o Governador, esquecendo todo o bem-estar em que o tinham colhido ali.

— Quantas vêses, pai e senhor!

— Blasfemais! rugiu o Governador, um pouco exaltado, mas ainda mais contrariado que iroso.

E, quebrando-se logo, tornou com verbosidade, de face mais tranquila:

— Sabeis que têmos de ir a Baçaim. Estou velho e doente, de pouca dura. De maravilha, por lá não ficarei. Devo deixa-las casadas, cada uma com quem por sorte lhe coube. Emfim, que Deus abençõe tanto Leonor como Joana, e não é culpa minha que eu sorria melhor a D. Antonio de Noronha do que a Manuel de Sousa. São simpatias, filho, se não vozes do coração...

— Ainda, pai e senhor? repreendeu Pantaleão de Sá.

— Ainda, filho — volveu D. Garcia com tristeza — ainda me anuvio com o pensar nelle. E sei das virtudes que tem ganhado e dos dotes que tem. Que quereis, filho? Nunca pude ver o monstro em Luis Falcão. Não admira que nunca possa ver a pomba em Manuel de Sousa, não lhe devendo nunca outro agravo que não seja este na honra de vossa irmã... Já antes o via com ólhos turvos...

— De má vontade, bem de notar...

— Má vontade que me entristece.

— Agoiros filhos da pouca simpatia...

— E não será pouca simpatia que serve de agoiro? rompeu o fidalgo com ar fatidico.

Pantaleão de Sá não respondeu. A seu pezar, a obstinação do pai agora gelava-o e depois sobresaltava-o. Mais do que tudo isso, penetrava-o e ficava lá dentro a roer e a morder.

Garcia de Sá fôra sempre regular fisionomista. Mas não se enganara tanto com o capitão de Diu? concluia Pantaleão de Sá, respirando um pouco melhor.

Entretanto, o Governador deixava-o só.

Pantaleão de Sá ficou á janela, a contemplar sempre as irmãs, com mais tristeza, mas com egual ardor de espirito.

Momentos depois, porém, conhecia pela primeira vês, que as não estava vendo, quando mais esperançado as contemplava. Quem elle via agora era a mulher que lhe morrêra, que lhe deixára aquella febre enternecida em que vivia. Do amor de irmãs transportava-se ao de noivo.

Flôres, sol, perfumes, a beleza tocante de Leonor e de Joana, nunca, como agora, tinham sido sugestões multiplas do mesmo ser amado e perdido para todo o sempre talvês. Para todo o sempre, sim, que não merecia elle encontrar aquelle anjo na Eternidade. Elle iria, ensanguentado e funebre, triste e dorido, sem o olhar tranquilo e o meigo sorriso com que ella se finara, com um Cristo nas mãos de lirio. Como podia o braço da grama, tão tristemente enraizado no chão, ir viver com o raio puro da estrêla? Que era elle, barro crestado depois de amassado pela amargura e pelo desespero?

Mas, meu Deus! nunca assim tivera saudades da esposa d'alma que perdera, quando o amor fra-

ternal era tão diverso e, consoladoramente, menos egoista.

-- Porque seria?

Era a sugestão do noivado das irmãs, a lembrar-lhe o seu?

Seria produto dum presentimento, como o do pai, presentimento vago, mas obstinado?

Surdiria das palavras do velho?

Deve-lo-ia ás saudades que já tinha da vida luminosa do lar, iluminado principalmente pelo espirito de Leonor?

Que sabia elle, senão que sofria?

E Pantaleão de Sá, ofuscado pelo sol, e ainda mais pela Dôr, chorou silenciosamente as lagrimas peores, as que não se compreendem por completo e correm perigo sem deixarem paz e alivio.

Sentiu o beneficio do pranto mudo, tão parecido com a oração mental.

Esteve assim imovel alguns minutos.

Depois, fortificou-se com a mesma luz que o deslumbrara.

Que é o sol, a flôr, o perfume, a beleza maior, senão um poema do grande Espirito de Deus?

Não é tudo obra do Ser Eterno, o Ser dos seres, o Pai Supremo?

Lavara-se-lhe a alma com as lagrimas.

Lavou-se-lhe de todas as rugas o rosto num sorriso de fé e resignação.

Desceu ao jardim.

As irmãs conversavam despreocupadas.

Com a calma tinham uma languidês que, longe de as alquebrar, antes as espiritualizava.

A' primeira vista, pareciam flôres com voz e com ólhos, com coração, com alma.

Quando o sentiram, voltaram-se tão tranquilas,

como se nenhuma nuvem lhes toldasse a felicidade casta.

—Muito madrugaram—disse elle logo, sorrindo—que muito cêdo as senti andar e falar.

—Se vos parece! atalhou Joana com malicia infantil, aspirando uma flor escarlate.

—Achais não precisarmos de ver cêdo a luz? perguntou Leonor com graça.

—Decerto que a deveis ver, Leonor, porque della nascestes e della sois feita.

E, acentuando com gravidade as palavras:

—Assim como espero em Deus que para ella caminheis.

—Tambem eu o espero—acudiu Joanna.

—Muito vo-lo agradeço—respondeu Leonor.

E, como sentisse outra vês a vaga melancolia que por vêses a golpeava, disse logo:

—Assistis á visita de Manuel de Sousa?

—Poderia eu faltar, tratando-se da vossa felicidade, Leonor?

—E da minha? rompeu Joana com ar pueril. Voto a Deus, que, só por mim, não ficarieis.

—Ficaria tambem—volveu Pantaleão de Sá, um pouco enleado. Porque não, irmã?

—Deixai-a falar, irmão—acudiu Leonor—que ella em tudo é assim: uma criança travêssa.

—Criança travêssa, replicou Joana, que não tem invejas nem amúos.

—A's vêses...—gracejou Pantaleão de Sá.

Joana fingiu-se muito furiosa, colheu pela haste a flor, que aspirava, e atirou-a á fronte do irmão.

—Tomai, aí tendes um terrivel peloiro, senhor pelejador—bradou em voz de prata.

E, cheia de graça e ternura, disse, bamboleando-se:

— Magoei-vos? Pois vou matar-vos, para tanto não sofrerdes.

E, correndo para elle, beijou-o na fronte com aféto e comoção.

— Estou vencido e morto — respondeu Pantaleão de Sá, deixando pender os braços cómicamente.

—Sim, acudiu Leonor, com a alegria comunicativa que imperava. Pois vou sepultar-vos!

E, levantando-se, foi beijá-lo tambem.

Mas interrompeu a scêna um novo personagem.

Uma voz cava disse ao largo, stentóriamente:

— E eu rezo-vos os responsorios, senhor Pantaleão de Sá.

Voltaram-se os tres, e desataram a rir como crianças em recreio.

D. Alvaro descia a escada do jardim, fingindo-se carrancudo e implacavel.

—Ah!—exclamou Leonor, córando um pouco, vendo que ninguem o acompanhava.

E Joana e o irmão disseram, tomados do mesmo pensamento:

— Não vem comvosco ainda Manuel de Sousa?

—E' elle quem vos pede que subais, senhora D. Leonor. O mesmo vos pede, senhora D. Joana, o senhor D. Antonio de Noronha.

Parou nisto D. Alvaro e, fitando Pantaleão de Sá com ar chistoso, gritou-lhe cavamente:

— Quanto a vós, senhor, se não estais morto, depois do que vi, vinde tambem. Mas, se estais morto, não vos agonieis, que eu vos resuscito.

E travou-lhe do braço alegremente, com um vigor nervoso que o rejuvenescia.

Subiram os dois a escada. Joana seguiu-os, saltitando. Leonor, um pouco pálida, vacilou muito, porém. Custava-lhe a crer em tanta felicidade. Temia-a, por assim dizer.

Depois, admitindo-a, receava o ar reservado do Governador, que viria aguá-la.

Tudo estava resolvido para bem seu, e receava uma decéção.

Emfim, lembrava-lhe que não poderia talvês entrar calma junto de Manuel de Sousa, sendo presente o pai.

Não se enlearia de certa vergonha?

Não a fariam tambem córar os olhares de todos?

Que diria o Governador?

Mas Joana parára no ultimo degráu á espera della, menos espantada do que apreensiva.

Compreendeu a luta íntima de Leonor?

Talvês, pois sorriu com grande bondade, dizendo-lhe em tom firme:

—Vinde, que todos serão cavaleiros de brio, Leonor.

A amante de Sepulveda subiu então, sem uma palavra.

Armou-se de coragem e aprumou a fronte, como era seu costume.

D. Garcia estava sentado, tendo á direita D. Antonio de Noronha, sempre calmo e magnifico, e á esquerda Manuel de Sousa Sepulveda, nervcso, palido, com um sorriso levemente amargo.

D. Alvaro e Pantaleão de Sá sentaram-se ao fundo e Joana e Leonor, entrando, ficaram paradas com enleio, rubras, d'olhares vagos.

—Dais licença? disse logo D. Antonio de Noronha ao Governador, oferecendo o braço a Joana e conduzindo-a afétuosamente para ao pé de si.

D. Garcia acenara com a cabeça branca, mas o Sepulveda hesitava em seguir o exemplo de Noronha.

Porém, D. Alvaro gritou-lhe com estridor:

— Então, senhor Manuel de Sousa, não quereis ser cavaleiro com a vossa dama?

Sepulveda fês uma venia profunda a D. Garcia e conduziu Leonor, mas sem levantar os ólhos para ella.

O Governador cerrára um pouco o olhar e remexia distraidamente uns papeis que tinha diante de si.

Houve um silencio rigoroso. Leonor aproveitou-o para sorrir furtivamente a Manuel de Sousa, que logo se sentiu mais calmo e forte. Joana, inclinando-se para D. Antonio de Noronha, pôs-lhe uma flor no gibão.

D. Garcia não falava ainda, apezar de todos esperarem com ancia as suas palavras.

Mas desanuviara-se por completo, ao notar os ólhos enternecidos de Manuel de Sousa, livre quási de todo o nervosismo. Nada o abrandava mais do que a bondade e a humildade.

E, mais aberto de rosto, fitou as filhas e os genros, e começou a falar de manso, um pouco arrastadamente:

— Todos sabeis para o que aqui estamos, e que tenho de ir a Baçaim. Sabeis tambem quanto me pesam os annos e os achaques, e quanto devo dispôr de tudo em qualquer viagem, como se ella tenha de ser a derradeira.

Veio aqui o senhor Manuel de Sousa Sepulveda pedir-me hoje a mão de Leonor que eu destináva a Luís Falcão e a de Joana ha muito a pediu D. Antonio de Noronha. A contento meu são estes dois desposorios, pois nos primeiros estou livre pela morte do capitão de Diu, e nos segundos tive sempre grande prazimento. Convoquei-vos, pois, para concertardes o dia delles, que bem podia ser o mesmo, e para dizer a meus genros...

— Senhor Governador — atalhou logo Manuel de Sousa — não precisareis tornar a dizer-me o que

dissestes diante do senhor D. Alvaro, que eu nada mais vos peço do que D. Leonor.

— Tambem sabeis — acudiu D. Antonio de Noronha — que o melhor dote de D. Joana é ella mesma.

— Senhor D. Garcia de Sá, disse lá do fundo D. Alvaro, se não quereis escusadas tardanças, combinai o dia da festa, que do mais todos estão sabedores.

— O dia, tornou o Governador com alguma timidês, bom seria que fôsse nos principios de Fevereiro...

Alevantaram-se os genros ao mesmo tempo, a estas palavras, aplaudindo-as.

Depois, todos se animaram, postos por completo á vontade.

Manuel de Sousa, contente por o Governador se lhe dirigir com brandura, falava muito com elle, mostrando-se reconhecido e simples, e D. Garcia de Sá, tomado pela afabilidade do genro, fitava-o com bastante franqueza, levemente tocada de reserva, reserva que parecia o fim dum amúo.

Todos falavam com o nervosismo de quem sacóde, de chofre, um velho jugo, mais absurdo do que vergonhoso.

O Governador primava em palavras quentes, folgando de que lembrassem os serviços que prestára á India sem mancha de peculáto. E, como todos o estimavam, teve o jubilo de ver que o seu curto governo não era menosprezado nas menores boas intenções. E isto desenleou-o de vês e humanisou-o por completo.

Neste ruido alegre, D. Alvaro ergueu a voz vibrante com emfase, com jovialidade:

—Não é verdade, senhores, que será hoje de muito prazer jantarmos todos com o senhor D. Garcia de Sá?

Ao que o Governador acudiu logo, sem esperar outra resposta:

—Grande prazer será para mim. Não terei, ha muito, assim um dia ditoso...

E, levantando-se, comovido, aproveitou o ensejo para esconder a comoção, retirando-se.

—Esperai-me todos aqui conversando, que hoje tomo o logar de minhas filhas e vou eu dirigir a meza. E ellas que se resignem, que não cêdo o meu novo cargo.

D. Garcia disse isto e saiu logo, um pouco precipitadamente, enxugando os grandes ólhos.

Então Manuel de Sousa, curvado para Leonor, murmurou-lhe com ardor e paixão:

—Emfim, senhora, são passados os temporaes. Não vos achais hoje feliz?

—Deus me conserve tanta felicidade—volveu ella—abismada no negro olhar delle.

—E porque não, senhora?

—Merecê-la-ei eu?

—Como não, se eu proprio julgo merecê-la?

—Dizeis isso, de consciencia tranquila? inquiriu ella com audacia, não o desfitando.

—Leonor, porque tal me perguntais? volveu elle, cheio de pasmo, passeando o olhar com alguma angustia.

—Respondei, peço-vo-lo.

—Pois bem, digo-o de consciencia tranquila—declarou elle, conseguindo acalmar-se.

Leonor de Sá fitou-o mais uma vês nos ólhos e julgou vê-los puros de agonias intimas. Tornou a fitá-lo assim em algumas miradas profundas e confirmou-se-lhe o mesmo juizo.

—Ah!—disse então, socegada e ditosa—que bem me fazieis!

—Pois de mim duvidáveis?

XV

Morte dum justo

O GOVERNADOR, depois deste dia, pediu ao Bispo de Gôa, que fixasse o dia certo do casamento.

D. João Afonso fê-lo com alvoroço, de tão encantado que estava com a regeneração de Manuel de Sousa, o pupilo do frade e amigo.

E a capital da India, tão gulósa de festivaes, vibrou mais uma vês, de alegria e estrepitosa festa.

Houve toiradas, jogos de canas, luminarias, salvas, diluvios de flores. Ondularam colgaduras e bandeiras. Estrugiram charamelas e trombetas.

Os noivos atravessaram Gôa em pompa, luminosa e vitoriadora.

A solenidade na capital foi cheia de esplendor e, quando os desposados sairam para suas casas, e abraçaram D. Garcia entre lágrimas, ninguem houve que não chorasse com elles, soltando aclamações, rogando a Deus bençãos.

Notou-se a pompa, o garbo, a imponente beleza de D. Antonio de Noronha o qual, no dizer de Diogo de Couto, era o maior e mais formoso homem que na India havia.

Houve, a propósito, discretos comentarios á

singeleza de Manuel de Sousa, que apareceu vestido com o traje de todos os dias e que levava comsigo um bastardo de nove annos de edade que tivera a educar em Chaul. E a maledicencia teve o seu pasto. Mas a geral alegria dissipou todas as nuvens.

D. Garcia de Sá, depois disto, pareceu alquebrar-se de repente, mas o seu plano de viagem Baçaim persistiu. Pouco depois, partia, socegado comsigo próprio, bem disposto com todos.

Uma consolação inefavel o animava: já podia morrer!

E, chegado a Baçaim, mandou oito náus sobre Ormús para se opôrem a algumas galés que vinham de Aden. Deu ainda varias instruções, providenciou sobre obras e solidou a disciplina militar.

Depois disto, voltou, depressa a Gôa e deu farta meza aos desempregados, despachando ainda com atividade e justiça.

E pareceu disposto então a descançar um tanto, como se esperasse pelo seu fim próximo.

Mas El-Rei de Tanor pedia-lhe socôrro. D. Garcia de Sá não o demorou. Deu ordens a seu sobrinho, tambem chamado Garcia de Sá, para partir com alguns soldados em diréção a Chalé, onde esperava o ensejo de auxiliar o Rei de Tanor. O sobrinho partiu com instruções tão estrategicas como elevadamente diplomaticas.

E, profundamente religioso, D. Garcia enviou ainda com os expedicionarios o P.e Antonio Gomes, prégador de S. Paulo, para catequisar cs gentios, acompanhando de perto a Espada com a Cruz.

Nisto, chegava a Gôa Antonio Moniz que fôra a Ceilão em socôrro do rei de Candia, trazendo noticias de novos feitos dos soldados portuguêses.

D. Garcia de Sá estudou ainda com criterio as causas da hostilidade do rei de Ceilão, e entretanto

devotava-se principalmente a socorrer os muitos miseraveis que mendigavam na capital da India, á busca de oiro e pelejas.

A sua saúde definhava-se, porém, muito, derreando-o e ankilosando-o.

Os padecimentos intestinaes, já antigos, agravaram-se com crueldade.

Uma dolorosa apatia lhe esgotava as forças da alma quási tanto como as do côrpo.

A morte chegava, e elle conhecia-o sem pavor, com serenidade cristã.

O túmulo não o aterrava. O túmulo era o seu batel de luz pela Eternidade fóra.

Neste principio de agonia, entretanto, a calunia quís feri-lo ainda.

Cheio de caridade, mandára dar soldo aos que do Reino vinham sem elle. Nunca se esquêcera dos desgraçados. Como os esqueceria, quando estava prestes a ser julgado por Deus?

Permitiu tambem que cada um podésse dar ou vender o seu direito de soldo a quem quizesse.

Assim pretendia valer a milhares de famintos, ou de homens que depressa o seriam.

Nisto o aplaudiam clerigos e conselheiros que ouviu com atenção e zelo, como nenhum Governador tivera talvês antes delle.

A calunia aproveitou sôfregamente a permissão do trespasse ou venda de soldos para ferir mais uma vês a probidade do notavel Governador. A calunia é assim. Da melhor virtude faz arma. Inspira-lhe esta monstruosidade o desespero de ter de confessar a si propria a sua torpeza e rancor.

Vozeou-se que assim mascarava elle negocios vergonhosos em que tinha pingues interesses. O santo Governador, segundo queriam, não exercia a

caridade: mercadejava, como se o cristianismo puro pudésse ser chatinagem.

E este desgosto, naquellas horas de agonia fisica, feriu-o muito no intímo; mas, pensando na Justiça Maior, mal se queixou desse ultimo arranco da injustiça. Não sabia elle que o Mal é incançavel? Não conhecia elle onde é que vive e impera para todo o sempre a Justiça Absoluta?

Ia findo o mês de Junho, mês para elle de ruina organica, mas de paz psiquica.

A enfermidade progredira implacavelmente e a alma ganhava socêgo e fervor piedoso.

Eram horriveis os golpes das cólicas, golpes que, pouco a pouco, tomavam o caráter de estertores permanentes. Mas D. Garcia de Sá, pensando nas angustias do Calvario, achava-as mais recompensas do que torturas.

No dia 2 de Julho, incharam-lhe dolorosamente as pernas, desde os joelhos ao baixo ventre, e uma febre terrivel o congestionou todo.

Não teve as menores duvidas sobre a proximidade do seu fim. A morte não chegaria dentro de mêses, mas dentro dalguns escassos dias.

Os fisicos avisáram o Bispo D. João Afonso que não tardou em visitá-lo com os Sacramentos, chorando de jubilo ao vê-lo tão sinceramente piedoso, d'ólhos tranquilos, irradiantes de luz espiritual. Confessou-se e comungou.

E, depois disto D. Garcia de Sá fês o seu testamento, nomeando testamenteiros os genros e varrendo as levaduras dalguns pequenos ódios. Depois da confissão, mudou de proposito quanto á distribuição dos haveres pelas filhas. Joana de Sá recebêra um dote maior em baixelas e prendas de estima. Herdou, porém, tanto como a irmã: vinte mil cruzados,

A 5 de Julho de 1549, sexta-feira, á noite, mandou chamar as filhas e os genros que o não tinham desamparado todo o dia.

A enfermidade déra-lhe uma repentina e lancinante crise.

Teria chegado o momento supremo?

Branco de neve, de fronte toda descaída, cercado pelo Bispo, pelos padres de S. Francisco, de S. Domingos e da Companhia de Jesus, Garcia de Sá relanceava a custo o olhar vidrado, emquanto a mão convulsa amparava o abdómen em fogo.

Mas a voz, ainda clara, protestava em nome da vida, como um pregão eterno.

A consciencia não perdia o ensejo de reclamar por meio dessa voz dôce e firme.

Era o éco sublime da sua grande e luminosa Fé.

Pedira humilde perdão a todos, banhado em lágrimas, com ancia e com ternura, esquecido dos horrores do corpo para desabafar os escrupulos do espirito.

Confessára em voz alta as suas culpas, e desfizera, sem mágua, com grande indulgencia, tantas calunias que pretendiam infamar-lhe os setenta annos, manchando-lhes a neve e a grandeza.

Mas faltava-lhe uma obra de justiça e humildade—dizia elle, de mãos postas, como se fôra o ultimo dos miseraveis da India.

Quando Manuel de Sousa Sepulveda appareceu, o Governador chamou-o com ar de alivio.

Empalidecêra mais, mas ficando mais belo.

Torrentes de pranto lhe perlaram as barbas venerandas, ainda sedosas e fartas nas suas cãs.

A palavra, abafada pela comoção, resultou incoerente. Tentou dominar-se, exprimir tudo, e não o conseguiu.

Era pungente aquelle seu estertor. Emfim, balbuciadas algumas frases, não pôde mais.

Resvalou-lhe, nisto, a cabeça em descaimento de mau agoiro, como que decepada pela Morte.

Muitos julgaram que tinha expirado neste lance.

Manuel de Sousa, D. Antonio de Noronha e as esposas destes correram a amparál-lo. O mesmo fizeram outros.

O Governador respirava, mas não se movia. Não morrêra, mas dava mostras de sucumbir a cada instante.

E, neste colapso, decorreu toda a noite e a manhã de sabado, 6 de Julho.

Ninguem mais esperava que elle voltasse a si.

Ao principio da tarde, porém, descerrou-se-lhe o olhar, vidrado ainda, mas pouco a pouco mais limpido.

Fixou-o nas filhas, e depois no Sepulveda, e então com uma tal profundidade e bondade, que todos se sentiram enternecidos.

Seguidamente, circumvolveu-o com lentidão, á procura talvês de todo o auditorio.

Decorridos instantes, soergueu-se com esforço, rosando-se de leve.

Ampararam-no.

Pareceu respirar melhor e sorriu com tranquilidade.

Depois, ouviram-lhe a voz, muito cavada, mas distinta, cada vêz mais nítida.

As primeiras palavras eram um chôro que traduzia espanto.

—Saudades...—murmurava elle—saudades aos setenta annos!

Mas, maravilhosamente animado, continuou com afécto:

—Aproximai-vos ainda mais, Manuel de Sousa, que vos quero bem perto do coração.

E, levantando os ólhos pisados e lacrimosos, disse-lhe em tom de súplica, abalando todos:

—Perdoais-me, filho, ao menos em nome de Jesus-Cristo?

O Sepulveda, nervosíssimo, ia a replicar, mas o moribundo acudiu logo com vivacidade:

—Quiz-vos muito mal, e bom genro e cavaleiro tendes sido. Rezai por mim, quando eu fechar os ólhos, pois vos levo no coração com Leonor, com Joana e D. Antonio. Olhai, que ides no mesmo afécto.

E, como Leonor o beijasse piedosamente, a soluçar, vencida de gratidão e amargura, acrescentou com tristeza:

—Muito bem me fazeis, já que Manuel de Sousa me não póde talvês perdoar.

Entretanto, o Sepulveda curvára-se já para elle, a beijá-lo tambem na fronte latejante, e a chorar com a esposa e com todos.

E, em voz profundamente sentida, dizia-lhe, cheio d'amor e de humildade:

—Senhor D. Garcia de Sá, quereis abençoar-me?

O velho fitou-o com gratidão alvoroçada e fês um gesto de larga benção. Mas, depois, colheu de surpreza a mão direita de Sepulveda e beijou-a, e orvalhou-a toda de lágrimas.

—Que fazeis? disse Manuel de Sousa, lívido de confusão, querendo resistir, mas vencido pela vergonha de não fazer a ultima vontade ao glorioso moribundo.

—Justiça e humildade—balbuciou o velho.—Se soubesseis como estou com Jesus-Cristo, fazendo assim!

E, como que aconchegando-se no peito do genro, disse ainda:

—Não vos esqueçais, meus filhos... Levem-me a enterrar á egreja de Santa Maria do Rosário onde

jaz a mãe das minhas filhas... E — ouvís? — com o hábito de S. Francisco...

Disse isto e fitou as filhas e os genros com penetração febril. Disse isto e amparou o peito que fervia.

Depois, como espantado com uma visão súbita, exclamou, d'olhar ao alto, decerto em extasis:

— Senhor Jesus!

E tombou logo, deixando o mármore da fronte ao pé do coração, da ancia, do assombro, de Manuel de Sousa Sepulveda.

Estava morto.

Quando o verificaram, inteiriçava-se, mas conservando a tranquilidade dos que dormem aos pés de Deus, dignos da paz de todo o sempre.

Velaram-no toda a noite.

A noticia da morte contristou Gôa, como poucas vêses em casos similhantes. Só assim a ferira, e talvês um pouco mais ainda, o passamento de D. João de Castro.

Esteve o cadaver sempre rodeado de ondas de curiosos e dorídos.

O Governador, sereno e alvo, parecia de jaspe.

Na manhã seguinte, domingo, corrêram ás Casas do Sabaio todas as Ordens, Cabidos e clerigos das Freguezias. Surdiram os guiões da Irmandade da Misericordia. Ajuntaram-se, todos vestidos de preto, os fidalgos.

Amortalhado num lençol, como deixara escrito, foi posto na tumba da Misericordia, que cobriram com um pano de sêda.

O Bispo presidiu ao prestito com comoção intensa, caminhando de mãos em cruz sobre o peito.

Umas enormes filas de fieis com tochas acêsas precederam o féretro, fazendo um acompanhamento colossal.

Gôa apinhou-se á porta do templo de Santa Maria do Rosario, vestindo luto rigoroso.

Pouco depois, tudo estava concluido.

Restava a nomeação do novo Governador.

Se D. Jorge Telo, capitão de Sofala, não se tivesse ausentado para o Reino, seria elle o sucessor.

Na falta delle, vinha nomeado Jorge Cabral, capitão de Baçaim por vaga de D. Jerónimo de Menêses.

Coube, pois, a Jorge Cabral o poder que D. Garcia de Sá deixava quási de subito.

O capitão de Baçaim, saberia da sua elevação a 26 do mesmo mês de Julho.

A 11 de Agosto, entraria elle em Gôa com sua mulher, como sucedia pela primeira vês a Governadores, pois deixavam sempre as esposas no Reino.

E a sua entrada seria imponentemente festiva.

E Gôa teria de novo um ensejo para outra festa, para outro desabafo e clamor da sua natureza profundamente sentimental.

FIM DA 3.ª PARTE

EPILOGO

I

Gloria e dôr

Jorge Cabral continuou a obra de D. Garcia de Sá com amor, com valor, com grande consciencia.

Quando, chegado de Baçaim, recebeu o governo das mãos do Bispo, do capitão da Fortaleza e do Ouvidor geral, sofreu, pois, muito com o triunfo do védor da Fazenda, que lograra derrubar a medida de Garcia de Sá, sobre a venda e trespasse de soldos. Cosme Anes era velho e encapotado inimigo do finado Governador, como bem o sabia Jorge Cabral.

Impotente, porém, para destruir já o que o védor, arrastando comsigo o governo provisorio, tinha estabelecido, limitou-se a demitir da Ouvidoria Antonio Barbudo, ferrenho partidario de Cosme Anes.

E, com admiravel culto pelo governo do antecessor, por elle se foi norteando em tudo.

Entretanto, sopravam ventos de ameaça dos lados de Cambaia.

Jorge Cabral, por cartas que encontrou na pasta de D. Garcia, soube que os Rumes de novo se aprestavam para cairem sobre as fortalezas de Portugal.

Assim era. Cartas de Diu contavam os grande-preparativos de guerra que os Rumes faziam nos es-

taleiros de Cambaiete. Sabia-se que o soberano de Cambaia instára com um genro de Coge-Çofar para dirigir a expedição, e que o instado, lembrando-se das vergonhas de Diu, fugira sem que nunca mais o vissem.

Depois, chamara o rei um outro seu notavel capitão.

Este fugira como o primeiro, mas procurando logo Martim Corrêa,capitão de Diu, a quem pediu abrigo, que lhe foi dado.

Mas El-Rei de Cambaia não desanimava. Mobilisava tropas. Armava navios. Ondas de Rumes corriam pela bôca do Estreito á voz do monarca gentio.

A nuvem crescia, lentamente, com a tenebrosidade de todas as ameaças dos moiros, sempre cavilosos e seguros.

Entretanto, o sobrinho do finado Governador tocáva em Chalé onde invernou.

Depois, seguindo as instruções de seu tio e homonimo, correu a Tanor e a Panane por chamamento de El-rei de Tanor.

Este soberano recebeu gentilmente os portuguêses, banqueteando-os com imponencia. O padre Antonio Gomes, na verdadeira Cápua de Tanor, não perdeu, porém, o espirito em ócios. Repoisava a Espada. A Cruz era incançavel. Chamou a si os companheiros e começou a catequisar.

A primeira conversão foi a da Rainha. El-Rei ouviu-os com benevolencia e, se não fês logo profissão de fé como a rainha, mandou levantar um suntuoso templo de granito em honra de Jesus-Cristo.

Pouco depois, embora muito o fizesse tambem para hostilisar o Samorim de Calecut, não duvidou, professar o cristianismo com solenidade.

Estas novas colheu-as Jorge Cabral como fruto sazonado das providencias de D. Garcia de Sá, e

mais radicou nelle o seu culto pela mei139
tecessor.

Entretanto, chegavam-lhe noticias du conflito entre os reis de Cochim e da Pimeı.

Francisco da Silva, capitão de Cochim, os brios portuguêses, mas o Samorim aprovei ensejo para satisfazer o seu rancor a Portugal. da-Pimenta tinha o seu auxilio franco e formida Jorge Cabral via a urgencia de marchar com bom exercito sobre Cochim.

Mas, neste aperto, procedeu com a prudencia que teria D. Garcia de Sá.

Esperou as naus do Reino que traziam tropas frescas, munições e dinheiro.

Entretanto, reforçou os de Cochim na previsão de perigos como os de Diu.

A 5 de Setembro, chegaram a Gôa a náu Boaventura e a náu S. Filipe. Comandava a primeira D. Alvaro de Noronha, irmão do esposo de Joana de Sá e filho, como este, de D. Garcia de Noronha.

Na segunda vinha como capitão o armador Jacome Tristão.

D. Alvaro e Jacome informaram que do Reino tinham largado ferro mais tres naus além daquellas duas: a S. Bento, comandada por Diogo Botelho Pereira, a Zambuco, do comando de João de Mendonça e a Burgalêsa, comandada por João Figueira.

A Burgalêsa nunca mais apareceria, pois se perdeu, como mais tàrde se soube.

Jorge Cabral teve então noticias palpitantes. O inimigo em Africa concentrava grandes forças dentro de Azamor para abalar sobre Mazagão, pelo que S. Alteza maıdava muitas tropas para aquella praça africana.

O moiro não descançava, nemn a Africa nem na India.

Governador, recebeu os refôrços e providen- logo com atividade.

Seguiu para Baçaim, com miudas instruções, Francisco Barreto que para aquella capitania viera nomeado do Reino.

Depois, Jorge Cabral tratou de armamentos e concertos de naus.

E, apezar desta freima, o seu despacho honrava, e até excedia em zelo, o de D. Garcia de Sá.

A cada passo, rasgos de austeridade e bom-senso, uma justiça perfeitamente cristã. Quem não veria na sua obra a boa inteligencia do espirito dos dois ultimos governadores?

Quando Francisco Barreto chegou a Baçaim, embarcou de lá para Gôa D. Lucrecia Cabral, esposa de Jorge Cabral.

Soube-se da vinda desta senhora em Gôa. Os goenses prepararam logo estrondosos festejos de receção.

Jorge Cabral fingiu não dar por isso.

Apenas teve noticia de ella ser chegada a Pangim, mandou-a ir ter ás casas de Antonio Pessôa e; alta noite, lá a foi buscar, entrando ambos no palacio de Gôa, sem que ninguem o soubesse.

Procuraram-no ao outro dia cidadãos respeitaveis, lamentando terem gastado inutilmente o seu dinheiro. Jorge Cabral agradeceu-lhes a homenagem, e acrescentou que não deviam dispender com coisas desnecessarias o que mais justo e honroso era gastar-se com a receção ao Rei de Tanor que desejava visitar Gôa.

E, pouco depois, provava-lhes, com cartas do mesmo soberano, quanto estava bem informado.

El-Rei de Tanor, inspirado pelo padre Antonio Gomes, escreveu a Jorge Cabral a pedir-lhe náu em que se dirigisse a Gôa. Jorge Cabral reuniu o con-

selho e deliberou com elle aceder ao p 141
narca.

A obra de D. Garcia de Sá, pouc
mas muito fecunda, frutificava.

O velho Governador compreendêra, como
o valor do verdadeiro missionario.

Compreendêra, como poucos, que ao crist
mo da apostolisação devia corresponder o cristian
do governo.

E na diplomacia honrava egualmente o antece
sor, como se delle em tudo colhêsse lição.

Uma mensagem do Idalcão apertou com elle, acompanhando o apêrto de valiosos presentes, sobre uns negocios de Bardês. De sobra conhecia elle a resposta justa, mas os interesses da India Portuguêsa exigiam que a questão não avultasse nem provocasse energias e dispendios.

Jorge Cabral soube ser gentil com o Idalcão e conseguiu que este esperasse pelo despacho das naus do Reino, pretexto habil para não responder logo.

Entretanto, o Rei de Tanor, apezar dos rogos do Samorim, e dos manejos doutros, chegava a Gôa, e Jorge Cabral entendeu que era economico dispender boas somas em festejos e cortezias, semeando assim oiro para colher diamantes.

Chegou o monarca na noite de 22 de Outubro a Pangim. Hospedado nas casas de Antonio Pessôa, lá o fôram buscar D. Francisco de Lima, Capitão da Cidade, muitos fidalgos, e povo, em fustas luxuosamente engalanadas, onde tanjiam musicas, e se largavam foguetes estridulos.

A chegada do cortejo ao cáes de Gôa foi habilmente decorativa.

A artilharia e as aclamações, pela febre e pela unanimidade, pareciam saudar o proprio Rei de Portugal.

ntretanto, El-Rei de Tanor não vinha só cris-vinha português até no vestuario.

Vestia pelóte de setim carmesim, jornea de damasco e calções de setim carmesim; cingia espada doirada; calçava sapatos de veludo preto; e na cabeça puzera uma gorra de veludo preto com pluma branca. Não lhe faltava a adaga d'oiro.

Não menos pomposo de traje, o recebeu Jorge Cabral, dando-lhe a mão no desembarque, e descobrindo-se com grande respeito depois, ao vê-lo pôr em terra o pé luxuosamente calçado.

Em seguida conduziu-o ás portas de Gôa, onde fôram oferecidas ao Rei de Tanor pelo Capitão da Cidade as doiradas chaves da Fortaleza em salva de prata, riquissima de lavores.

O monarca, atónito, deslumbrado e tambem muito desvanecido, pareceu não compreender logo a gentileza da homenagem que o surpreendêra.

Mas Jorge Cabral já tomára as chaves e, beijando-as com veneração, depô-las nas mãos de El-Rei.

Ao mesmo tempo dizia-lhe com afêto, por intermedio dum lingua:

—Senhor, com estas chaves da Fortaleza vos entrego não só esta Fortaleza, como todas quantas El-Rei de Portugal tem nestas partes, em nome de irmão e verdadeiro amigo para sempre. E, para servir-vos, estou pronto com todo o poder que tenho, como se fôra para El-Rei nosso senhor.

E deixou-lhe nas mãos as chaves, emquanto o lingua e alguns dos seus naires, que sabiam o português, lhe explicavam a grandeza e honra daquellas palavras cantantes.

Apenas compreendeu o que lhe dissera Jorge Cabral, El-Rei de Tanor, muito comovido, beijou as chaves da Fortaleza e entregou-as, sorrindo, ao Governador, murmurando um agradecimento sentido.

E então os vereadores, pomposos, muito nes, vieram beijar a mão do monarca, chamando-irmão de El-Rei de Portugal e logo o conduzira. debaixo dum palio de veludo carmesim pela cidade dentro, num cachão de gente, ao som de salvas e musicas.

A' frente do palio, e de cruz alçada, ia um monge, de nome Fr. Vicente. Alevantavam-se tambem no prestito as bandeiras do Reino, da Cidade e de varias classes, rutilantes todos os estandartes com os seus bordados e pedrarias.

Gôa deslumbrava de tantos galhardetes, bandeiras, colgaduras, festões de flores, ólhos vivos e humidos de entusiasmo.

As janelas, cheias de lindas damas, que muito entusiasmaram o monarca, despejavam sobre o prestito aclamações e perfumes, de braços nús até ao cotovelo, de mãos alvas, cheias d'aneis que pareciam relampejar.

Emfim, o cortejo parou no largo do palacio do Governador, largo que parecia um parque em festa.

Esperavam-no ali o Bispo, o Cabido e demais cleresia, de cruzes alçadas, resplandescentes de paramentos e insignias.

Apenas chegou o Rei de Tanor, D. João Afonso d'Albuquerque apresentou-lhe um grande Crucifixo, com esplendidas cinzeladuras nos braços e na base da cruz.

Ajoelharam logo o monarca e o Governador, inclinando a fronte a beijarem os pés de Cristo. E o povo, recolhido um momento, fês um breve silencio de oração.

E dali seguiram para a egreja.

Durante toda a solenidade El-Rei de Tanor mostrou a maior devoção, depois de satisfazer a curiosidade, admirando altares e cerimoniaes.

O monarca esteve tres dias em Gôa, hospedado no palacio do Governador. Visitou conventos, temlos e hospicios, do que deu noticia a D. João III em carta que lhe escreveu do mosteiro de S. Paulo onde dormiu uma noite. Gôa festejou-o sempre e o rei gentio levou comsigo uma gratidão que parecia duradoira de tão sentida.

No dia 26 embarcava elle em diréção a Chalé, acompanhado de João Lobo com quem viera. Gôa foi despedi-lo com gentileza e estrondo, o que facilmente pareceria saudades.

Jorge Cabral, porém, depois das festas, já obra de boa diplomacia, resolveu-se a outra empreza diplomatica, a ir a Tanor, e de lá a Cochim a apaziguar por meio de boas razões, o conflito com o rei da Pimenta, que era preciso conter, mas não molestar por causa dos interesses do comércio.

Foi a Tanor. Receberam-no com magnificencia e alegria.

De Tanor seguiu para Cochim.

A receção foi tambem esplendorosa.

O rei de Palurte que estava lá com algumas tropas, por acaso, abrilhantou com entusiasmo a receção.

A diplomacia de Jorge Cabral não se deu ao ócio e acalmou o conflito entre os dois reis. Mas uma ordem imprudente, de homem irritado depois com as mesquinhezas de el-rei de Cochim, deixou, por desfortuna, a semente de desgostos graves psra a Governação da India, prejudicando já surdamente os frutos daquelle trabalho de paz.

Jorge Cabral, como tantos serenos diplomatas, tivera o seu momento de mau humor, um repelão importuno de energia.

Este repelão foi o saque feito, á sua ordem, no pagóde de Cochim pelo capitão da fortaleza.

Chegado a Gôa, o Governador, que ia mal arrependido ainda do seu impeto, teve mais um estimulo de cólera.

O capitão de Gôa D. Francisco de Lima conchavára-se tanto com o védor da Fazenda Cosme Anes, que conseguira o adiantamento de dois annos de ordenado.

Jorge Cabral, que conhecia tão bem a pobreza do erario da India, e que lamentava não poder valer a tantos miseraveis, manifestou duramente a sua indignação.

Movêram-se os culpados, dando frequentes mostras de descortezia e até de revolta.

Jorge Cabral sofreu tudo, como pôde, até que, chegando a indisciplina ao desafôro, mandou prender os culpados, encarcerando Cosme Anes no castelo do Passo Sêco e D. Francisco de Lima no castelo de Naruá, sem ouvir ninguem, sem atender a ameaças e a agoiros.

Quatro dias apenas os teve presos, mas, entretanto, dava-lhes por substitutos Manuel Mergulhão, como védor, e D. João Lobo, como capitão da Fortaleza.

Depois, pondo de parte desdenhosamente aquella contrariedade, não repousava. O inimigo crescia das bandas do Estreito, concentrando forças. Mandou logo Gonçalo Vaz de Tavora com quatro fustas ao Estreito, a colher noticias, a verificar núcleos de resistencia e planos de ataque.

O diplomata estudava o campo do general com resolução.

Viera, nisto, o anno de 1550.

A India parecia fortificar-se para novas lutas, afiando lentamente a Espada e enraizando profundamente a Cruz.

Nos fins d'abril, com a assistencia do Governa-

dor e com grandes festas, fundava-se em Gôa um novo convento de S. Domingos.

Ao longe, a obra de S. Francisco Xavier, que desde 1544 se retirara do Cabo Comorim, ia resplandecendo em frutos, que outros missionarios amparavam e multiplicavam, sacrificando saudes e vidas, derramando o seu sangue e, com elle, a Luz.

Mas a guerra não tardou, nem podia tardar, depois de tão recaldeada.

Fortificado com o apoio do Samorim, o rei da Pimenta foi tomar ao de Cochim a ilha de Bardela e acampou no seu novo territorio com grandes forças.

Francisco da Silva, capitão de Cochim, correu, porém, impetuosamente, sem medir o lance e com tanta fortuna, que derrotou e matou o rei da Pimenta. Os soldados nesta aventura tinham-se egualado aos de Diu em fé e temeridade. O incidente resultava em gloria e prestigio.

Mas, como o capitão de Cochim deixára na fortaleza á frente da capitanía Sebastião Luís, alcaide-mór, homem já velho, os da praça nomearam seu capitão Belchior de Sousa, e disto tinham mandado imediata noticia a Jorge Cabral.

O Governador teve de pensar logo, pois, no capitão capaz de governar e fortificar Cochim.

Precisava dum valente, dum disciplinador e dum diplomata. O perigo de Cochim era manifesto, como o indicava a imposição que a praça fizera, pondo de parte um velho que indicava receio de sério aperto: mas tambem era grave a impunidade da rebeldia contra a nomeação de Sebastião Luís.

O homem que para lá fôsse devia ter, portanto, tão pronto o braço, como bom o prestigio e como seguro o conselho.

Devia ter, além disso, grande prática dos negocios da India e conhecer a causa de tantos renhidos

pleitos entre varios potentados, sempre vivos e irrequietos.

Devia, emfim, ser homem capaz de em tudo governar a India um dia.

Procurou com zelo, e encontrou um velho amigo: Manuel de Sousa Sepulveda.

O esposo de Leonor foi pouco depois chamado ao palacio dos Vice-Reis.

—Disfrutaveis ainda o vosso noivado... disse-lhe, logo que o viu, Jorge Cabral, sorrindo com afécto, embora com mostras de bastante apreensivo.

—Assim é, senhor Governador e amigo, volveu o Sepulveda com semblante alegre. Praza a Deus que a minha festa de noivado não tenha fim.

—Muito vos felicito, amigo e fidalgo—tornou o Governador, semi-cerrando os ólhos vivos, como quem medita profundamente.

E, sentando-se e apontando uma cadeira ao Sepulveda, proseguiu com afabilidade:

—Não vos prazerá muito deixar agora a esposa. Mas bem sabeis que acima estão os interesses da Patria e de El-Rei. E, depois, não tenho ninguem com o vosso valor para o que é mister agora.

—Mandai, senhor Jorge Cabral—respondeu Sepulveda serenamente.

—Sabeis da luta entre o rei de Cochim e o da Pimenta. Grande feito praticou o capitão de Cochim, mas é mister que a guerra mais se não acênda, pois podemos perder a carga da pimenta, o que seria de muito dano para a India. Francisco da Silva não tem tanta inteligencia como bravura...

—Bravura digna de elogio—declarou o Sepulveda com grande franqueza.

—Depois, a fortaleza de Cochim está em tumulto. Depozeram o capitão por velho e, afinal, com todos os capitães é possivel defender a bandeira das

quinas. Porque não esperaram ordens de Gôa? Impõem-nas elles ao Governador?

—Afronta de levianos, ou de medrosos de grandes perigos—opinou Sepulveda, com ar moderado.

—Mas é preciso, acudiu Jorge Cabral, fazê-los entrar no regimento, e mostrar-lhes que nunca devem ousar quebrá-lo. A vossa tarefa, amigo e fidalgo, é, pois, de grande trabalho: apaziguar aquelles reis e caimaes—a quem já escrevi—e pôr em ordem a fortaleza, para o que vos dou todos os poderes.

—Muito vos agradeço tudo—disse o Sepulveda.

E, com alguma anciedade, perguntou:

—Quando deverei partir, senhor Governador e amigo?

—Não agora já—respondeu Jorge Cabral com tristeza—pois o inverno é cerrado e seria perder sem fruto naus e homens. Mas no verão...

—Partirei, logo que o ordenardes.

—Entretanto, estudai o negócio com atenção, que não menos carecereis da inteligencia do que do valor, e depois veremos se concordais com o que tenho planeado.

Saiu Sepulveda desvanecido, mas um pouco triste, afinal.

Não o acovardavam perigos: pungia-o a ausencia que não esperava tão cêdo.

Quando Leonor lhe ouviu o projéto de Jorge Cabral, empalideceu muito, mas disse com firmeza:

—Ireis, porque é do vosso brio não recuar.

E acrescentou, cheia de confiança e de decisão:

—E voltareis são e glorioso, que m'o diz o meu Anjo da Guarda.

Leonor, depois de casada, ganhára uma beleza angelica.

De esplendida que era, pareceu tornar-se mais graciosa.

Perdeu a altivês, desfeita decerto por tantas amarguras, e ficou com uma bondade calma e profunda, dulcissima, embora sempre cheia de coragem.

A sua impressão dolorosa sobre a morte do capitão de Diu quási se desvanecêra e, quando lhe tocava a alma, dava-lhe muita poesia melancólica aos ólhos e ao sorriso, o que mais a espiritualisava ainda.

Sepulveda, tranquilo quanto possivel, julgava exterminar todos os remorsos na doçura e frescura dos labios della.

Vê-la e ouvi-la era tudo para elle, desde o bálsamo ao extasis.

Quando ella proferiu as ultimas palavras, colheu-a pela cintura, e disse-lhe, d'ólhos abismados na sua formosura radiante:

—Bom agoiro é o vosso de anjo!

—Crêde que sinto o que digo.

—Porque falais assim, Leonor, se nunca pudestes mentir-me?

—Nunca?!

E Leonor, avincada de rosto, como por um velho remorso, murmurou:

—Nunca, sim, nunca... Só em caso que não cumpria falar a verdade.

—Já isso me tendes dito por vêses—disse Sepulveda, muito livido.

—Acalmai-vos, tornou ella, sorrindo, que nada é com a minha honra.

—Tão grande misterio!

—E não vos calais diante de sagrados misterios?

—Assim é, Leonor, mas nós não somos do céo, onde vivem os misterios.

—Não, não, acudiu ella, em tom vagaroso e melancólico: mas para o céo caminhamos.

E ficou um pouco hirta, como quem se obstina a não adiantar mais os passos.

De repente, porém, como se um espírito subtil a inspirasse, voltou-se d'olhar grave para o Sepulveda, e disse-lhe:

—Quereis acompanhar-me ao oratorio?

—Como sempre, Leonor—disse elle com doçura e respeito.

—Rezaremos por intenção de quem sabeis...

—Ah!—murmurou elle, novamente muito palido e torturado.

E acrescentou com voz baixa, um pouco convulsa, e pungida:

—Por alma, sim, por alma de Luís Falcão.

Mas seguiu-a sem mais palavras, cabisbaixo.

II

Para Cochim

CHEGOU o dia 30 de Julho.

E Jorge Cabral, muito nervoso, falava no seu gabinete com alguns fidalgos.

Tinha a palavra cortante e brusca, como nunca.

O seu olhar despedia sentêlhas, que denunciavam como que detonações intimas de cólera mal abafada.

Os circumstantes pareciam varridos pela ira e pelo fogo das palavras delle.

De fronte baixa, ouviam e meditavam.

Só um retorquia, com firmeza, mas com respeito,

— Que mais querem os fidalgos? bradava — Cosme Anes, intimado a servir como védor da Fazenda, deu em resposta que nunca o seria, sem o capitão D. Francisco de Lima voltar ao seu cargo. Deveria curvar-me? Mandei a Manuel Mergulhão que provesse em tudo, como já provinha na Casa dos Contos de que é védor. Que fariam os senhores?

— Mas o povo tambem se queixa — volveu o fidalgo que ousava falar.

— Queixa-se? De quê? acudiu, impetuoso, o Governador. Que tinha a India para resistir ao inimigo? Em que estado tinhamos a armada? Não era

vergonha e perigo termos ao todo quarenta embarcações, entre galeões, galés, galeotas e caravelas?

Jorge Cabral fês uma leve pausa e proseguiu, sem deixar falar o outro:

—E quási tudo desbaratado, incapaz de obra. Eram precisas boas fustas. Mandei-as fazer. Vós todos aplaudistes o grande serviço de se preparar uma forte armada em tão pouco tempo.

—E aplaudimos—disse o fidalgo.

—Mas, pelo visto, não faz já hoje o mesmo o povo—tornou Jorge Cabral, crispando os punhos.

E, com pungente amargura, proseguiu, cégo por uma ideia fixa:

—Que o povo de Gôa bem deve ver como eu quero sempre a paz. De todos é sabida a resposta dada ao Idalcão e que muito o satisfês sem deshonra para Portugal. O povo bem o deve ver, e não vê...

—Senhor, o povo de Gôa sofre—redarguiu o fidalgo—mas cumpre o seu dever.

—E não sofremos nós? rompeu Jorge Cabral com impeto. Sofre!...

O Governador mostrava um sorriso muito irónico, muito sético.

—Sofre, quando não ha festas nem tangeres. E não póde dar mais sofrimento a entrada dos Rumes? Vós vistes como toda a India louvou as minhas cartas ás fortalezas a pedir ajuda de gentes para tamanho trabalho. Chaul deu 30 velas miudas, alguns galeões e fustas, e emprestou dez mil pardaus d'oiro; Baçaim enviou 20 fustas com quinhentos homens, dizendo que ficavam lá quatrocentos que aquelle povo sustentará, emquanto haja guerra... Só Gôa se dóe agora, depois de ter a minha carta na camara, e de ter aplaudido o que fiz? Só agora, em vespera de expedição?

—Mas, senhor, acudiu impetuosamente o fidal-

go: Gôa não pensa assim. Não é essa a resposta que deu nem o que sente agora. Gôa afrontou-se com a vossa carta, apenas por não ser precisa, pois estão dispostos a todos os sacrificios de vidas e dinheiro, para defensão de mulheres, filhas e fazendas, como fizeram no caso de Diu... E isto muito é de louvar, pois Gôa pensa hoje como hontem, confiando tudo em vós sem motim nem má vontade.

—A que vem, pois, o que me vindes dizendo sobre descontentamentos do povo?

Porém, Jorge Cabral, mais colerico nos ultimos tempos e por lhe constar que ia ser injustamente substituido, caía em si, envergonhado de não ter ouvido e reflétido.

E tornou logo, de ira mais quebrada:

—E' pela demissão do Capitão da Cidade? Não deixo eu um bom substituto de D. Francisco de Lima? São intrigas de Cosme Anes? Pois não me faleis vós nisso, que não devo ser o primeiro a quebrar.

E, mais calmo e afavel, Jorge Cabral acrescentou:

—Vamos, senhores, não tenho desmanchado a obra de D. Garcia de Sá nem a de D. João de Castro. Aí estão muitas obras de espingardaria, e muitas mais de novo. O baluarte começado por Afonso d'Albuquerque vai-se continuando. O Idalcão é nosso amigo. A porta por onde entrou Afonso d'Albuquerque em 1510 tem, em vês duma capelinha, uma grande egreja. Penso em El-Rei e em Cristo. Se puni Cosme Anes e o Capitão, foi por dó com o povo. Queixam-se? Pois guardem as suas queixas para depois da guerra, e peçam então a El-Rei que, em vês do que dizem vir aí da Côrte, Cosme Anes seja o Governador. E este lhe dará o Capitão D. Francisco. Por agora não, que sem D. Francisco de Lima se hade defender bem Gôa, embora eu tenha de ir longe a pelejar.

Disse isto e, muito espantado com a propria veemencia, rematou:

—E por causa de tão pouco perdemos o nosso tempo!...

O fidalgo não retorquiu e curvou a cabeça.

Jorge Cabral voltava:

—Nestas miserias e em outras se têm perdido bons capitães...

E, dando uma gargalhada estridente, cheia de desdem, continuou, de voz firme:

—O que importa é a expedição de amanhã. Os caimaes do Rei da Pimenta devastaram as terras do rei de Cochim que teve de fugir para a nossa fortaleza. Temos de defender-nos, defendendo o rei amigo. Agora vai Manuel de Sousa Sepulveda com tres fustas...

—Com poderes de Governador—murmurou o fidalgo que se calava com dificil resignação.

—Ah! tambem disso se queixam? gritou logo Jorge Cabral. Pois dizei aos descontentes, que não conheço na India capitão que mais digno seja desses poderes...

E sentou-se, de sobrolho descaído, sem mostras de mais vontade de conversar.

Pouco depois despedia-os a todos com palavras cheias de serenidade.

O Governador tinha aquelles impetos, obsecado pela quási certeza de que o iam demitir, pela lembrança das injustiças que tinham ferido D. Garcia de Sá e pelo asco das meias palavras intriguistas dos conselheiros.

Mas, depois de reflétir, calmava-se e impelia a sua obra, fiado em que a deixaria, ao menos, em meio.

O dia 31 de Julho chegou, nisto.

Jorge Cabral desceu á Ribeira, muito cêdo, tomado de anciedade e atividade.

Déram por elle depressa. A Ribèira já tinha muita gente, como sempre que partiam naus.

Rodearam-no muitos fidalgos. O povo correu com jubilo e saudou-o.

O Governador sorriu, levemente ironico, agradecendo.

Manuel de Sousa não tardára em comparecer.

Muito antes da hora da partida, dispunha os homens, as munições e os viveres.

Mostrava-se calmo, embora bastante descórado, e de poucas palavras.

Por vêses parecia monologar, e encolhia ligeiramente os hombros.

Mas, logo depois, animava-se, dando ordens e lembrando providencias cheias de bom senso.

O Governador sorria-lhe satisfeito, consultando-o a cada passo.

Quando o viu parar, d'olhos nas águas e nas vélas, na atitude de quem conhece ter cumprido todo o seu dever de momento, aproximou-se com afabilidade.

—Levais bem pequena frota, Manuel de Sousa —disse, batendo-lhe no hombro.

—Senhor, retorquiu Sepulveda, sorrindo, lá diz a Escritura que são poucos os escolhidos...

—Não tão poucos, como estes—atalhou Jorge Cabral—pois irão breve doze fustas com Gonçalo Vaz de Tavora a varrer toda a costa e a dar-vos o necessario reforço.

—Muito bom serviço será, que é muito incerto o que se sabe de Cochim.

—Incerto e de mau agoiro.

—Julgai-lo, senhor?

—Mau foi o impeto dos nossos quarenta em matarem aquelles amoucos do rei da Pimenta.

—Deviam, pois, deixá-los em correria pelas terras de Cochim?

—Decerto, se não tinham forças para vencer num golpe todos os inimigos, como agora vão ter. O inimigo, envergonhado de se vêr em derrota por tão poucos, aperta a fortaleza, o que não faria tão cedo sem ter sido provocado, pois seria duvidoso do numero dos nossos. E se não vamos a tempo, Cochim será Diu diante de tantos Rumes que, ha muito, se ajuntam? Não correm novas de que o Samorim é já senhor de todo o reino? Não se diz que os nossos já fazem, das casas, baluartes?

—Jesus Cristo o dirá—respondeu serenamente o Sepulveda.

—Tal a minha fé—apoiou Jorge Cabral com energia.

Mas a hora da partida estava cada vez mais proxima.

A Ribeira regorgitava de povo.

O Bispo e o Clero cercavam o Governador e Manuel de Sousa, conversando animadamente.

Os marinheiros, formados em linha, esperavam a ordem de embarque.

Muitas senhoras tinham descido á Ribeira, aos magotes, esplendidas de graça e luxo.

Entre ellas viam-se Leonor de Sá e Joana.

D. Antonio de Noronha deixára-as junto dos marinheiros, e dirigira-se ao Governador que cortejára de longe.

—Vindes então—disse-lhe logo engraçadamente Jorge Cabral—chorar a ida do vosso cunhado?

—Senhor, estão para isso ali as senhoras—volveu Noronha com ar de riso tambem.

—Ou terieis desejos de ir tambem?

—Se assim o determinaes...

—Não agora, que é preciso distribuir breve as fôrças... Ireis comigo, e muito breve.

Houve, nisto, um movimento geral.

O Bispo e o Clero, de cruz alçada, abriram em alas, orladas de muito povo.

A evolução dos marinheiros foi rapida e automatica.

Formaram em coluna, de rostos para as ondas.

E aquella massa firme caminhou entre os assistentes com uma lentidão solene.

Houve alguns gritos. As charamelas e as salvas da artilharia tudo abafaram.

Sepulveda, branco, mas aprumado, abraçou D. Antonio de Noronha contra o peito e beijou a mão da cunhada, que se aproximára nervosamente.

Parecia não vêr Leonor, que estava cercada de pouco povo, mais perto das agúas.

Desceu o caes, seguindo os marinheiros com firmeza.

Faltavam dois passos para pôr o pé no pontão de embarque.

Nisto, voltou-se de chofre para a direita, com o rosto um pouco avincado de comoção.

Encontrou Leonor, de braços abertos, d'ólhos cerrados, pálida mas serena.

Encostou-a vigorosamente ao peito, beijou-a na fronte, nos ólhos e nos labios.

Depois, rapido, deu um passo muito largo para o pontão e seguiu sem olhar para traz, para a sua fusta.

Leonor bradou-lhe, do caes, com bastante fôrça:

—Até depressa, Manuel de Sousa, pois Deus vos trará.

Sepulveda, sem se voltar, acenou com a mão direita, e deu logo ordens de viagem.

A artilharia da cidade ribombou com estampido temeroso. As naus responderam solénemente.

A mão do Bispo lançou d'alto a sua benção enternecida, mas firme, muito rasgada.

Um côro de vozes e tangeres saudaram o primeiro deslise das fustas.

Tão pequena festa, e todos choravam de alegria e de fé.

Presentimento de grandes glorias?

—Porque é isto? perguntava a si proprio Jorge Cabral, surpreendido pela comoção de toda a Gôa,

E, curvando-se para o Bispo, disse-lhe com respeito:

—Não notais tanto jubilo, indo tão pequeno poder?

D. João Afonso d'Albuquerpue meneou placidamente a cabeça veneranda e replicou apenas:

—Pequenino era o presepio e saudaram-no reis e pastores...

—Agoiraes bem disto?

—Aindà que não fossem até as fustas que resolvestes mandar após estas—disse o prelado com fé profunda, sorrindo amigavelmente ao Governador, rosado de satisfação.

—Quê? senhor?! acudiu Jorge Cabral, radiante e felís. Acreditais em novos feitos de Diu?

—Acredito em Jesus Cristo, replicou D. João Afonso, para quem tudo é heroismo, tudo é Diu, quando ha Fé e Virtude.

Mas as tres fustas depressa desapareceram no mar alto, brancas de velas e palpitantes de bandeiras.

Viram-nas ainda como nódoas em cachões de prata, como pontos negros em torvelinhos de cristal.

Depois, pareceram arder debaixo do sol limpido.

Por fim, cortaram as brumas e sumiram-se nellas, de repente.

O Governador, o clero, os fidalgos e o povo retiraram com a lentidão de quem vai caminhando e rezando. A gravidade sucedeu á alegria. A Fé nunca é torrente senão para fazer, das almas, lagos de agua purissima.

Leonor e Joana foram dos ultimos a deixar a Ribeira, mas sem palavras depois do embarque.

D. Antonio de Noronha acompanhava-as com a serenidade habitual, não lhes interrompendo o silencio.

Perto da Sé, Leonor perguntou com voz profunda:

—Vistes como elle fez o embarque?

—Com grande socego, respondeu Noronha, fitando-a com alguma estranheza pelo seu tom solene.

—Como bom capitão—declarou Joana singelamente.

—E que pensais da ida a Cochim? tornou Leonor com bastante ancia.

—Que Manuel de Sousa será o mesmo que sempre foi.

—Isso me basta—declarou ella, sorrindo e rosando-se toda.

—Que quereis dizer, senhora D. Leonor?

—E' que a mesma voz que vos fala, dentro em mim está falando.

E seguiu, perfeitamente tranquila, depois de dirigir ainda um olhar furtivo para os lados da Ribeira.

III

Desalentos

A Costa do Malabar começa a morrer sērenamente um pouco acima de Calecut, recortando-se de leve desde a saliencia de Mangalor para se escoar junto do Mahé.

Retrái-se depois sempre com insignificantes recortes, até aos Montes Nilagiri que parecem não lhe reconhecer já o nome para que aquelle lado do enorme triangulo indostanico tenha, até ao vertice do Cabo Comorim, o nome de Travancor.

Mas a região de Travancor acusa leves curvas salientes, e todas formando uma linha que, no conjunto, se retrái com nitidês. As curvas reintrantes são em grande numero. Numa dessas reintrancias, mais ou menos cavadas, da Costa de Travancor, fica Cochim, defrontada ao Oriente pelas serranias de Cardamum.

O reino de Cochim em 1550 ficava entre o reinosinho de Cranganor e o de Porcá, não de mais poder do que aquelle, e tinha entre si e o de Travancor o reino de Coulão com vinte leguas de costa.

A capital, insignificante quando os Portuguêses a conhecêram, era agora magnifica em templos, palacios e ruas de grande riqueza. O seu comercio

tornara-se enorme, de quasi nulo que ha pouco fôra.

A fortaleza, sólida e bem artilhada, passava por ser uma das melhores da nossa India.

A viagem da pequena frota de Sepulveda até esta fortaleza de Cochim foi bonançosa e felís.

Sepulveda tinha o verdadeiro genio dos grandes capitães. Se vivesse dilatados annos, eguala-los-ia decerto.

Via depressa e, resolvendo segundo a visão, agia sem demora e, afinal, com segurança.

Era disciplinador e benévolo—o que se torna por demais dificil.

Era jovial e respeitavel—o que chega a ser anormal.

Espada energica, expedita, heroica, operava sempre a tempo. Não relampejava por ostentação, mas sím por consciencia.

Afétava relegar para um plano inferior a diplomacia, mas a guerra só estalava á voz delle, quando todos os recursos honrosos da conciliação caíam inanes.

Nesse caso, era o impeto invencivel da Fé e do Direito.

Os rasgos eram até geniaes, apezar da pequenês do campo que sempre lhe coube.

Chegado a Cochim, viu clara a doblês do Rei de Tanor que acampára com o novo rei da Pimenta na ilha de Bardela, fortes ambos com um exercito de 10:000 moiros. Em outro a cólera, a indignação, a brutalidade da surpreza, teriam excitado um rasgo alucinado: nelle, sendo grandes aquelles sentimentos, não lhe ocultaram a atenuante de ter sido o morto rei da Pimenta irmão da mulher do referido Rei de Tanor.

E, pesada a atenuante, viu claramente, até onde podia chegar a diplomacia.

Era fatal que perdêsse sempre a cartada em quaesquer negociações.

Aproveitou, pois, admiravelmente o tempo e os pequenos recursos que levava.

Mas nem se lançou a uma ofensiva precipitada, nem se fiou duma inutil diplomacia.

Fortificou-se em Cochim e esperou sensatamente pelas doze fustas de Gonçalo Vaz de Tavora, aterrando, entretanto, o inimigo com a sua placidês absoluta.

Não tardaram as doze fustas.

Viu que tinha ao todo mil homens.

Era pouco? Menos tinham sido em Diu, quando em estado de cêrco, tendo os soldados de limitar a ação aos palmos de terra em que os Rumes os encerravam.

Agora, o caso era outro. O inimigo, embora poderoso, cercava-se a si proprio, pois se concentrava numa ilha. Para ser mais invencivel? Decerto o era á ação do ferro e do fogo, mas o bloqueio converteria o reduto em bréchá larga.

Pensou tudo isto depressa. Se demorasse a áção, teria cometido um erro vergonhoso.

O Samorim mobilisava grandes troços de tropas, pretendendo reforçar os da ilha e protegê-los na terra firme.

A confiança do inimigo na sua superioridade era grande e crescente. Os naires, a cada instante, iam desafiar os portuguêses. Manuel de Sousa repeliu-os sempre com vigor, mas sem temerarias sortidas. Respondia o preciso sem arriscar homens, sem exgotar mnnições, esperando socorros, e parecendo que esperava audacias para as punir com o exterminio.

Porisso, chegadas as doze fustas, elle, que es-

tudára todos os pontos de embarque da ilha de Bardela, tomou-os de subito e guarneceu-os com força.

A ilha ficou então convertida, de fóco de guerra ofensiva, em defeza imovel.

Estava rigorosamente cercada, incomunicavel.

As pelejas eram sucessivas. De noite os sitiados destacavam do corpo colossal da defeza um nucleo que vinha animado de tanto vigôr como desespêro.

Mas os nossos não arredavam passo. A ilha viu chegar a fóme.

Manuel de Sousa rondava constantemente os seus fortins, dando ordens, apertando cada vez mais o cinto de ferro e fogo, e de fugida, escrevia ao Governador pedindo os reforços precisos para dar um golpe decisivo.

Jorge Cabral, digno em tudo do seu representante, não demorou o socorro.

Pouco depois chegavam a Cochim tres caravelas cheias de soldados.

O cerco á ilha tornou-se de rigoroso em cruel.

Dir-se-ia que os portuguêses não só lhe cortavam os viveres, como o proprio ar.

A fóme e o desespero quebrantaram logo os sitiados. E' impossivel viver sem ar.

Quem pediu misericordia foi El-Rei de Tanor.

Pedia o rebelde que o deixassem sair daquelle matadouro. Acrescentava que todos os mais tinham o mesmo desejo ardente.

Manuel de Sousa Sepulveda não deixou de vêr o que lhe cumpria como homem de coração e como patriota. O exterminio dos rebeldes, tão numerosos, dar-lhe-ia fama digna da Historia? Mas era cruel exterminar quem se rendia de fóme e de desespero.

E não ganhava mais a Patria em poupar vidas que tanto lhe seriam uteis depois de submetidas ao poder dos Portuguêses, mais uma vez invenciveis?

A causa de tudo, no lance, era verdadeiramente comercial tambem. A carregação da pimenta conflagrava, havia muito, aquelles povos em detrimento de Portugal.

Urgia compensar os prejuizos da velha e da recente conflagração.

Quanto ao mais, a escarmenta de agora daria o devido regimento

Impôs então aos sitiados estas condições: darem pimenta que carregasse duas grandes naus; pagarem cincoenta mil pardaus de indemnisação; darem principes em refens, como caução do pagamento, e resolverem-se a uma desistencia em absoluto da posse da ilha de Bardela.

E de tudo mandou imediata noticia ao Governador.

Jorge Cabral, aproveitando aquelle prestigio novo das nossas armas, enviou Pedro Froes numa nau a Ceilão para buscar canela e, depois de ter esperado até Setembro pelas naus do Reino, que não chegaram, e onde se esperava viesse o novo governador para a India, embarcou com mil homens em oitenta navios e seguiu, devastando terrivelmente a costa, até Cochim. Ficaram em ruinas as cidades de Capocate, Tiracole, Coulete e Panane.

Iam com elle D. Antonio de Noronha, Pantaleão de Sá, D. João Lobo, e outros fidalgos.

Entretanto, os sitiados da ilha, achando pesadas as condições, porfiavam de novo em resistir. A fóme e o desespero tinham sido vencidos pela indignação.

Jorge Cabral chegou a Cochim e saudou com entusiasmo o Sepulveda e os soldados, louvando-os pelo seu valor e disciplina.

Depois, apresentou-se para a ofensiva brusca e definitiva, d'acôrdo com Sepulveda.

Mas o inimigo viu o poder que chegara.

El-Rei de Tanor apressou-se a mandar-lhe recado, declarando que com elle, Governador, se poderia entender melhor e que lhe dissesse, pois, se vinha ou não para celebrarem a paz.

Jorge Cabral, informado em tudo por Sepulveda, respondeu serenamente ao emissario:

—Dizei a El-Rei que grande pesar tenho de o ver com os nossos inimigos e que só por elle ser cristão e delle eu ser grande amigo, não desembarquei na ilha a queimá-los a todos. Quanto á paz, dizei-lhe que ficam de pé as mesmas condições de Sepulveda, o qual veio com todos os poderes para fazer o que fês.

O inimigo replicou e tornou a ouvir outras respostas, até que Jorge Cabral, Sepulveda e os demais cepitães viram que tudo eram astutas delongas, e desprezaram de vêz a diplomacia.

A resolução do Governador e do seu conselho foi rápida e unanime — exterminar os rebeldes, forcejando apenas por conservar vivos os principes.

Aquellas tardanças denunciaram o plano de darem tempo á chegáda dalgum colossal socôrro do Samorim e dos seus aliados. Contemporisar agora seria agravar perigos para Portugal.

E não houve outra opinião em todos.

A 29 de Novembro, e não mais cêdo por causa dum grande temporal que sobreveio, estavam a postos, confessados, de testamentos feitos, de mãos firmes nas armas. Anciavam pelo romper d'alva para cairem todos sobre Bardela.

Mas, á meia noite, surdiu um tone á busca da galé do Governador.

O tone procurava Jorge Cabral com a ancia dum meirinho.

Ia de Coulão.

Levava a noticia de ser chegado D. Afonso de Noronha, o 4.º Viso-Rei da India, o sucessor de Jorge Cabral.

O desgosto de quasi todos foi enorme, ás primeiras palavras.

Alguns miseraveis apenas folgaram. Eram os corrutos e os pequenos ambiciosos de todos os tempos.

O emissario de Gôa entregou a Jorge Cabral uma carta longa e enfatica do novo Viso-Rei.

D. Afonso de Noronha dizia-lhe com pompa que, chegado a Coulão, soubéra do lance em que se encontrava. Mandava-lhe que nada fizesse até falarem, porque elle queria dirigir desde já os negocios da India.

Jorge Cabral curvou a cabeça para esconder as lagrimas de desespero, daquelle desespero surdo em que andava já havia mêses.

Mas, dominando-se, disse ao emissario com laconismo austero:

—Ide, e dizei a Sua Senhoria que cumprirei as suas ordens.

O tone partiu logo, e todos ficaram entre colericos e tristes, cheios de abatimento.

—Senhor—diziam alguns a Jorge Cabral—deverieis, contudo, dar sobre a ilha, como é vontade de todos.

—Culpado trabalho seria—replicou elle com firmeza melancolica—ainda que vencêssemos, como é decerto da vontade de Deus. Os inimigos buscariam nisto motivo de me perderem, pois pouco dista Coulão de Cochim.

E, olhando á roda com ar desalentado:

—Não vêdes como já muitos se escaparam furtivamente? Sabeis aonde fôram? A Cochim para tratarem das festas ao novo Governador. E' o novo

sol: Quem primeiro se levanta, primeiro se aquece.

A armada ficou imovel á flôr das ondas, como que vestida de luto. De expedição convertêra-se em parada.

Ao outro dia, D. Afonso de Noronha varava em Cochim com magestade e soberba, esperando-o, em nome de Jorge Cabral, D. Jorge de Castro, tio da mãe do Governador.

Receberam-no com festivaes esplendidos os que estavam na cidade á espera do primeiro olhar do novo senhor.

O Viso-Rei fez um gesto olimpico de satisfação e, antes de repoisar, mandou recado a Jorge Cabral para ir falar-lhe.

Entretanto, o escudeiro, que enviou, levava recado para a armada não se mover donde estava, ficando a capitaneá-la, durante a ausencia de Cabral, Manuel de Sousa Sepulveda.

Jorge Cabral correu logo, com obediencia. D. Afonso de Noronha recebeu-o cortêsmente á porta da sala, mas depois, até dando-lhe um mesquinho banco guarnecido de veludo, ao pé da sua grande cadeira de espaldar, lhe significou com insolencia a superioridade desvanecida.

Jorge Cabral compreendeu que estava ás ordens dum enfatuado e pretextou um mal de estomago para sair depressa.

D. Afonso de Noronha ficava, entretanto, muito chocado com a resposta delle ao estranhar-lhe tantos soldados, cheios de mercês: Jorge Cabral respondêra com ironia:

—Bem parece, Senhor, que não vistes ainda pelejar os da India; quando os virdes, então me desculpareis.

A grosseria do Viso-Rei dentro em pouco foi

sabida por toda a armada. D. Afonso de Noronha entrava mal na India: entrava pela mão do asco, quando os soldados portuguêses eram governados pela bondade maior, a que é capaz de toda a justiça e incapaz de vangloria.

Entretanto, Jorge Cabral foi irrepreensivel de disciplina, emquanto pôde.

Entregou, no dia seguinte, ao Viso-Rei as chaves da fortaleza e anulou-se resignadamente, esperançado em que o não queriam pôr mais em evidencia.

Depois, pediu que o deixassem regressar ao Reino, pois que da India tinha já dilatado annos.

O Viso-Rei concedeu-lhe a permissão com bastante sobrancería ainda.

Mandou então Jorge Cabral ir de Gôa a sua esposa.

D. Lucrecia Cabral chegou depressa a Cochim, mas lavada em lágrimas, magra, doente, inconsolavel.

Perdêra recentemente em Gôa o filho unico, ainda de oito annos de edade, enlevo della, orgulho e honrosa esperança delle. A criança bebêra, por engano, um veneno, e finara-se em agonia monstruosa.

Este desgosto ainda mais apatisou o temperamento vigoroso de Jorge Cabral, já cruciado no intimo de ha muito.

Entretanto, os sitiados ganharam desabafo com a inutilisação real do ex-Governador.

O Viso-Rei afrouxou o cêrco. Os viveres passaram com facilidade. O inimigo ganhou ar e sangue.

D. Afonso de Noronha viu a sua inferioridade guerreira e estrategica, aterrou-se e instou com Jorge Cabral para, segundo o regimento, dirigir tudo até embarcar.

Jorge Cabral então desobedeceu. A dôr, tão complexa, tornava-o incompativel com tal situação. Deixava-lhe só atividade para preparar tudo que dizia respeito ao embarque, desejado com ancia e alvoroço.

Um dia, porém, chegou junto delle Simão Ferreira, secretario do Viso-Rei, a dizer-lhe que tinha de ir ao conselho dar a sua opinião sobre o modo de se ajustar a paz. O Secretario trazia a palavra firme e brusca, e parecia não admitir réplica de escusa.

Ouvindo isto, Jorge Cabral pareceu emergir dum abismo e respondeu friamente:

— Dizei a Sua Senhoria, que faça de conta que não existo. Eu sou um só homem e um só conselho, e elle tem lá muitos e honrados fidalgos, os mesmos que me aconselharam a dar sobre Bardela por lhes parecer que, levada ella a ferro e fogo, prestavam bom serviço a Sua Alteza e á conservação do Estado da India.

— Mas sabeis o regimento... — observou Simão Ferreira com impertinencia, impondo o bojo, um tanto anormal.

— O regimento — volveu Cabral com ira fúnebre — não pede coisas desnecessarias. E, se as pedisse, não lhe obedecia eu.

E accrescentou com secura, medindo Simão Ferreira com olhar d'aço:

— Tem lá esses fidalgos, que lhe dirão o mesmo que eu, a não ser que queiram agora contradizer o que lhes fiz assinar pelos seus punhos. Se assim fôr, mal vai á India que precisa de todos os resguardos e onde, mais que em todas as partes do mundo, se cumpre a palavra da Escritura: muitos chamados e poucos escolhidos.

E despediu Simão Ferreira com um gesto sêco, voltando-lhe as costas rapidamente.

Mas, pouco depois, a paz celebrava-se entre Portuguêses e Rumes.

As condições, incarateristicas, fôram as duma simples trégua, mais ou menos dilatada.

D. Afonso de Noronha, apenas conseguiu esta pequena obra, nòmeou D. Antonio de Noronha Capitão-mór da Costa do Malabar e encarregou Jorge Cabral da carga das naus até chegar o dia do seu embarque para o reino. O Viso-Rei reflétira e quebrara o autoritarismo para com Jorge Cabral.

O ex-Governador aceitou resignado o que lhe deixavam.

O Viso-Rei, entretanto, como se fugisse de perigos próximos, deixou apressadamente Cochim e correu a visitar as fortalezas de Chalé e Cananor e depois fês a entrada triunfal em Gôa, onde respirou e inchou de evidente alegria.

Jorge Cabral ainda teve animo e cérebro para desempenhar o cargo com que ficára e para ativar, ao mesmo tempo, o seu embarque. A retirada de D. Afonso de Noronha pareceu acalmá-lo.

Falava muito com Manuel de Sousa Sepulveda que muito afécto lhe tinha e que ficára Capitão-mór dos rios por onde se transportava a pimenta.

Na noite de 14 de Fevereiro conversava Jorge Cabral com alguns fidalgos, lembrando a cada passo o filhinho querido, morto por tão triste desastre.

Ao largo, Sepulveda comentava com indignação as injustiças da Côrte. Estava com seu cunhado, que viera ali de manhã.

—Isto tudo tira a vontade de ser bom português—concordava D. Antonio de Noronha.

—Mas decerto, acudia Sepulveda, que toda a India, com excéção dos maus, vê que Governador era Jorge Cabral.

—Em tudo muito parecido com D. Garcia de Sá, que Deus guarde.

—Sim, irmão, parecido em tudo. Tem vida de muitos annos na India. Mui largo de condição e prazenteiro. De boas respostas, conversando com todos, sem soberbas nem rudezas.

Quanto ao despacho, ainda mais ativo e tão justo como D. Garcia, a ponto de se queixar o secretario de que assim não tinha tantos interesses. Neste ponto, nenhum houve como elle e talvês nunca mais haja.

—E bom capitão—dizia Noronha—tanto como honrado administrador, tanto como homem de justiça. Nunca deu mercê por paixão, nem a negou por avareza.

—Sim, D. Antonio, que diferença de tantos outros, que aqui vieram chatinar e corromper!

—E tanto que vai pobre, porque tudo que tinha gastou com o governo dum anno, para valer a necessidades que S. Alteza não socorre!

—Assim é, e faz-me bem ouvir-vos essas palavras de verdade. Sabeis o que isto determina? E' a gente a deixar a India. Não é para nós.

—Talvês—murmurava D. Antonio de Noronha com alguma tristeza.

Entretanto, um velho fidalgo que conversava com Jorge Cabral dizia:

—O vosso anno de governo vale por muitos, e El-Rei vos fará justiça. Depois, a vossa linhagem tem grande luzimento na côrte. Conheci vosso pai, o senhor alcaide-mór de Belmonte, João Fernandes Cabral, e vossa mãe, a senhora D. Joana de Castro, que foi a primeira camareira da Senhora Rainha D. Leonor, esposa de El-Rei D. Manuel que Deus guarde.

—Só de Deus espero justiça—murmurava Jorge Cabral.

E, logo, de lagrimas nos olhos:

—De Deus, que já lá me tem o unico consolo, aquelle pobre filhinho...

Mas, nisto, entraram de tropel fidalgos e soldados.

Vinham lividos e ofegantes.

Jorge Cabral levantou a cabeça com espanto.

—Que ha? perguntou Manuel de Sousa, cheio de alvoroço.

Um dos que chegavam bradou então:

—Grande aperto, senhores! Estão entrando por Cochim de cima oito mil naires amoucos, e já fazem grandes estragos, e toda a cidade está em tumulto.

—Mas vamos! gritou logo Jorge Cabral, esquecido de todos os seus desgostos...

—Por Cristo! conclamaram todos.

Foi um ciclone de energias.

Jorge Cabral tomou rapidamente a ação nas mãos robustas.

Todos lhe obedeceram com entusiasmo.

O ex-Governador, d'aí a pouco, surdia com D. Antonio de Noronha e com Manuel de Sousa á boca da rua Direita da cidade.

Rufavam tambores. Crugiam trombetas.

As bocas das ruas ficaram logo guarnecidas de massas de soldados intrepidos.

Assim se passou a noite, sem os amoucos ousarem avançar.

Ao romper d'alva, quís Jorge Cabral sair ao encontro delles.

Não lh'o consentiram, indicando-lhe a defesa da cidade e então Jorge Cabral mandou sobre o inimigo Manuel de Sousa, que abalou com 1:500 homem.

Dividiram-se os nossos em dois esquadrões. Foram colhidos os amoucos no meío da sua correria furiosa. Feriu-se a peleja, encarniçadamente.

A superioridade enorme do numero fazia formidaveis os naires. Esta superioridade duplicava-lhes a bravura.

Manuel de Sousa comandou a batalha mais terrivel e perigosa que tinha havido na India ha muito tempo. O impeto do inimigo, junto ao seu poder, esmagou mais de cincoenta portuguêses.

Mas Sepulveda e os seus, á vista daquelles cadaveres, ganharam uma coragem sobrehumana. Invocando Cristo e S. Jorge, ruiram como uma procela de ferro.

O inimigo vacilou. Do primeiro resfriamento da sua coragem veio a sua perda logo.

O heroismo dos portuguêses, vendo uma brecha, fês della caminho e deste, pavimento de via triunfal.

A nossa arcabuzaria, certeira e nutrida, incansavel, ainda fês mais estragos do que as espadas e as lanças, raios que só se apagavam, no brilho dos golpes, com o sangue que espirrava e as tingia. Depressa começou a debandada dos naires, devastados até ao quasi aniquilamento. O inimigo ondulou, fês ainda um esforço, mas de subito dispersou, deixando dois mil mortos e levando muitos feridos.

Cochim recebeu em triunfo Manuel de Sousa e os seus que chegaram com prisioneiros, armas, munições e bandeiras do inimigo.

Anoiteceu entretanto.

Jorge Cabral foi abraçar muito o Sepulveda, mas, depois do seu transporte de entusiasmo, disse-lhe com grande comoção:

—Não sabeis a nova de agora?

—Não, amigo e senhor.

—E' a ultima vitoria que vejo na India.

—Ides-vos, pois, breve?

—Hoje mesmo, esta noite.

Sepulveda ficou alguns momentos mudo e triste, e respondeu depois:

—Quem me dera acompanhar-vos! Esta India...

—E' boa para chatins e intriguistas—disse Jorge Cabral. D. João de Castro ainda a quís levantar, D. D. Garcia de Noronha pretendeu suste-la, eu fís o que pude, mas parece perdida, capitão e amigo.

—O povo... começou Sepulveda, de cabeça pendida.

—Esse ainda se alevantou—acudiu Cabral. O Padre Mestre Francisco Xavier lavou-lhe a alma. A Côrte, porém, manda todos os dias rufiões e chatins que tudo de novo corrompem e estorvam. E' peste demais para um convalescente. Vou para o Reino ver como elles governam de lá a India, o que hade fazer muita dôr. Mas tristeza por tristeza, antes a da Patria em que fômos nados.

Nada mais disseram depois disto. A evidencia nem se discute, nem, quando é triste, se deseja ver muito tempo.

A hora do embarque chegou depressa.

Jorge Cabral foi coberto de aclamações e saudades.

A todos respondia com lagrimas furtivas e apressando os ultimos preparativos.

A noite estava serena e quente, mas escura, protétora de lagrimas e misterios.

Depressa a sua nau se perdeu nas ondas, que cortava com energia.

Sepulveda ficou algum tempo na praia a ver se a avistava por muito tempo.

Trevas e mugidos, raros clarões das estrelas nas espumas, eis o que viu pouco depois.

Voltou-se. Cercavam-no alguns amigos, alguns admiradores de Jorge Cabral.

D. Antonio de Noronha estava entre elles, sempre sereno, mas mais triste do que nunca.

Vendo o Sepulveda cabisbaixo, disse-lhe lentamente:

— Vejo que não tardareis em seguir o exemplo...

— E vós?

D. Antonio de Noronha, como se tivesse o presentimento de que viveria pouco, volveu com uma melancolia nelle rara, quasi lacrimosa:

— Talvês não seja preciso.

E Sepulveda disse para comsigo, desalentado e amortecido de estimulos:

— Mau agoiro para as nações estas tristezas dos homens!... Principalmente, quando tão facilmente se encontram e entendem!...

E entregou-se á faina da carregação das naus, em que viveria dois annos monótonos.

IV

Más velas e maus ventos

O VISO-REI D. Afonso de Noronha entrou na India em epoca de desgraças, ou a sua figura ôca as atraiu por privilegio triste.

Portugal começou de sofrer, no seu governo, desastres e vergonhas em toda a India.

A alma de D. João de Castro, nos seus ultimos relampagos — Garcia de Sá e Jorge Cabral — sumia-se como bussola de ação e de governo, ainda mais depressa do que sucedera com a alma de Afonso d'Albuquerque, o Grande.

O unico baluarte que resistia ainda era a Fé, fruto da luminosa sementeira de S. Francisco Xavier, mas esse mesmo era minado, não pelos gentios, mas sim pelos portuguêses de Gôa, vasa escorrida da Côrte, torrente de lama que sobre a India se despenhava todas as vêses que ia uma frota do Reino.

Os desastres fôram sucessivos. Luís Figueira era morto e vencido no Estreito.

Os Turcos tomavam Baçorá e depois Catifa. Pouco tempo volvido, perdiamos as fortalezas de Chale e Ternate.

Em Malaca as infelicidades derivavam umas das outras.

Ali morreram, heroicamente, mas quasi esterilmente, D. Garcia de Menezes, Pedro Vaz Guedes, Antonio Ferreira e outros, depois duma derrota completa dos nossos.

Emerge nesta treva ainda um herói, D. Pedro da Silva, o capitão da Fortaleza.

Os portuguêses ainda lembraram as glorias de Diu no feito de Gil Fernandes de Carvalho. Noutros pontos, como em Geilobo, a antiga bravura resplandeceu e triunfou, por sinal que acompanhada de muita crueldade.

Catifa, prêsa dos Turcos, foi reconquistada por D. Antão de Noronha.

Mas até a má sorte era já contra Portugal nas vitorias. Tomada Catifa, quarenta portuguêses morreram na explosão casual duma mina de pólvora.

Para derrotar o Madune, rei de Ceitavaca, em Ceilão, o Viso-Rei teve de aliar-se ao rei de Cota.

A nossa India metia agua por todos os lados.

O Viso-Rei, afinal, ostentava mais zêlo pelo oiro do que pela honra da bandeira.

Tal a causa que o fês átivo contra o rei do Chembe. E contra este monarca feriram os nossos uma batalha, mais ganha pelo orgulho do que pela Fé, vitoria dificil, por muito tempo duvidosa.

Portugal ainda era temido, mas como um doente que tem repentes da velha saúde.

O inimigo esperava a sua quéda e aniquilamento de dia para dia, como consequencia sem remedio.

A agonia tinha de durar annos, mas já começara.

Os antigos capitães estavam desalentados. O inimigo tinha um aliado certo: a corrução dos governantes portuguêses, corrução que inutilisava a Espada e a Fé. Era como se cortassem os dois braços hercú-

leos a um corpo de todos os lados cercado por ferros agressivos.

Debandavam, pois, para o reino mais por asco do que por fadiga.

Nesta penumbra demorou o tempo. Chegou o anno de 1552.

Manuel de Sousa Sepulveda procedia á carga das naus lentamente, dando algumas fugidas breves até Gôa, a beijar a mulher e os filhinhos, pois tinha já dois.

Abraçava-os, prometia-lhes outros dias de maior felicidade, e voltava ao seu posto com ar sucumbido e merencóreo, esperando sempre fugir á India.

Nos principios de Janeiro do mesmo anno de 1552, o Viso-Rei entrou em Gôa, vindo da amargosa gloria de Chembe.

Sepulveda não tardou em aparecer na capital da India.

—Que contas me dais do vosso galeão S. João? perguntou lhe o Viso-Rei.

—Que leva para o Reino a carga mais rica que se tem feito—respondeu Sepulveda.—Só de Carlão leva 4:000 quintaes de pimenta e em Cochim espero colher mais 3:000. E ao todo leva 12:000, Senhor, o que é de pêso.

—Persistis em capitaneá-la até ao Reino?

—Sim, para lá descançar, volveu Sepulveda com evidente ar de fastio.

—E' de usança que assim seja—declarou o Viso-Rei. Mas eu a mudaria, se quizesseis.

—Não, Senhor, mais vos agradeço que me despacheis como já vos pedi—retrucou o fidalgo com vivacidade.

E Sepulveda declarou só então a Leonor que partiriam para Portugal por aquelles dias.

Fizeram-se alegremente os preparativos. Panta-

leão de Sá quís ir com a irmã e com o cunhado.

Elle, cada vês mais nostalgico, passou a não ter outro anceio que não fôsse ir para o Reino.

E esta ancia tornava-o febril e brusco, parecendo aflito sempre, mal humorado com a demora.

No dia 2 de Fevereiro, estavam todos em Cochim, com a pressa de quem fóge. No dia 3 partia o galeão, tendo grande despedida.

Iam nelle duzentos fidalgos, cavaleiros e soldados e trezentos escravos. Sepulveda levava o filho bastardo e muitos servos.

Levantaram ferros entre brados de ruidosa alegria, por parte dos viajantes.

Sepulveda parecia receoso de morrer na India e todo o seu anélo era ver-se sobre as ondas, como se ali a desgraça e o tédio o não pudessem mais molestar.

A sua partida para o Reino, emfim, foi um acontecimento para Cochim e uma felicidade inaudita para Manuel de Sousa.

E, quando o galeão S. João se sumiu, alguns velhos soldados choraram como orfãos abandonados num penhasco.

Eram saudades do heroi e homem honrado que fôra Sepulveda na India?

Todos o sabiam. Sepulveda ia relativamente pobre, apezar de tantos feitos e do seu poder.

Gastára durante a sua estada na India mais de cincoenta mil cruzados em socorrer os miseraveis. Pagára, do seu bolso, o soldo em algumas fortalezas sem reclamar um ceitil.

Nunca fôra, apezar de altivo, brutal ou soberbo.

Seriam, pois, saudades do valente e honrado capitão?

Decerto, mas Jorge Cabral, que menos não fizera, vira menos lágrimas nos ólhos de todos, apezar

de quási todos lamentarem o seu regresso ao Reino.

Ou seria aquella mágua um dos muitos presentimentos da consciencia colétiva?

E quem melhor a podia representar na gloriosa India do que aquelles velhos soldados, veteranos tristes como a bandeira da sua Patria, como aquella bandeira tão grande e ultimamente tão salpicada de nódoas e crivada de tiros e golpes?

A viagem do galeão foi a principio tranquila como a dum berço em nuvens de sonhos.

Todo o mar era uma caricia, uma planura de aljofares.

Mas a India, colossal e perfumada, ia-se afastando como o Egito aos ólhos dos Judeus no seu exodo lendario: linda, mas sem merecer saudades aos que a deixavam.

Comovia-os decerto avistarem golpes de rios, que pareciam espadas de pérolas, cumiadas com toucas de luxuriantes verduras, um sólo rico, cheio d'oiro e flôres, que o sol beijava com paixão e trespassava com vigor; mas Portugal, ha tantos annos deixado, aquelle rincão estreito, mais frio e, comtudo, mais aconchegado, menos opulento e mais pitoresco e ungido de saudades, aquelle jardim estirado com relevos ásperos ao centro e o Atlantico em festa ao sul e ao ocidente, a tentar heróis e poetas, crescia aos ólhos de todos tantò mais quanto a India, excessiva de luz, perfume e calor, se perdia no oriente, como num tumulo de joias em braza.

Nem todos, porém, mostravam o mesmo jubilo, quási infantil.

Leonor e Pantaleão de Sá pareciam afétados de grande melancolia.

Mas que admirava, se na India tinham nascido?

A cada passo, volviam ólhos nostalgicos para o Oriente.

A cada passo, enxugavam lágrimas furtivas.

Sepulveda notou depressa a tristeza de Leonor, aconchegando nervosamente os filhos, como se o sol de Portugal lh'os pudesse matar.

—Ides merencórea? disse-lhe elle, um dia.

—Sim, Manuel de Sousa, e nem sei bem porquê—volveu ella.

—Saudades de Gôá, vossa patria...

—Talvês.

—E de Joaninha, vossa irmã, que pena é não vir tambem comnosco.

—Decerto.

—Assim vai tambem vosso irmão—tornou Sepulveda. Mas bem sabeis que foi elle que quís vir.

—Manuel de Sousa... começou ella, muito pálida, apertando os filhos ao peito, o mais novo mais do lado do coração.

Mas, arrependida do que ia a dizer, calou-se logo.

Porém Sepulveda quís que ella continuasse:

—Dizei, Leonor, dizei. Sentis-vos mal?

—Não de saude, esposo, que a viagem tem sido mansa, e nem serão saudades, pois vos levo a vós, aos filhos e ao irmão. E' um mal desconhecido.

E, cerrando os ólhos, acrescentou:

—Não tendes tido maus sonhos, Manuel de Sousa?

Sepulveda desatou a rir nervosamente.

—Para que quereis sabê-lo? Para descobrirdes agoiros? rompeu elle com alegria forçada.

—Não acreditais ainda em sonhos? replicou ella, receosa.

—Nunca, Leonor, nunca.

Sepulveda disse isto com voz estridente, mas empalidecendo muito.

Depois, tornou com ar grave:

—Sabeis no que acredito? Em Deus, em Jesus-Cristo e na Virgem Maria.

E fês o gesto de se afastar.

Mas Pantaleão de Sá, que os ouvira um pouco ao largo, aproximava-se e detinha-o.

— Sois preciso no governo do galeão? perguntou com solenidade singular.

— Não, cunhado — volveu o Sepulveda, passeando o olhar vivo sobre as águas. Céo e mar estão calmos como a alma dum santo.

—E assim está a vossa alma? perguntou o irmão de Leonor, de subito, cravando nelle ólhos de fogo.

— Porque não? balbuciou Manuel de Sousa.

E proseguiu logo, ás risadas:

—Pois quê, senhor Pantaleão de Sá, tambem tendes maus sonhos?

—Não tendes sonhado com...

Começou assim o irmão de Leonor, desabafando uma tortura intima.

Mas, fitando a irmã, branca e gelada, conteve-se e concluiu:

— Com Portugal?

— Quem não sonha com a sua Patria, irmão?! estranhou Sepulveda, querendo ler nos ólhos de Pantaleão de Sá o que evidentemente sufocára.

— Sim, tendes razão — murmurou o irmão de Leonor — só quem lá fês crimes ou perdeu a honra.

Manuel de Sousa estremeceu, mas o tremor foi passageiro, porque receára peor desabafo.

Falavam-lhe evidentemente da mocidade que julgava resgatada por virtudes novas e por perigos e sacrificios constantes.

Aludiam por certo ao caso da donzela de Evora e talvês temessem a vingança dalgum velho e rancoroso parente da desgraçada.

Querer iam tambem aludir aos ódios contra o seu procedimento em ter alúcinado a pupila de D. João da Silva; a uma loucura, tragicamente finda, que na Côrte havia de lembrar decerto, pelo menos aos mais velhos.

E elle achava esse pêso ainda menos mesquinho dentro da consciencia, depois de o ter chorado sinceramente, como a desventura do fidalgo a quem roubara a honra de esposo e a morte lastimosa da canarim, crimes que teimava em julgar tambem espiados.

Só a isso se referiam? Como eram ingenuos! Quem iria, volvidos tantos annos, pedir-lhe contas em Portugal daquellas leviandades?

Alegre por supôr apreensões que julgava minusculas, travou do braço do cunhado e, fitando serenamente Leonor, bradou com força:

—Acaso a viagem vos varreu as ideias? Não vos tenho eu contado tantas vêses como penei essas loucuras? Julgais-me assim em perigo em Portugal depois de muitos annos?

—Não sei a que vos referis...—disse Pantaleão de Sá, entre surpreendido e desconfiado.

Mas Sepulveda, cada vez mais tranquilo, acudiu logo:

—Emfim, quitai-vos de sonhos e mêdos. Vós, irmão, sois homem e de valor, e nisso tambem deveis dar força e tino a vossa irmã.

E seguiu para o extremo da amurada em procura dum fidalgo a quem queria falar.

—Ouvistes-lo? perguntou logo Leonor. Não passam de maus sonhos...

—Sonhos do demonio! rugiu Pantaleão de Sá; nem sei para que m'os disssestes.

—Perdoai-m'o — replicou ella, de fronte pendida—se soubesseis como me angustiam!

— Tambem eu — acudiu elle, mais brando — tambem eu os tenho, e talvez que só por elles venho comvosco. Manuel de Sousa tem uma nuvem no coração. O pai adivinhava. Descobri-o quando do vosso casamento. E' nuvem que nunca mais se dissipou. Mas, crêde, não é o que pensais: e não sei o que seja. Talvez remorsos de antigos pecados, remorsos que elle quer ocultar e lhe vêem á flor dos ólhos e dos labios.

— Não de sangue... — murmurou ella, convulsa e livida.

— Não, não, disse elle no mesmo tom; não do que sonhastes que elle mandou fazer em Diu a Luís Falcão. Nem isso nunca me palpitou, senão depois de me contardes os vossos terrores.

E, suspirando com ancia:

— Comtudo, grande nuvem é aquella, querida irmã. Deus a afaste de sobre vós...

— E dos meus filhos — concluiu Leonor, escondendo os ólhos arrazados d'agua.

O galeão proseguia em pompa, apezar de excessivamente carregado.

A viagem, serena e fácil, levava-os com delicia sobre a mansidão anormal do Mar das Indias.

A bórdo estralejava um jubilo desmarcado.

Quási todos sonhavam o entusiasmo de Lisbôa, ao ver varar no Tejo aquelle colosso cheio de especiarias e sêdas da India. Viam-se festejados e honrados, recebidos em festa no seio da Côrte, cercados de curiosos e de admiradores, aclamados decerto pelo povo, pelos fidalgos, por Sua Alteza até.

E viam as familias, e recordavam tantos annos volvidos, e tinham fome e sêde da luz e do ar de Portugal.

Que mudanças não haveria! Que suntuosidades não seriam agora as dos Paços da Ribeira!

Que edificios novos, e novos prazeres,
do que os de Gôa enervante!

A cidade estaria muito maior, verdad
babilónica. Embaixadores de todas as
Tejo coberto de naus, bandeiras e até flo
decerto maior, mais opulento, mais esplen

Musicas e folguêdos, como nunca.
mais formosas com os diamantes e rubins d
Trovadores cantando no Terreiro, berg
sêda no rio, solenidades dignas de Roma no

E alguns, pungidos de saudade:

Que seria feito das lindas amadas, q
lhes fizera esquecer? Teriam morrido?
que velhice teriam? Mostrariam ainda
leite e do ébano que pareciam ter na c
cabêlos? Teriam casado?

Algumas decerto, e os seus filhos e fil
já o luzimento e a alegria da Côrte.

Outras, ajoelhadas nas lágeas dos
seriam lividas como o marfim e talvez
creaturas angelicas que decerto rezavam pe
da Patria Portuguêsa!

Outros esperavam poder ver ainda
pais, espétros queridos que urgia ir beij
çar, antes de se gelarem nas bordas do se

Que jubilo o desses velhos, que jub
piedoso! Seus filhos tinham partido imber
dos, fortes, e regressavam tisnados, macil
as barbas longas e cheias de cãs.

Porquê? Pelos annos? Mais pelos
Mais pelo fogo do clima e das ambições.

E não creriam facilmente logo, que e
les os que tinham partido.

E haveria alvoroços dramaticos, lan
panto e hinos de gratidão a Deus.

E os risos teriam tanta riqueza de lág

mais pareceriam, a principio, vincos, esgares de dôr profunda.

Pensamentos e sentimentos assim navegavam com o galeão mais em espumas do que em realidades.

O Mar das Indias, tranquilo sempre, nem ao chofrar-se já quási na ponta meridional da Africa, voltava atraz com mais furia.

O tempo, firme, generoso de brisas favoraveis, parecia levá-los com um carinho intencional.

Se ha ocasiões em que os elementos parecem proteger os homens, uma dellas era esta.

Uma travessia enorme por verêda de pérolas.

Musica e preguiça no cristal imenso.

A aragem, carinhosamente viva, lembrava o mover dum leque indolente.

Seria a India feiticeira com o seu rendilhado alanico de palmeiras, bambús e coqueiros?

Decorreram assim dias.

De subito, notaram com espanto que o galeão tinha más velas.

Até aí, as aguas levavam-no com uns ventos protétores que nem deixavam pensar na fraqueza do velâme.

Agora, o vento adoçava-se, e as vélas não eram sensiveis ao sopro leve que corria.

Conheceram que a viagem tinha de ser lenta, o que equivale sempre a correr mais risco.

—Demorar nas ondas, pensava Sepulveda, é viajar demais sobre um tumulo.

E, sem conhecer bem porquê, entristeceu, o que entristeceu, embora de leve, todoso.

Acabou Fevereiro. Começou Março.

O galeão mais flutuava do que caminhava.

A imensidão das ondas parecia de aluminio.

Quasi não havia ondas.

O sol era perpendicular, cruel, indiferente ao tedio de todos.

Conquistavam caminho com forçada lentidão, em passo de caracol gigantesco.

Já não havia jubilo: havia fastio e receio.

O ar, tépido, cada vês mais humido, já de noite os congelava, por vêses.

De repente, arrefeceu, como se viessem rajadas do pólo.

De dia, o calor era de trovoada, opressivo, irritante: de noite, o frio era humido, dando nevralgias e ankiloses.

E o galeão cada vês menos se arrancava.

A's vêses, parecia encalhado.

O mês de Março decorreu todo assim, numa flutuação que, por favor, se podia chamar viagem.

Abril veio áspero de ventos, mas claramente contrarios.

Aproximava-se a costa meridional da Africa, decerto.

O mar cavava-se e uivava.

D'improviso, tiveram grande alegria.

O galeão, frouxamente arrastado até ali pela corrente do Malabar que redemoinha, desde o golfo de Bengala, costeando pelo sul Ceilão e fazendo um arco de circulo ao Norte do Oceano Indico, sofria já o impulso que o havia de levar na corrente de Moçambique e caminhava um pouco mais.

Este impulso alegrou os navegantes, apezar de não verem terra, e de escurecer todo o céo.

E as águas tornaram-se revoltas e rápidas. O vento cresceu, rugiu, fez redemoinhos.

Estalou um temporal. Era a passagem da Linha.

A corrente fizera aquelle impeto e seguia com estrepito até á como que encruzilhada de correntes que, ao Sul da Africa, recebem o torvelinho feito

pelo choque de dois golpes: o que corta todo o Atlantico e o que rasga o Oceano indico, quebrando-se nas costas da Australia.

O galeão começou a perder as vélas. O vento rasgava-as com irónica facilidade, e esbanjavam muito tempo a concertá-las. D'aí a pouco o galeão tinha apenas as vélas da verga. Os tripulantes não tinham demasiado terror, porém. Quási preferiam aquella vertigem á inercia anterior.

Aproximou-se, nisto, a noite.

Sepulveda consultou então anciosamente o Mestre, Cristovão Fernandes da Cunha, o Curto, e André Vaz, o piloto.

—Não trazeis caminho para o Cabo?

—Sim, capitão, e delle estamos perto — volveu o Mestre.

—E porque não vemos já terra, se estamos perto?

— Assim o quereis?

— Assim o mando.

—Contai, porém, com o mau velâme.

— Com elle conto, e por causa delle é que julgo devermos arribar. A Nau é grande demais e vem com demasiado pêso.

Cristovão Fernandes sorriu com tristeza.

André Vaz curvou a cabeça. Mas obedeceram.

O galeão sofreu um impulso novo. Virou de rumo.

Entretanto, a tempestade, que se acalmara um tanto, rompeu como que do abismo, voltou mais rispida e toda a imensidão das aguas se turvou, encapelou e rugiu.

Sopraram com estridor os ventos de Nordeste e Lesnordeste.

Cristovão Fernandes, André Vaz e Sepulveda ficaram lividos, de mãos pendidas.

Era impossivel arribarem.

O galeão, que tentara procurar a costa, era arrastado com brutalidade para o Sul.

E não pôde resistir ao despotismo da corrente. D'aí a pouco, pesado como era, já não boivava, como dias antes: rolava, de cachão em cachão, até ás alturas do sinistro Cabo da Boa Esperança.

V

A caminho de arribada

O TEMPORAL era senhor do galeão,

Ninguem podia opôr-se.

Pesadissimo e ronceiro até ali, pedra flutuante, passou a ser seta desatinada.

Sepulveda encontrou todos aterrados, muito mais do que quando viera a primeira tempestade, na passagem da Linha.

Choravam e rezavam quasi todos: gritavam e vociferavam alguns.

Leonor, abraçada convulsamente aos filhos, cobria-os de beijos e lágrimas.

— Coragem e fé em Deus! dizia-lhe Pantaleão de Sá, segurando-se com dificuldade.

— Vamos arribar, amigos! acrescentou Sepulveda, muito palido.

Mas o tumulto era enorme.

Levantaram-se brados de angustia.

Ferviam as perguntas.

Alguns, mais impacientes, censuravam a incuria que permitira trazer taes vélas.

Manuel de Sousa, porém, recobrava animo.

Ergueu a voz com energia.

— Que é isto, senhores, que nem parece de

portuguêses e navegantes? O galeão sofre uma tempestade, mas tem corpo para se aguentar com ella...

—As vélas, a demasiada carga—disse um fidalgo mais ousado.

—E o mar e o temporal—volveu Sepulveda. Mas fé em Deus, que maiores perigos temos todos vencido.

Entretanto, o vento, em vez de acalmar, recrudescía.

O galeão não opunha nem a resistencia do pêso.

Ouviam-se estampidos lúgubres.

—Vôam os mastros! clamou alguem.

E Sepulveda acudiu logo:

—E' o choque das vagas no casco.

O fragor cresceu tanto, que aturdiu os tripulantes. Por fim, chegou-lhes o torpor da resignação á força.

Imobilisaram-se, fiados em Deus. Não se ouviram mais gritos. Se o vento o permitisse, ouvir-se-ia uma plangente e profunda ladaínha, a brotar de muitos lábios de côr da cêra.

Raros eram já os que reagiam, alteando a fronte. Menos os que estavam prontos para os trabalhos em caso de perigo derradeiro. E mesmo esses oravam, desconfiando por completo do saber e vigor humano.

E decorreram horas.

E passou um dia.

Depois desse dia, veio outro com a mesma procela uivante.

O galeão continuava a receber o desgoverno da vertigem dos elementos.

Pulava, parecia afundar-se, ia á flor de montanhas de espuma e não cessava de correr, perdendo velas e mastros. Por fim, ao terceiro dia, voaram em estilhaços os tres machos do léme, ferragens que eram para a vida da Nau o mesmo que as articula-

ções para a vida dos nossos braços e pernas. O galeão assim tinha membros e não podia movêlos.

Por fortes que fôssem, estavam inuteis por estarem desarticulados.

A este insulto da tempestade, o carpinteiro da nau, que viu assim despojado o léme, foi informar o Mestre.

Cristovão Fernandes replicou com severidade:

—Calai-vos com isso. Nem ao capitão nem a ninguem o digaes, que só serve para tirar o animo a todos.

E ficou no seu posto, a manobrar como podia— uma aresta contra a imensidão furiosa.

O vento, entretanto, socegava um pouco mais, mas as vagas continuavam com desmedido poder.

A trégua, aliás, durou pouco.

O favoravel vento de Lós-sudoeste desapareceu e a tempestade voltou furiosa sobre o galeão desarvorado.

A véla em que fiavam a arribagem foi despedaçada, nisto.

O galeão não podia obedecer ao léme.

De subito, a ventania arrancou o papafigo da verga grande.

Restava-lhes a véla da prôa.

Tomaram-na com desespero, preferindo os golpes atravessados do mar a ficarem sem nenhuma vela.

Mas, tomado o traquete, o galeão ficou de través para as ondas e tres correntes colossaes o açoitaram com fragor de morte.

A nau baloiçou-se com angustia. Parecia uma ilha arrancada, de subito, para ser cuspida á furia das tres convulsões dum terramoto submarino.

Voaram em estilhaços os aparelhos de bombordo.

Pretenderam o Mestre e o Piloto fixar a nau, para não sofrer tanto o jogo das vagas.

Não lhes foi possivel o jogo dos brandaes, porém, porque o mar tinha uma furia sem intermiten cias.

Alvitraram então cortar o mastro, suavisando assim ao galeão tanto trabalho.

Mas ondas e ventanias eram implacaveis.

O baloiço não permitia a ninguem estar de pé.

Os heroicos marinheiros levantaram ainda os machados, desesperadamente.

Eram sublimes, assim agressivos—, e afinal inofensivos — em frente do ciclone.

Começaram a cortar o mastro, apezar da tormenta.

O mar pareceu respeita-los um instante.

Mas o vento fêz obra maior e mais rapida: cortou cerce o mastro grande pela altura das roldanas do topo e, do lado de estibordo, levou todos os aparelhos, arrojando-os ruidosamente ás vagas.

A enxarcia voou, como se fôra de algodão em rama.

Não tendo mais recursos, os marinheiros inventaram ainda um — arremedar força, como se o Mar pudesse iludir-se com aparencias.

Sorriam todos funebremente, sem esperança, e trabalhavam, afinal, como leões.

A sua inventiva foi titanica.

Restava-lhes o pé do mastro grande? Fizeram delle apoio dum mastaréo, forjado á pressa.

Dum pedaço de antena fizeram uma verga de papafigo.

Egualmente substituiram o mastro de prôa.

Isto nada valia, porque qualquer pé de vento, mediocremente rijo, podia levar tudo de golpe: mas elles já não defendiam o navio, defendiam a paz da consciencia.

Era preciso ir até ao fim. O bom medico não deixa de receitar ao moribundo, senão quando elle desencarna. E, ainda depois, tenta recursos desesperados, esperançado num milagre.

Soprou o vento Susueste, inchando as vélàs com fragor.

Mas a nau, desarmada dos principaes elementos, não deu por nenhum governo.

Cadáver flutuante, cadáver com membros artificiaes, mais para simular vida do que para resistir, o galeão foi insensivel á áção inteligente e jogou ao sabor da tempestade.

O vento, sequioso duma prêsa enorme, redobrou então com ira, para acabar de vez com aquelle colosso sem membros, apenas grande e pesado de bojo.

Voaram as velas que arremedavam tão mal as que tinham sido já levadas pelo mar.

A nau ficou novamente de travez, a chamar todas as injurias.

Não tardaram estas.

Os marinheiros apegavam-se desesperadamente á véla da prôa.

Mas, nisto, o léme partiu ao meio.

Já não tinham á vista o Cabo da Boa Esperança, então das Tormentas como poucas vêzes. Mar alto e fúnebre.

Manuel de Sousa conheceu que estava tudo findo, e pôs-se ao lado da mulher e dos filhos.

Leonor não chorava: rezava e beijava as crianças.

Pantaleão de Sá mordia as barbas, cheias de lagrimas, e esperava a morte.

Os outros, cadavericos, murmuravam palavras incoerentes e cerravam os ólhos.

Entretanto, o Mestre e o Piloto não se imobilisavam.

Cristovão Fernandes dizia, em grandes gritos, para ser ouvido no meio de tanto fragor:

—Vamos a pique.

—Ao fundo—respondêra Andró Vaz, de olhos lampejantes.

—A nau trabalha demais e a agua entra ás torrentes.

—Que ordenais?

—Que pensais?

—Obrar depressa ..

—O quê, André Vaz?

—Só Deus o póde dizer.

—Esperai! acudiu o Mestre com alvoroço.

—Dizei! dizei!

—Para não irmos ao fundo, vamos cortar...

—Sim—atalhou o Piloto, ferido pela mesma ideia—o mastro da prôa, pois faz abrir o galeão.

—Louvado Deus!

—A' obra!

Scintilaram os machados ao clarão dos relampagos. Mas a procela antecipou-se de novo. O mastro da prôa desabou fundido nos tamboretes, voando logo a parte arrancada. O golpe rachou-lhes estrondosamente o grupés, desapegando-o da carlinga, da peça grossa em que assentam os mastros.

O vento fez, do estilhaço colossal, uma arma de arremesso contra o âmago da nau.

Mas, na sua colera, deu armas aos lutadores, deu-lhes madeira para resistirem.

Comtudo, todos os seus esforços sairam frustres.

A navegação era impossivel. A nau abria tanto, que só Deus a livrava de se submergir de todo.

Manuel de Souza viu que se iam alagando todos.

Subiu a conversar com o Mestre e com o Piloto. Estava horrivel de lividez.

Mas o seu olhar era duro e fixo como nunca.

—Que dizes a isto? perguntou, de fronte a escaldar.

E o Mestre, o Piloto, e os que o acompanhavam responderam:

—Que Deus é quem governa o galeão.

—Nada poderemos fazer nós?

—Sim, disse com serenidade Christovão Fernandes: podemos rezar e morrer depois.

—Pois eu sei que algo podemos fazer ainda! gritou Sepulveda, com um gesto rude e repentino.

—Dizei, senhor capitão.

Manuel de Sousa precipitou as palavras com febre:

—Fazer outro léme, fazer vélas das roupas de mercadoria, e ver se podemos ir a Moçambique.

—Sim, senhor capitão.

Não houve mais palavras. Pozeram-se todos a póstos. O temporal, por graça de Deus, parára.

Ficára um vento desabrido e lugubre.

Manuel de Sousa acalmava-se.

—Aproveitêmos a bonança! gritou, depois de vêr todos de mão á obra.

E desceu a falar aos seus.

Leonor notava a paz relativa das águas, mas esperava a morte.

Seu irmão esforçava-se por lhe dar fé.

Falavam em voz baixa.

—Vós bem sabeis que nos vamos a pique—dizia ella com um sorriso triste.

—Não vêdes, Leonor, como o galeão trabalha menos?

—Os agonisantes tambem se não móvem...

—Imoveis, sim, estamos imoveis, mas vêde que entra menos agua...

—Ah! irmão, para que disfarçar o perigo? tornou ella.

E acrescentou, livida de morte:

—Se eu não trouxera, ao menos, os filhos!...

—Tende fé, irmã—acudia elle—ainda haveis de ve-los brincar em terras de Portugal! Ouvis? Trabalham lá cima. Até alguns já cantam. Julgais que se canta diante da morte?

—Quantas vezes, irmão! A cantar tambem se reza.

E, depois de supirar profundamente, volveu ainda, velando a voz com cautela:

—Não será isto o castigo, irmão? Teremos nós nisto a vingança de?...

—Calai-vos, Leonor—acudiu aflito Pantaleão de Sá, que podeis ser injusta e me lembrais os agoiros de D. Garcia, nosso pai.

Mas aparecia Manuel de Sousa.

Fitaram-no todos.

Ia mais calmo e de melhor côr.

—Capitão! capitão! clamaram muitos com ancia.

Elle não os deixou concluir e respondeu apenas:

—Deus livrou-nos da morte. Iremos a Moçambique. O vendavel passou.

—E as vélas? e os mastros? perguntou alguem dum recanto.

—Estão-se fazendo outros.

E Manuel de Sousa aproximou-se de Leonor e dos filhos, beijou-os demoradamente e proseguiu:

—Emfim, Deus teve piedade de nós.

Realmente o galeão jogava pouco. Ouvia-se muito menos o vento. Veio mais luz e ouvia-se distintamente o ruido dos trabalhos dos marinheiros, alguns dos quaes cantavam já desoprimidos de todo o terror.

Sepulveda esteve ali algum tempo e subiu a ver os tıabalhos e manobras.

Como clareára o céo, viram que a terra estava perto.

A agua entrava muito pelas brechas feitas por tantos golpes, mas como mar e vento os arremessavam para a costa, esperavam todos um milagre.

Apenas subiu, perguntou ao Mestre e ao Piloto:

—Que julgais da vida do galeão?

—Senhor—disse Christovão Fernandes—que póde ir, como cadáver á tona...

—Muitos dias?...

—Mais segundo as orações do que pelo que nós possâmos fazer.

—Mas não poderemos navegar?

—Não, senhor, entendo que o melhor é arribarmos.

—E grande graça de Deus—observou André Vaz—é se podermos fazê-lo, que a nau, como vêdes, está cada vês mais aberta.

—Como entendeis que devemos fazer? tornou Sepulveda, olhando para a costa, cada vês mais nitida, com melancolia e desalento.

—Deixarmo-nos ir assim, já que Deus o quer —respondeu o Mestre—até estarmos a deż braças da terra e depois lançarmos os bateis e salvarmos a gente.

Sepulveda meditou instantes, e acenou afirmativamente com a cabeça.

Os marinheiroa trabalhavam e rezavam, sem forças já para os cantos que pouco antes arrancavam com heroismo dos peitos robustos.

O mar era bastante calmo. O silencio das orações profundas dominou todos aquelles lobos do mar, como se a paz das águas os aterrasse mais do que o seu tumulto cruel.

As contrariedades não cessavam, entretanto.

O léme saiu estreito e curto.

A nau não obedecia ao governo.

Era irrevogavel, pois, a arribada.

E nesta passividade estranha decorreram perto de dez dias.

Como se não afundou o galeão?

Só Deus poderia dar a resposta, porque elle metia agua pavorosamente.

A tripulação tinha como certa a morte.

Comtudo, sentia esperanças constantes.

O Mestre, convencido de que restava só morrer, dizia, porém, a André Vaz, como se tivesse a certeza de levar o galeão até á costa:

—Salvam-se todos no batel e na manchua. Depois de todos desembarcados, tiramos os mantimentos e armas que pudermos.

—E as fazendas—volvia André Vaz com ólhos cubiçosos.

Mas Cristovão Fernandes atalhava logo:

—Para quê as fazendas, que só pódem causar-nos a perdição? Sabeis aonde vamos dar, e pensaes nas fazendas? Vamos cair no meio de Cafres que, se as vissem, mais cairiam sobre nós todos.

—Ficam—murmurou André Vaz com ar sucumbido.

—Muito faremos, sabendo defender as vidas—replicou o Mestre.

E, vendo que as ondas impeliam vertiginosamente o galeão para a costa, cada vez mais próxima, acrescentou:

—Deus livra-nos do mar—Mas o galeão nunca mais hade levar viva alma, que não tarda a sumir-se de todo.

André Vaz fitou o céo, as ondas, o galeão desbaratado, e sorriu apenas, como quem se salva dum abismo liquido e antevê um deserto de fogo.

André Vaz conhecia o horror duma viagem pelo país dos cafres.

VI

Consummatum est

ENTREGARAM-SE por completo a Deus e ás ondas.

Cristovam Fernandes, o Mestre, homem já velho, perdia, porém, pouco a pouco, muito da coragem de que mostrára até ali grandes arrancos.

Parecia-lhe que iam todos á morte, apezar de dispôr ainda tudo para a vida.

O seu animo fôra pois, decerto mais devido a um grande esforço inspirado pelo dever.

Agora, forçadamente ocioso, os annos e os trabalhos desalentavam-no cada vês mais.

Ha quem numa hora perca toda a coragem duma vida inteira e a velhice, estranhamente apegada á vida, é prodiga em desalentos assim subitos.

Mas todos os outros estavam firmes e crentes.

O fraco governo do léme não os descoroçoava. A corrente governava por todos e a costa parecia vir caminhando para o galeão.

Lançaram o prumo pouco depois. Tinham a terra muito ao pé.

Mas a profundidade ainda era grande, e proseguiram.

A manchua, entretanto, já batia a costa.

Mas debalde.

Em toda a parte rocha viva, penedos enormes, cortinas de granito, todas a prumo, lisas, colossaes, inacessiveis.

E chegou nova angustia.

Tinham diante de si a terra, e não podiam desembarcar.

Vê-la-iam, sem a tocarem, sentindo-se submergir sem remedio.

De que valia a paz relativa do céo?

Infelizmente, o mar, até ali um pouco benigno, cavava-se e uivava de encontro ás penedias implacaveis.

O Mestre perdeu então todo o animo.

E o seu desalento correu contagiosamente por todos.

O próprio Sepulveda o sentiu.

No seu rosto leram logo todos a morte.

Leonor compreendeu porque chegava a ruina de todos, quando a terra alvejava á frente delles. Algumas meias palavras lhe deram a dolorosa instrução.

Pantaleão de Sá orava como ella e como todos, e, a espaços, dava consolações piedosas.

Mas Leonor, fitando sempre os filhos, que enchia de lagrimas e beijos, quási o não ouvia.

Sepulveda interveio, tambem inutilmente.

—Para que me iludis? dizia ella. A nau mete água e não podemos tocar om terra, que eu bem o entendo.

E acrescentava com agoniada ironia:

—Bom foi aproximarmo-nos da terra, só para que vamos ter sepultura nas féras que venham á praia, antes que nos cômam as do mar.

E chorava sem poder conter-se, evocando o passado, tendo remorsos das suas rebeldias contra o pai, do seu proprio amor ao Sepulveda e concen-

trando todas as forças do coração sobre as frontes dos filhos espavoridos.

Mas esta crise findou quasi de repente.

A antiga Leonor de Sá resurgiu, quando teve a convição de que tudo estava irremediavelmente perdido.

A resignação restituiu-lhe a velha coragem e, d'aí por deante, viram-na pálida e silenciosa, mas poucas vêses lhe descobriram uma lagrima.

Orava muito, sempre com fervor, com ancia, mas dentro della penetrára, não sabemos como, uma serenidade inopinada.

Sepulveda ficou mais tranquilo com esta paz estranha.

Não largava tanto os trabalhos do léme e estudava com fébre a salvação de todos.

Finalmente, a manchúa voltou com novas alegres.

Não era tudo, mas todos viram que era muito.

Diziam haver, embora longe dali, uma boa praia. A penedia, por milagre, era lá cortada por uma planura de areia.

A dificuldade era poder chegar até lá.

Consultado o Mestre, sorriu com amargura, despojado de toda a força moral.

O Piloto, cheio de fé, respondeu com entusiasmo:

—Deus vem comnosco!

E não se ofendeu por Cristovão Fernandes encolher os hombros, continuando a meditar d'olhos humidos e amortecidos.

O galeão foi correndo com singular velocidade, entretanto, depois de obedecer um pouco ao fraco governo que levava.

Se não metêsse tanta água, aquella rapidês teria animado todos.

Comtudo, entrou naquellas almas bastante fé.
As orações referveram de ancia.
Todos olhavam e escutavam com a respiração contida.
A's vêzes, empalideciam mortalmente.
Era ao despenhamento funebre dum rôlo d'agua.
Mas as vozes dos oficiaes do galeão eram firmes e calmas.
Leonor de Sá teve uma como que visão do salvamento.
Julgou avistar areia em braza e ella com seus filhos, ao sol cruel, deitados sem forças, mas livres do abismo convulso.
E disse-o a Pantaleão de Sá com grande febre.
O irmão sorriu, beijou-a na fronte, e não respondeu. Rezava como nunca.
De subito, a voz de Sepulveda trovejou:
—A praia! a praia!
E com elle outros gritavam o mesmo.
Todos se ergueram para o imediato desembarque.
Foi preciso contê-los.
O salvamento exigia serenidade e ordem.
A manchúa orientava alegremente o galeão.
Sondaram as águas. Havia apenas sete braças de profundidade.
A praia estava defronte, árida, triste, mas acessivel.
Um clamor de jubilo saiu do peito da nau, carregada e destroçada.
—Senhor Deus! Jesus Cristo! clamavam em áção de graças.
E olhavam uns para os outros com ospanto, como se quizessem verificar se tudo aquilo era real.
—Terra de cafres! murmurava Sepulveda, um pouco apreensivo.

Mas urgia o desembarque.

Aferraram uma ancora. Quando a viram firme, aclamaram-na como a um heroi salvador que nos dá a vida, fincando um braço na areia.

Aparelharam tudo para lançarem o batel.

Depois de lançado, aferraram outra ancora em terra.

O vento apaziguara-se, como satisfeito do que destruira.

Mas a nau ia-se afundando agora cada vez mais.

Lembrava um cadaver pesadissimo com os membros presos violentamente a dois pontos de apoio, mas submergindo, á força de excessivo peso, o resto do corpo gigante.

Nesta pressa, Manuel de Sousa apertou com o Mestre e o Piloto para o pôrem a salvamento a elle, á mulher, aos filhos e a vinte homens.

Depois salvariam mantimentos e pólvora e algumas fazendas para depois adquirirem viveres.

E, cheio de calor e fé, disse-lhes o que tencionava fazer depois, da madeira da nau: um caravelão em que mandasse aviso a Sofala do perigo em que estavam.

Neste plano, a sua boa coragem voltou-lhe. Não se esquecia de nada. Para resistirem aos cafres far-se-iam ali fórtes com tranqueiras de pipas.

Isto fluiu do espirito do Capitão para os espiritos de todos com entusiasmo.

Manuel de Sousa, Leonor e filhos, iam, pois, seguir o caminho de desembarque dos trinta homens que já estavam em terra.

Acudiam todos para isso. Alguns levantaram canticos de graças.

Nenhum duvidava do seguro salvamento.

Mas o vento e o mar pareciam espiões sinistros daquellas esperanças.

Antes que desembarcassem, conjugaram-se num repelão titanico e depois ferveu de novo tão afrontosa a tempestade, que o galeão abalou da praia sobre a penedia, como se fôsse para esmagar-se de todo contra a muralha terrivel.

O pavor voltou subito como nunca.

Era evidente para todos a obra duma triste fatalidade.

Entretanto, relembravam-se com angustia os trabalhos de que tinham julgado livrar-se milagrosamente.

E todos esses trabalhos avolumavam como agoiros invenciveis.

Chegou-se ao peor dos desesperos: á impossibilidade de orar.

Havia dolorosas razões para admitir o imperio constante do desastre.

A manchúa conseguira ir a térra duas vêses. A' terceira vez, porém, fôra e não voltara.

O mar devorou-a com todos os seus tripulantes.

E tantos sacrificios estavam anulados devéras por um novo vendaval.

Tinham o batel para ir a térra, era verdade, mas a crescente bravura das ondas não consentia que o arriscassem.

Comtudo, numa entreaberta, Sepulveda e a familia arrojaram-se ao batel. Tiveram perigos horriveis. Por vezes, as ondas os cobriram. Emfim, pouco depois, tocavam a praia e salvavam-se.

O mar voltava, porém, á sua furia. A arribada continuava impossivel, mesmo que não tivessem de de novo diante de si a penedia hostil.

O galeão ia sobre a amarra de terra, depois de cortada a do mar.

O fundo era ali muito perigoso.

E o tempo decorria naquelle perigo unico. Vol-

vêram dois dias em tão lancinante angustia. Sepulveda acenava da praia com aflição aos da nau, mas nada podia fazer-lhes.

Ao romper d'alva do terceiro dia, o Piloto disse, de subito, corajosamente a todos os seus:

—Irmãos, antes que a nau abra e se nos vá ao fundo, quem se quizer embarcar comigo naquelle batel, póde-o fazer.

E, sem mais palavras, correu a embarcar como dizia, impelindo o Mestre consigo.

Cristovão Fernandes obedeceu automaticamente. Parecia varrido de todo o juizo.

Foram só quarenta os homens que assim fugiram da morte no galeão.

O batel recebeu logo um golpe formidavel e pareceu abismar-se.

Na praia a angustia era tão grande, que parecia ferir os proprios heróis da travessia.

Mas não vacilavam. Braços robustos e convulsos, o mar sentiu-lhes a energia e teve de contentar-se em rugir-lhes insultos, já que os perigos eram anulados pela fortuna, ou pela benção de Deus.

Houve momentos de perigo estremo. O batel sofria colunas de agua e sacões brutaes de vento.

A's vezes, esperavam ir dar todos contra fragas e descerem, de golpe, ao abismo.

Mas, num arranco soberbo, o batel cortou a corrente, emfim, e foi como se vomitasse os quarenta heróis na arêia da praia.

Mas, nisto, rangeu como um peito que arrebenta.

Pouco depois, era levado em pedaços pelas águas furiosas.

Fazia um frio cruel e mordente.

Sepulveda acendêra, logo que chegara á praia, uma grande fogueira. Aqueciam-se a ella os qua-

renta fugitivos do galeão, mas de lágrimas nos ólhos, como todos.

—Que irá ser dos quinhentos homens e tantos escravos que lá ficaram ainda na nau? perguntou o Mestre, vergado sobre a fogueira, enxugando-se muito perto das chamas que pareciam ameaçar as brumas e o vento.

—Sim, disse com tristeza André Vaz, tivemos de fugir, nós que deveriamos ficar. Que loucura a nossa!

E parecia cheio de remorsos.

Sepulveda ouviu isto e doeu-se muito.

Aquella voz encontrava-se com a da sua consciencia.

—Primeiro vos dei eu o mau exemplo—acudiu elle com ardente, mas dolorosa, justiça.

—Senhor capitão, replicou logo André Vaz: comvosco é outro caso, que devieis salvar vossa esposa e os vossos filhos.

E, pretendendo acalmar a voz intima, concluiu, embóra um pouco a mêdo:

—Que, felizmente, lá está Duarte Fernandes, o Contra-mestre, homem socegado e esperimentado.

—E o Guardião—murmurou o Mestre, sempre de cabeça pendida.

A nau, entretanto, sumia-se lentamente, ao largo, sem mudar de posto.

Os marinheiros, que tinham ficado, lividos de morte, olhavam com agonia para as aguas e para a praia. Depois fitavam o galeão todo, a verem talvês como se submergia uma nau de tanto poder.

Não havia recursos de segurança.

Era evidente a submersão do navio.

O perigo era tão grande, que se tornava prudente o risco doutro perigo, o de afrontarem o mar como pudessem,

Alargaram a amarra para o galeão ir bem a terra.

Mas não a cortaram, receando virem impellidos para o abismo.

Parou a nau, mas, daí a pouco, fendia-se ao meio.

O galeão S. João estava partido em dois.

A acção das ondas e dos ventos gastou só mais uma hora em fazer quatro desses dois pedaços.

A nau já não oferecia a menor resistencia ás aguas.

Entraram em vagalhão e as caixas e fazendas boiavam pouco depois, libertadas por aquella ação varredora e impulsiva.

A isto, os que estavam no galeão não tiveram que reflétir: arrojaram-se sobre as caixas e sobre as traves partidas.

Eram os seus bateis. Raros gritos. Alguns braços levantados para os céos.

Mas a maior parte delles aferravam se com desespero a restos flutuantes, ou pretendiam cortar as ondas espumantes e colericas.

Nem todos ficaram ao lume d'agua. Perdiam uns a prêsa e mergulhavam no redemoinho; outros, fracos contra as vagas, rendiam-se ao primeiro golpe de corrente maior.

Viam quasi tudo da praia entre gritos e sobresaltos.

Mas o lance era rapido e tragico.

Desapareciam para sempre cabeças aflitas, d'olhares espavoridos.

Outras, parecendo devoradas, surdiam sobre madeiras, de bôcas rasgadas pela agonia, lançando ólhos anciosos ás ágoas e á praia, medindo a distancia, lutando sempre.

Conseguiam muitos vencer o torvelinho, depois de parecerem tragados por elle.

Outros, já perto da praia, recebiam um golpe subito, bracejavam, bebiam muita agua, cégos pelas espumas, e afundiam-se repentinamente.

Se o mar parasse o seu tumulto, talvês os da praia ouvissem o bater dos corações dos desgraçados, muitos dos quaes morreram de panico antes de sofrerem a asfixia e a imersão.

Nadavam raros com valentia heroica, mas desses ainda se perderam muitos.

Um delles, jóven e robusto, cortou as ondas até perto da praia, ergueu as mãos em gesto de suplica e, empalidecendo funebremente, desceu ao abismo, morto de pavor.

Alguns, quebrados de força, gemiam. Os uivos do mar sepultavam-lhes as vozes e os corpos.

Os da praia rezavam e choravam. Já não queriam ver. Cerravam os ólhos. Depois, não querendo ouvir, tapavam os ouvidos.

Apezar de tudo isto, salvu-se a maior parte des naufragos.

Quando Leonor soltou um grito de alivio que despertou Sepulveda e todos os companheiros, uma grande massa de homens ensopados e lividos surdira, arrastando-se pela areia gelada, alguns escorrendo sangue pelos rasgões feitos nos prégos e lascas de madeira.

— Salvos! dissera ella, de mãos erguidas.

Respondeu-lhe um bramido funebre de todo o oceano.

O mar tinha razão para o seu clamor de feroz triumfo.

A triste travessia roubára a vida a perto de cincoenta portuguêses e a setenta escravos.

Entretanto, o galeão S. João era batido em to-

dos os sentidos, estilhaçado ferozmente. Quatro horas opôs ainda uma resistencia, cada vês mais miseranda, com os membros mutilados. Depois, viu-se que elle resistia, representado só por uma grande trave.

Emfim, até essa foi levada na voragem que impelia para o sul cadáveres, caixas, mantimentos, pólvora e fazendas.

O formidavel galeão cumprira até ao fim o seu dever.

VII

A caminho de Lourenço Marques

Onde estavam os naufragos? No país dos cafres, região vasta que vai do Cabo Negro á ponta de Luabo, na terra chamada do Natal.

Região geralmente árida, que o frio naquelles dias de Junho fazia lúgubre, o seu perigo maior, comtudo, não era a falta de aguas e de árvores, era a população, os Koossas, os Tambuki e Mambuki do litoral, e, mais além, os Betjuanas, os Gokas e os Morobongs no interior, tribus nómadas, aguerridas, de região grosseira, ladrões por indole e por habito.

Sofriam agora o frio, pelo que acendiam fogueiras.

Depois, viria um calor cruel e, além disso, teriam de sofrer fóme e sêde e nuvens de azagaias implacaveis.

O galeão levára comsigo armas e mantimentos, riquezas avaliadas num conto de oiro, e felicidade tinha sido salvar ainda assim tantas vidas.

Levára mais, ao desfazer-se, a esperança de construirem um caravelão que se mandasse a Sofala, porque o mar roubára os estilhaços, arrastando-os para o sul.

Sepulveda agazalhou, como pôde, Leonor e os

filhos, mudos e tristes, e reuniu imediatamente o seu conselho, ao pesar tudo isto.

O conselho, de que faziam parte Pantaleão de Sá, Dourado de Setubal e outros, resolveu depressa e em poucas palavras.

Deviam permanecer alguns dias naquella praia, onde havia água, ao contrario do que se esperava no interior e tratar de muitos enfermos que tinham.

Fortificaram-se então, alevantando tranqueiras com alguns destroços que vinham até á praia.

Ao terceiro dia deste acampamento, avistaram num têso escalvado tres cafres. Os negros estiveram ali duas horas a examinarem o acampamento e, sem um grito ou uma ameaça, retiraram-se como que admirados.

Decorreram dois dias sem amostras da presença de nenhum indigena

Sepulveda parecia envelhecido de repente. Tornara-se cadaverico e de olhar desvairado.

A cada passo, quando o consultavam, fazia um gesto sêco e ia acarinhar Leonor e os filhos.

Depois, voltava com os ólhos rasos de lagrimas e respondia em voz lenta.

Mas, de dia para dia, o olhar e a voz ou perdiam a firmeza ou relampejava um de fulgores estranhos e se metalisava a outra asperamente.

Não tinha grande coerencia por vêses. Perdia bastante a memoria.

A's vêses, encontravam-no de joelhos a pedir perdão a fantasmas que só elle via.

E então a esposa corria para elle, beijava-o, consolava-o e suplicava-lhe que tivesse forças e fé.

Sepulveda, como envergonhado de si, voltava á antiga energia, mas não era raro que, ao vêr-se só, murmurasse com ancia:

—Perdôa-me, Luis Falcão.

Quem ouvia isto, não o entendia, lamentava-o, mas respeitando-o sempre.

Pantaleão de Sá, triste mas robusto, acompanhava-o quanto podia, alentando-o ao vê-lo de ólhos febris e cabeça baixa.

Sepulveda respondia, por ultimo, a todos os alentos delle:

—Grande pêso o dos meus pecados, que nem já Fr. Manuel da Salvação me aparece nos meus sonhos. Outros vêem, outros que eu quizera esquecer.

Mas acrescentava logo, espantado de si proprio:

—Medo não tenho, irmão. Dóe-me, viver, ver tanta gente a penar. Não vêdes que chega a fóme e nós sem batel que mandar a Sofala?!

Escondia as lagrimas.

Em volta delle, entretanto, reinava um respeito, sublime de obediencia e resignação.

Nem um gesto de revolta ou enfado.

Afinal, Sepulveda, áparte estes colapsos, era heroico de atividade e zelo.

Estava em toda a parte, ao pé dos enfermos e rondando as tranqueiras.

A's vezes, como um autómato, vagueava d'olhos ao alto, como se procurasse uma estrêla, mas, nesta sonolencia, fulgurava-lhe depressa a razão, sugerindo providencias e medidas.

Leonor estava calma como nunca.

Velava pelos filhos e pelo esposo com coragem e serenidade.

—Não sentis pesar de tudo isto? perguntava-lhe Sepulveda.

—Não, Manuel de Sousa—volvia ella, sorrindo. Como hade fazer pavor o que já é graça de Deus?

—Ainda que venham os cafres? inquiria elle com bastante imprudencia.

—Ha peores perigos do que os cafres, Manuel de Sousa...

—As ondas do mar...

—E os remorsos—acrescentava ella, baixinho.

Mas o tempo decorria monótono. Escasseavam os viveres.

Sepulveda propôs que se mandasse um homem com um cafre que traziam a procurá-los, levando os restos de fazendas que tinham escapado por acaso nas caixas flutuantes de que tinham feito barcos na hora do perigo supremo.

O conselho apoiou-o.

O Português e o cafre seguiram a procurar os indigenas.

Dois dias se passaram.

No fim delles, os emissarios appareceram.

Não descobriram ninguem. Tinham encontrado cabanas de palha, mas desertas.

Decerto que o mêdo os afastára da região.

Entretanto, o cafre lembrava com ar apreensivo:

—Mau sinal é o de toparmos em algumas casas com frechas metidas na parede...

—Porquê? acudiu Sepulveda.

—Sinal de guerra—explicou o negro.

Sepulveda e os seus ficaram sucumbidos a tão más noticias.

Não era, porém, a guerra o que temiam realmente: era a falta de viveres, falta cada vês mais cruel, e que os inutilisaria não só para a guerra como até para a vida sã de que precisavam todos.

O tempo, nestas angustias, corria lento.

Tres dias quási funebres se passaram.

Ao quarto dia, avistaram com jubilo oito manchas negras no vertice dum outeiro.

Viram depressa que eram cafres, os quaes tra-

ziam comsigo uma vaca, que governavam com uma especie de rédea.

Eram pastores.

Acenaram logo animadamente aos cafres e estes desceram, ficando cercados de portuguêses, mais anciosos do que hostis.

Sepulveda, seguido de quatro fidalgos, dirigiu-se-lhes com ar cortês.

Conversaram por sinaes.

Os cafres mostraram desejo de adquirir ferros.

Sepulveda mandou vir prégos e os cafres manifestaram, vendo-os, muita alegria.

Contente com o exito da exibição dos prégos, começou logo Sepulveda a tratar com os cafres a venda da vaca de que tanto carecia, principalmente para Leonor e para os filhos.

Os cafres combinaram satisfeitos a troca da vaca por uma grande quantidade de prégos, e tudo levava a crer que estava feita a transáção.

Mas, nisto, do alto do outeiro, vieram gritos selvagens.

Cinco cafres bradavam de lá aos pastores, que não vendessem por miseraveis ferros um animal de tanto valor.

Os donos da vaca ouviram, olharam desconfiadamente para os portuguêses, e retiraram-se logo sem mais palavra.

Alguns dos nossos quizeram detê-los.

Conteve-os Sepulveda com energia.

—Mas, senhor, é um animal de que tanto careceis...

—Não sou ladrão—replicou elle—e desfortuna seria ganhar tal fama, quando precisamos da confiança dos cafres.

—Comtudo, senhor, insistiu o outro, vão julgar-nos fracos, o que não será melhor.

Sepulveda, que se irritava agora com facilidade, atalhou logo:

—Mais fracos sois vós em não obedecer á razão e ao dever.

Emudeceram todos os murmurios, mas o desalento era quasi geral.

Estavam na hora negra em que se tem de admitir um dos maiores sofrimentos humanos: a fóme.

Sem remedio a tinham, pois, de padecer, e todo o socôrro parecia fugir-lhes.

E, com fóme, como curarem-se os doentes de cansaço? Como ter forças para o caminho?

Com fóme, como resistirem aos cafres que, decerto, esperavam vê-los rendidos de inanição?

Mas aquelles heróis compreendiam que, acima da razão, estava o dever.

A sua tristeza não era agressiva: era passiva.

Curvaram as cabeças. Ainda havia alguns viveres.

O tempo decorria.

Os convalescentes afinal já podiam caminhar.

Doze dias de repoiso tinham operado beneficios, apezar de tantos sobresaltos e agoiros.

Então Sepulveda chamou todos os seus e, de pé, com uma serenidade maguada que tambem o distinguia agora, falou-lhes á razão e ao coração.

Pintou-lhes a miseria em que todos estavam, devida aos pecados de todos—dizia elle, muito livido—quando os pecados delle só bastariam para ella ser justa.

Leonor e Pantaleão de Sá empalideceram muito, ouvindo isto, e d'aí por diante não levantaram os ólhos da areia.

—Mas—continuava Sepulveda, de mão convulsa no peito—Nosso Senhor teve piedade de nós,

pois nos fez a mercê de livrar-nos de ir ao fundo dentro daquella nau tão coberta já d'agua, ha muitos dias.

Este tempo o gastámos nós em deixar convalescer os doentes. Louvado seja Deus, que já podem caminhar, e assim aqui não podemos permanecer mais tempo.

—Agora, senhores—concluia elle—vos peço um conselho sobre o caminho a tomarmos para nosso salvamento, pois que não podemos fazer nenhuma embarcação pela perda completa da nau, como vistes.

Fez Sepulveda uma pausa neste ponto, parecendo ter concluido de vez, mas, minutos depois, tornou:

—Meus senhores e irmãos, devo ouvir-vos a todos, pois todos temos a mesma vida...

Cortou, porém, a palavra aqui, como se vacilasse.

O olhar humedeceu-se-lhe e turbou-se.

Viram-no vacilar, de pernas trémulas e faces lividas.

Olhava á roda.

Procurava Leonor e os filhos.

Quando os fitou, voltou-se com uma humildade tocante, e disse ainda, em voz entrecortada:

—Só uma mercê, senhores e irmãos, vos quero pedir. Não me desampareis, nem deixeis, dado o caso que eu não possa andar tanto como os que mais andarem, pois tal será por causa de minha mulher e de meus filhos.

Disse isto e, quando alguns esperavam ver-lhe lágrimas nos ólhos, notaram-lhe nelles relampagos singulares. Estava da côr do marfim e com um olhar de fogo, tão torturado e irrequieto, que parecia espelhar o incendio de todo o cérebro.

— Senhor — clamou logo Pantaleão de Sá, nenhum de nós esquecerá o seu dever.

—Não, nunca! conclamaram sem discrepancia.

E Sepulveda viu-os a todos, firmes e lividos. quási espétraes, mas sublimes de heroismo e disciplina.

A humildade de Sepulveda fizera um milagre: deu vivos remorsos aos desgraçados de prantearem a sua desgraça, por pouco que o fizessem.

Em todos os labios florescêram risos. Sorriam com fé e esperança, mentindo aos seus presentimentos, só para que Sepulveda e os seus tivessem á sua roda aféto, luz, valor.

O espirito cavalheiresco de Portugal talvez nunca fôsse tão grande.

Havia ali uma senhora débil a quem era preciso animar em tão penosa jornada.

Diante das agonias daquella flôr, com os seus lindos botões de rosa, os seus filhos, através do areal infinito e cruel, não havia dôres legitimas. Se algum fraco soltasse uma lágrima a furto, elle faria do seu cristal o reflexo dum sorriso heroico.

E, acima de tudo, Sepulveda era o seu Capitão.

Com elle tinham combatido muitos em grandes perigos.

Porque o não seguiriam cégamente naquelle lance? Não representava Sepulveda, naquella areia esteril, a gloria e a honra da Patria?

O movimento de todos foi angelico. Cercaram Sepulveda com o transporte de filhos obedientes, e então elle, consolado e surpreendido, deixou rolar duas lágrimas sobre as barbas que aquelles dias de horror tinham encanecido quasi de todo.

Mas todos falavam com animação, e elle pôde enxugá-las, volvendo ólhos reconhecidos a Deus que procurou no azul, lavado então e resplandescente.

Por opinião de todos caminharam ao longo das praias até ao Rio de Lourenço Marques, aonde iam todos os annos naus de Moçambique a negociarem o marfim.

Sepulveda concordou com elles e logo se começou a jornada entre aclamações de entusiasmo estranho.

—Vamos, senhor—clamavam—nunca vos desampararemos!

Os naufragos puzeram-se emfim a caminho.

Ia á frente Manuel de Sousa Sepulveda com Leonor e os filhos, oitenta Portuguêses e muitos escravos. No meio deste grupo o Piloto André Vaz alçava uma bandeira e um crucifixo.

Leonor de Sá era levada, com as crianças, numa especie de palanquim, por escravos.

Seguia-se outro troço, o dos marinheiros com o Mestre Cristovão Fernandes á frente.

Neste corpo iam as escravas.

A retaguarda era formada por duzentos homens, com Pantaleão de Sá.

Toda a triste caravana contava perto de quinhentas pessoas. Cento e oitenta eram portuguesês.

A marcha começou com a lentidão dum enterro, sem palavras, todos de rostos graves, murmurando baixinho orações.

Soprava um vento irritante.

Sepulveda caminhava com firmeza, mas a cada passo voltava atraz a ver Leonor e os filhos.

—Como ides? perguntava sempre.

—Bem-respondia ella—Deus irá comnosco.

Duma vez, ao fazer a pergunta habitual, notou Sepulveda que Leonor tinha os olhos vermelhos.

—Chorastes? inquiriu com ancia.

—Não, Manuel de Sousa, respondeu ella com

doçura: se tenho os olhos vermelhos, é das areias que o vento levanta.

—Abrigai-vos—aconselhou elle.

—Sim, mas vós não receeis por mim, nem pelos filhos. Ide tranquilo, e rezai como eu vou rezando.

Sepulveda sorriu, mas, ao tomar o seu posto, estava mais livido.

A praia era sêca e monotona.

A vegetação, raquitica, perdia-se á esquerda detraz duns tesos calvos, longe, como se só urzes pudessem brotar detraz de pedras vulcanicas, e mesmo assim devessem estar afastadas da vista dos que pisam os areaes, negando-lhes o pequeno beneficio da sua palida verdura.

Horas depois, aliviou-os, porém, um trecho de mato que os foi acompanhando sempre. Era um oásis paralelo ao deserto, embora oásis muito selvagem, de frutos asperos entre folhagens descarnadas.

Os naufragos respiraram, comtudo. Deus não os abandonara de todo?

Foi crença delles que não e, nesta fé, caminhavam muito, apezar do piso incomodo e fatigante.

VIII

Da salvação para o abismo

CAMINHAVAM, caminhavam, comendo os restos do arroz que levavam e colhendo no mato bravio algumas frutas ácres.

Em alguns dias, esses mantimentos tornaram-se mesquinhos.

O arroz consumiu-se depressa.

O mato dava escassos recursos.

Largas horas decorriam sem um veio d'agua.

Olhavam ao largo, e não viam um só vulto humano. A região era, mais do que esteril, pavorosa de aridez, a aridez que não promete, longe que seja, a esperança dum pequeno horto.

Cada passo que davam só lhes indicava o peoramento da subsistencia.

A areia tornara-se fina e aguda.

Se fugiam della, as pedras, cortantes e queimadas, eram negras e hostis como os cafres.

Não podiam seguir em linha rĉta por causa dos rios que lhes matavam a sêde, mas que os obrigavam a fazer grandes curvas á procura dum vau, quasi sempre muito distante da praia.

O mês de julho decorria sinistramente assim para elles.

Dentro em pouco, descalços e espétraes, o caminho, a fóme e a sêde devastavam-lhes os corpos e as almas.

Alguns luziam tanto com os olhos, cheios de febre, que pareciam os chacaes que ouviam uivar de noite.

Entretanto, alguns iam ficando prostrados, insensiveis a todos os estimulos.

Os desgraçados, não podendo caminhar, caiam no areal, cerravam os olhos e ficavam sem sentidos.

Ao anoitecer, conhecia-se, pelos rugidos crueis das feras, que desciam do mato depois de todos passarem, qual o seu destino tragico.

Rendidos de fóme, serviam de festim ás feras.

E não podiam salvá-los.

Urgia caminhar, esmagando o coração.

Leonor ungia-os em espirito com as suas lágrimas e orações e deixava-se levar pela via dolorosa, pungida de terrores.

Que ia ser de todos elles?

E, sobre tudo, tinha remorsos de caminhar ás costas de famintos.

Não cairiam exaustos dentro em pouco? Não os matava ella, obrigando-os a um esforço sobrehumano?

Recusou-se, pois, um dia a ir de palanquim ás costas de portuguêses cambaleantes, pois os escravos que, a principio, a levavam, tinham ficado pelo caminho.

Sepulveda curvou a cabeça.

Não era uma loucura querer ella, tão delicada, afrontar as rudezas da marcha?

Mas os homens do palanquim, heroicos, obstinaram-se em levá-la, consentindo apenas que, ao pé, as escravas levassem as crianças. Ella cedeu por horas, mas depois insistiu em ir a pé, e começou a marchar com intrepidês e serenidade.

O filho bastardo de Sepulveda, que ia ás costas dum escravo, queixou-se nisto de fóme. Leonor disse-lhe palavras generosas e o rapazito calou-se.

A solidariedade era em todos tanta, que dava a maior fraternidade.

Mas, ás vêses, o egoismo tinha de fazê-los cegos e surdos.

Iam ficando para traz, aqui e ali, homens exanimes.

Volviam-lhes olhos de febre os que caminhavam.

Seguiam caminho e olhavam para traz, emquanto os avistavam.

Alguns dos prostrados, sob a força piedosa daquelles olhares, levantavam-se e tentavam proseguir. Mas a fome gelava-lhes os membros. A febre escaldava-lhes as frontes lividas. E caíam de novo, sem forças para gemer.

Ocultavam isto, quanto podiam, a Sepulveda, mas o Capitão tudo notava.

Já eram perdidos assim doze homens.

Cada vitima parecia cair-lhe sobre os hombros como um espétro de ferro e gelo.

A aflição e as privações funebrizavam-se-lhe dentro d'alma com os remorsos.

Remorsos, sempre remorsos.

E um desalento cruel e progressivo. Na sua dôr, voltara-lhe a visão do frade, triste, mas como que indiferente, talvês porque a provação de Sepulveda lhe agradava como merecimento da Vida Eterna.

E essa visão era pálida como um luar moribundo. Os espiritos que via, nitidos e como clamorosos, eram os de mulheres que desgraçara, o dum homem, que deshonrara, e, cercado de nuvens de sangue, o de Luís Falcão que fizera matar.

O castigo ali estava. Era o naufragio e, com

elle, a perda de oiro e honras, o regresso á Patria convertido em desterro sem fim. Era ver penar a mulher amada que conquistara á custa do crime, vê-la talvês morrer com os filhos, com os pedaços da sua alma, depois de seguir descalça por um Calvario de fogo.

Era o horror de si proprio, sendo causa da desgraça de tantos, sujeitando-os á expiação horrivel dos seus pecados.

Sepulveda, pesando isto, sentiu-se dilacerado até ao coração, e teve o gesto duma energia desesperada.

Mas a alma do frade surgia-lhe então dentro da consciencia.

E com uma voz severa e triste, suplicante e incorrutivel.

Que direito tinha elle a furtar-se á expiação?

Não peoraria elle o seu destino com um desespero monstruoso?

Pois não devia ter coragem?

Que era a vida terrena?

Não sabia o que o esperava?

Que Eternidade de lágrimas, se baqueava, negando a Deus o direito de o chamar a si, antecipando-se á Morte que havia de chegar, tarde ou cêdo, a pôr termo ás suas angustias?

E Sepulveda calmava-se como podia, mas a memoria morria-lhe, aos poucos, no cérebro.

Chegava a não saber se era elle quem ia dentro de si mesmo.

Leonor, os filhos, os fidalgos, os soldados, os escravos, seriam pessoas reaes?

Teriam realidade o caminho, a propria fóme, a propria angustia?

Tinha febre. Onde estaria elle, se é que elle era *elle?*

Sofria. E que verdade tinha o seu sofrimento?

Nesta tortura, o cérebro de Sepulveda sentiu a noite gelada da demencia.

Mas um clamor doloroso o despertou.

Vinha procura-lo um escravo.

— Senhor — dizia elle — procurei-o.

E estorcia as mãos, d'olhos baixos, rasos de lágrimas.

— E viste-o? perguntou logo com ancia.

— Não, senhor.

— Pois não o vistes? rompeu Sepulveda com furia.

— Senhor, acudiu o escravo, balbuciando, mas disseram-me que vem atraz com Pantaleão de Sá, que caminhá com os outros a obra de meia legua de nós.

— Ah!

Sepulveda respirou. Não era a primeira vez que o seu filho bastardo ficava atraz e vinha com o irmão de Leonor.

Mas aquelle alivio foi efemero.

Tinha o presentimento duma desgraça.

Anoitecia.

As féras uivavam no mato.

Sepulveda julgou vê-las sobre o corpo exausto da criança.

Chamou aflitivamente dois homens.

Os desgraçados, cheios de terror e de fóme, aproximaram-se, cambaleando.

— Quereis ganhar quinhentos cruzados? gritou-lhes elle.

Não respondêram.

Entretanto, como aviso fúnebre, ouviram-se rugir leões.

Sepulveda estremeceu e tornou-lhes:

—Ide a ver se encontrais o meu filho, e tereis quinhentos cruzados.

Nada replicaram ainda, nem se moveram.

—Não me ouvís? bradou elle, exaltado.

—Senhor—disse um, enxugando os ólhos, humidos de dôr ou de vergonha—vem aí a noite. Ouvimos os leões e os tigres. Se elle ficou atraz do grosso da gente, não vamos salva-lo, vamos perder-nos.

—Covardes! rugiu elle.

Mas, caindo em si, despediu-os e ficou algum tempo a saborear a cruel amargura das lágrimas que lhe desciam impetuosamente aos labios gretados de febre.

Deveria ir elle?

E Leonor e os seus filhos?

Que castigo o de ter de sofrer pelo melhor do seu coração!

E, nesta agonia, Sepulveda soltou uma gargalhada terrivel.

—De que vos rides, senhor? perguntou espantado um escravo.

—De vós, porque não matais o vosso inimigo—volveu elle com olhos em braza.

—Os cafres?

—Não, eu, a causa de todos os males.

—Calmai-vos, senhor,—acudiu o escravo, de cabeça pendida.

—Sim, coração, faze-te em pedaços!

E continuou a caminhar com aspéto lúgubre.

Os cafres, d'onde a onde, apareciam já.

Vinham hostís, feriam uma refrega viva, mas os naufragos, apezar de famintos, venciam-nos sempre.

Entretanto, caminho, fome e refregas iam dizimando os desgraçados.

Além doutros, morria exausto na jornada Anto-

nio de Sampaio, sobrinho do Governador da India Lopo Vaz de Sampaio.

Mais seis homens e muitos escravos iam ficando, mortos de fome, á espera das guélas ardentes dos tigres e leões do mato.

As azagaias dos cafres colaboravam, como podiam, com as privações.

Diogo Mendes Dourado, valente pelejador, caiu morto numa refrega.

Todos os dias ficavam dois e tres homens pelas praias oferecidos á gula das feras.

De certo ponto em diante, os leões e os tigres tinham por comensaes desconformes e terriveis as serpentes.

A's vêzes, alguns dos que ficavam prostrados assim eram os primeiros a rogarem que os deixassem, pois melhor era a morte que tanta agonia, e suplicavam-lhes só que, se fossem um dia a Portugal, déssem muitas saudades a pais e irmãos e amigos, contando-lhes como fôra o seu fim triste.

E todos pediam, cheios de lágrimas, que os fossem encomendando pelo caminho a Deus, pois decerto os seus negros pecados os tinham levado áquella desgraça sem egual.

Respondiam-lhes as lágrimas e soluços dos que partiam. Uma torrente de dôr e horror acompanhava, pois, os naufragos que podiam andar.

Eram os gemidos dos que ficavam atraz, era depois o rugido sinistro das feras e, a seguir, ais pungentes de vitimas: era a desesperança extrema dentro da extrema nulidade diante de tantos males.

Leonor, livida e grave, habituara-se, porém, prodigiosamente a todos os lances.

Nem refregas nem privações a convulsionavam.

Chorava silenciosamente, rezava e caminhava com os pés em chaga viva.

Mas via-se, pelo pender da cabeça, que tomava tudo como um castigo cheio de justiça.

E d'aí vinha decerto o seu sorriso, cheio de resignação triste, calmo e profundo como o duma grande santa penitente.

Entretanto, tiveram uns dias de alivio.

O sertão deu-lhes mais frutos.

O mar era mais rico em mariscos, quando iam ao longo da praia.

Mas esses dias fôram breves.

Subiram e desceram, dentro em pouco, serras empinadas á busca de frutas e água e deixaram a praia, e internaram-se no mato.

Nestes lances, cheios de perigos por causa de feras e cafres, aventuravam-se mais pelo sertão dentro alguns homens, ambiciosos de dinheiro.

Traziam meio litro d'agua por 10 cruzados.

Muitos ficavam lá, varados de setas, ou colhidos pelas onças.

Mas o amor ao dinheiro arrojava sempre alguem.

Os naufragos levavam comsigo um caldeirão que tinha a capacidade dalguns litros.

Quem o trazia cheio d'agua ganhava 100 cruzados.

Sepulveda, quando esse caldeirão chegava, distríbuia a água para evitar que a derramassem no meio de tanta sofregridão, ou a dividissem com desegualdade.

Depois de pagar a que reservava á mulher e aos filhos, repartia-a com bondade como podia e, nestes momentos, o seu olhar, dia a dia mais febril, calmava-se e humedecia-se tocantemente.

Quem tinha forças para pescar um peixe ou coragem para caçar aves e colher frutas no sertão, recebia muitos cruzados.

Mas raros iam muitas vêses áquellas excursões.

Se as repetiam, não voltavam depois, porque a azagaia do cafre e a fauce da fera cortava-lhes sinistramente o estranho negocio.

E nestes tıanses iam passados tres mêses.

Eram tres mêses, vivendo de algumas frutas agras, óssos torrados, mariscos, e até peles sêcas de cobras, que se pagavam a 15 cruzados cada uma.

Mas, neste martirio, avistaram duas povoações quási juntas.

Eram aldeias miseraveis, e pareceram-lhes mais esplendidas que Lisbôa ou Gôa.

Para uma dellas se dirigiram, radiantes.

Veio recebê-los um velho regulo de nome Oinhaca, de barbas brancas e venerandas, de rosto alegre, d'olhos fulgentes de lealdade.

Era o senhor das duas aldeias.

O potentado foi humano e sincero. Deu-lhes viveres e agazalho.

Pareceu até entusiasmado por os ter comsigo.

Os Portuguêses, saciando a fóme e dormindo com conforto, ganhavam as antigas forças, e o velho cafre parecia rever-se na gentileza e robustês dos naufragos.

Descançavam, emfim.

Os dias daquella pequena Cápua decorreram deleitosamente.

Sepulveda e Leonor tiveram horas de socego intimo e todos os organismos ganharam ali grande vigor e repoiso.

Mas Sepulveda e os seus olhavam sempre para a esperança de chegarem a Lourenço Marques e de lá navegarem a caminho da Patria.

E, um dia, agradecendo tudo ao cafre generoso, disseram-lhe que iam partir.

Opôs-se o velho com ancia áquelle intento.

Que deviam ficar com elle—declarou since-

ramente—pois elle os sustentaria o melhor que pudesse.

—Ides sofrer grandes privações—continuava—que a região é falta de mantimentos. Podia dá-los, como outras, mas os cafres pouco semeiam e cómem só o gado bravo que matam.

Sepulveda insistiu, comtudo, em partir e, como elle, todos os seus, quási esquecidos dos horrores ha pouco passados.

Então o velho descobriu todo o seu intimo.

Disse-lhes que andava em guerra com outro régulo da Cafraria e que era seu pensamento que o ajudassem nella.

—Porque—concluiu com veemencia—haveis de passar pelas terras desse régulo, e sereis roubados por elle, que é muito poderoso. Conheço os Portuguêses pelo valor de Antonio Caldeira e Lourenço Marques que aqui estiveram, e muito, pois, fio de vós. Sereis uteis e eu vo-lo sou tambem, dando-vos este conselho. Ajudai-me a vencer o mau e poderoso régulo, e passareis pelas terras delle sem dano vosso.

O velho cafre era de bela presença, afavel, cheio de bondade e senso.

Antonio Caldeira e Lourenço Marques tão simpatico e lhano o acharam, uma occasião que o tinham visto, que lhe puzeram o nome de Garcia de Sá.

Os Portuguêses vacilaram durante seis dias.

O régulo não se cançava de instar por que não seguissem caminho.

Sepulveda, porém, obstinou-se em partir.

A meia demencia que o ia empolgando perdia-lhe a visão clara das coisas mais simples.

Não seria melhor ficar, e dar aviso dali para Lourenço Marques?

Muitos viram isto.

Leonor observou-lh'o com doçura.

Sepulveda, singularmente indignado, gritou que deviam proseguir.
O velho cafre teve de resignar-se.
Entretanto, pediu-lhe que, antes de proseguirem, lhe dessem, ao menos, auxilio contra outro régulo cujos territorios os naufragos já tinham atravessado.
Por gratidão e diplomacia, ficou assente servi-lo.
Pantaleão de Sá e vinte homens foram com o régulo ao combate. O exercito era de quinhentos homens.
Voltaram seis leguas atraz e cairam sobre o inimigo.
A peleja foi rápida, mas formidavel, degenerando depressa em carnificina.
O velho cafre venceu, tomando muito gado ao vencido.
Recolheram Pantaleão de Sá e os seus ás aldeias com o régulo.
Descançaram depois todos mais seis dias.
Sepulveda, menos obstinado, reuniu conselho.
Os conselheiros, tão levianos como ignorantes, votaram por que se proseguisse.
Queriam chegar ao rio de Lourenço Marques.
E, afinal, estavam nelle, num dos tres braços com que vai ao mar, no rio Beligane.
Entretanto, obsecados, pretenderam almadias para atravessarem aquella linha d'agua, que lhes cortava o sonhado caminho.
Negou-as o régulo com sinceras intenções. Sepulveda, aflito, instou com elle muitas vezes. Offereceu muito dinheiro. Deu-lhe algumas armas.
O velho cafre, vendo que se obstinavam sem remedio, cedeu.
Os naufragos passaram emfim o rio.

E a jornada continuou monotonamente durante alguns dias, sem perigos nem lances.

Entretanto, decorreram cinco dias. Iam em direção ao segundo braço do rio.

Transpuzeram-no.

Depois, encontraram alguns negros, ao fim dum dia de penosa marcha.

Os cafres encaminharam-nos para o mar.

IX

A derradeira miseria

Noite cerrada, vendo nas aguas duas grandes almadias, dellas fizeram acampamento onde passaram toda aquella noite.

Despertaram do sôno, cruciados pela sêde.

Procuraram colher a agua do rio.

Era salgada.

Lembraram-se então dum manancial que lhes ficava para traz, mas já muito longe.

Sepulveda teve de oferecer 100 cruzados por cada caldeirão d'agua a quem a fosse buscar.

Mas o Capitão, provendo ainda a tudo, fazia-o cada vês com menos acerto.

Já na passagem do rio, tivera acessos de cólera estranha, sem nenhum motivo.

Agora tresvariava frequentemente, embora com largos momentos de boa lucidês.

Todos notavam a progressiva demencia de Sepulveda. Alguns lamentavam-na em voz baixa.

Mas, heroicamente dignos, concordavam sempre em que era melhor obedecerem a um Capitão desvairado do que correrem o risco de chegar outro que não tivesse os meritos de valor e justiça que aquelle tinha.

Obedecer-lhe-iam até á morte, porque assim obedeciam aos regimentos do Reino.

E dissimulavam a impressão dos constantes desatinos de Sepulveda.

Rompeu, entretanto, a manhã.

Quedaram-se numa especie de torpor todo o dia.

Perto da noite, viram singrar tres almadias cheias de cafres.

Acenaram-lhes.

Sepulveda pensou em aproveitar as almadias, e mandou-lhes perguntar se os queriam conduzir para o outro lado do rio.

Responderam que só ao outro dia o fariam, se lhes pagassem, porque o bom Cafre não faz nenhum trabalho de noite.

Quando raiou a alvorada, os cafres vieram realmente com quatro almadias, fazendo alegremente o transporte a troco dalguns prégos.

Sepulveda na travessia mostrava-se evidentemente esgotado por tantos trabalhos e angustias.

Ia de semblante pesado e hostil.

Olhava para os remadores da sua almadia com olhos em fogo.

De subito, passou-lhe pela mente uma traição.

E o cerebro, alvoroçado pela loucura que o ia matando, deu-lhe terriveis e inesperadas energias.

Sem uma palavra preliminar, arrancou Sepulveda da espada, e caiu sobre os remadores cafres.

Entretanto, clamava-lhes, de cabêlos em pé, excessivo de ira:

— Perros, aonde me levais?

O impeto furioso de Sepulveda enchou de panico os negros que, não querendo sofrer os golpes daquella espada, se lançaram ao mar, a nado.

— Que é isso, Manuel de Sousa? acudiu Leonor, aflita: é esse o vosso siso e prudencia?

Sepulveda ouviu isto com ar de espanto, embainhou lentamente a espada, e sentou-se confundido.

Vieram os remadores, pouco depois, e a almadia seguiu sem incidente.

Desembarcaram da outra banda, passados minutos.

Sepulveda cambaleava.

—Que tendes? perguntou-lhe, anciada, a esposa, acarinhando-o.

—Sofro muito da cabeça — gemeu elle, de mãos convulsas nas temporas.

Correu Leonor a cingir-lhe a cabeça fortemente com uma toalha de linho molhado.

O capitão declarou, pouco depois, que estava melhor, mas o seu sorriso era tão funebre como o olhar.

Formaram logo todos para marcharem.

Começaram a nova jornada.

Mas, d'improviso, surdiu um bando de cafres.

Sepulveda dispôs logo tudo febrilmente para um combate.

—Vêm a roubar-nos! bradava elle.

Obedeceram-lhe todos, preparando as armas.

Porém os cafres não arremeteram.

Aproximando-se, um delles perguntou:

—Quem sois?

— Cristãos — respondeu o cafre, que ia com os naufragos.

—Como vos achais aqui?

—Fomos a pique numa nau que de todo se perdeu.

—Que buscais nestes sitios?

—Caminho para um rio grande que está adiante.

E os Portuguêses acrescentaram por meio duma negra de Sofala, mulher que ainda melhor os entendia:

—Rogamos nos indiqueis o caminho e, se tendes mantimentos, que no-los vendais, porque vo-los pagaremos bem.

Replicou o cafre:

—Se quereis mantimentos, vinde ao nosso rei, que vos hade dar bom agazalho.

Os Portuguêses olharam todos para Sepulveda.

Não dizia palavra.

Eram já então só cento e vinte pessoas. Tinham andado, desde que a nau se afundára, mais de trezentas leguas. Já não tinham noção do tempo gasto na vinda. Sofriam horrivelmente a fóme e a sêde.

Não sabiam como orientar-se.

A fadiga era ainda mais moral do que fisica, implacavelmente progressiva.

Propuzeram a Sepulveda seguir os cafres.

Concordou logo.

Seguiram então os negros, vigiando bem as orlas dos caminhos.

Sepulveda olhava tambem á roda, d'olhar brilhante, mas, pouco depois, pendeu a cabeça e seguiu sem uma palavra e sem um gesto.

Avistaram emfim, a uma légoa, o logar onde vivia o rei daquella tribu.

Nisto os cafres estacaram.

— Porque será? perguntou Sepulveda com a voz tão amortecida como o olhar.

A negra de Sofala respondeu:

— Senhor, elles dizem que não devemos entrar nos seus logares que escondem sempre muito de todos os estranhos.

— Mas quem nos dará de comer e de beber? —inquiriu nervosamente Pantaleão de Sá.

— Aqui no-lo virão trazer, senhor, — explicou ainda a negra.

Estavam junto dumas arvores grandes e lá se conservaram á espera, abrigados á sua sombra.

Os viveres não tardaram.

Vinham vindo a troco de pregos, e cinco dias se alimentaram todos assim.

Os cafres iam conversar todos os dias com os nossos.

—Podeis esperar aí—diziam—pelo navio da India.

Mas Sepulveda achou mesquinho o conforto das arvores e mandou pedir ao régulo uma casa para elle, para Leonor e para os filhos.

Os cafres responderam que lhes seria concedida.

Comtudo, acrescentaram com disfarçada malicia:

—Mas não pódem aí ficar todos, porque não temos mantimentos em terra para tanta gente. Melhor é vir o capitão com a mulher, os filhos e alguns homens e repartirem-se os outros por varios logares. E então ninguem terá falta de mantimentos até chegar o navio da India.

Sepulveda e os seus confiaram nos cafres.

Não sabiam os nossos o pavor que causavam áquelles negros as espingardas.

Cinco dessas armas apenas levavam os naufragos, mas a ellas deviam a mansidão do inimigo, pois não havia outra razão de medo a cento e vinte famintos.

O rei cafre, vendo os desgraçados d'acordo com a sua vontade, mandou-lhes dizer então que deviam de deixar as espingardas para socego do seu povo, que tremeria só de vê-las e que ellas seriam guardadas para lhes serem entregues, logo que chegasse o navio da India.

Nem isto indicou a Sepulveda o bom uso a fazer do prestigio daquellas armas,

O capitão pediu tempo para ouvir devagar os seus.

Mas a demencia mais estranha falou pela sua boca amargurada.

Sepulveda, de olhos cada vez mais vagos, disse então aos companheiros, que dali não queria passar, pois sabia, pelo piloto, estarem no rio de Lourenço Marques onde, por qualquer modo, havia de achar navio.

Que, se alguem quizesse proseguir, o fizesse. Elle ficava com a mulher e os filhos, porque os via exaustos, e já não tinha escravos bastantes para o ajudarem na jornada.

Sepulveda disse isto com obstinação enfermiça e rematou:

—Aqui morrerei com os meus, se Deus assim fôr servído. Aos que seguirem, peço que procurem nau portuguêsa e lhe contem o nosso estado, mandando-nos noticias depois. Mas, para os cafres não julgarem que somos ladrões, é mister entregar as armas, até porque só assim mataremos a fóme.

Concordaram nisto alguns, mas discordaram no intimo outros.

Entre elles, Leonor de Sá, que foi quem em altas vozes o manifestou.

— Mas, senhor, disse ella, pensais bem no que fazeis?

—Não ouvistes o que eu disse? replicou Sepulveda, de má sombra.

— Ouvi, mas pensareis melhor — volveu ella com coragem.

—Calai-vos, senhora, que não ha remedio senão entregar as armas — retorquiu elle com severidade.

Leonor, muito livida, olhou ao redor de si com angustia, a procurar um apoio.

Todos tinham curvado as cabeças devastadas.

Os cafres esperavam a resposta.

Sepulveda fês um sinal bruscamente imperioso.

As armas passaram para as mãos dos negros.

A isto, a infeliz senhora ergueu as mãos aos céos, e exclamou, coberta de lágrimas:

—Entregais as armas, senhor Manuel de Sousa? Pois agora me dou por perdida com toda esta gente.

Sepulveda sorriu com ironia pungente e não replicou.

Tinham desaparecido os cafres com as armas, rapidamente.

D'aí a pouco, vieram em chusma.

Formaram bandos, levando cada um comsigo um punhado de Portuguêses.

Era a distribuição dos nossos pelos logares daquelle reino.

Manuel de Sousa, Leonor, os filhos, e vinte homens, com André Vaz, o piloto, ficaram junto do régulo, porque levavam muitas joias e dinheiro.

Os outros sofreram então todas as atrocidades, ao seguirem para os logares que lhes destinaram.

Levavam-nos pelos matos, roubavam-nos, despiam-nos e conduziam-nos assim ás aldeias para irrisão de todos, mas expulsando-os logo dellas com brutalidade.

Depois, corriam a persegui-los, dando-lhes caça como a féras, crivando-os de injurias e feridas, torturando-os e, por fim, matando até alguns.

Mas quási todos lograram reunir-se mais, tarde, embora para se perderem uns dos outros dias depois. Entre elles estava Pantaleão de Sá.

Mas Sepulveda e os seus, tendo o agazalho do regulo, não tiverem muito melhor destino.

Receberam-nos com grandes gritas e tregeitos, agressivamente.

Pouco depois, caíam sobre elles e roubavam-lhe tudo com violencia.

Mas o regulo conteve os seus por milagrosa piedade. E, voltando-se para Sepulveda, declarou que nenhum mal mais lhe seria feito, pois nem sequer os despiam, e que fôsse á procura dos outros.

Os desgraçados sofreram o golpe com uma resignação fúnebre.

Leonor de Sá não verteu uma lágrima.

A demencia do esposo parecia estimulár-lhe toda a coragem.

Retiraram todos sem uma palavra.

Longe do logar, pararam a combinar o que fariam.

Sepulveda já não tinha ideias. Os restantes pouco mais valiam.

Só André Vaz e o Contra-mestre alvitravam com algum senso, e nelles confiava tudo Leonor de Sá.

Resolveu-se procurar os companheiros.

E proseguíram.

Leonor, descalça, de pés ensanguentados, debil e abatida, forcejava por sorrir.

Acompanhavam-na dedicadamente duas portuguêsas e algumas escravas, ajudando-a a levar os filhos.

Encontraram vestigios da jornada dos outros naufragos.

Seguiram-nos com anciedade durante dois dias por entre matos agrestes.

Mas, de subito, os cafres ruiram sobre elles.

E acometeram-nos ferozmente, despindo-os a todos com brutalidade.

Mas com Leonor a violencia foi mais dificil.

A corajosa filha de Garcia de Sá repeliu-os ás punhadas e ás bofetadas, clamando preferir a morte a ver-se nua diante de todos.

Encarniçaram-se contra ella os cafres, e Leonor defendeu-se ainda com heroismo.

Era épico. Uma mulher exausta, só por ser fortificada pelo pudor, continha uma horda inteira de selvagens.

Os cafres não recuavam. Leonor não cedia.

Então Sepulveda pediu-lhe, a chorar, que se deixasse despir.

E, na sua demencia, tinha muitas palavras persuasivas:

— Todos nascemos nús. Deus assim permite. Desobedeceis a Deus?

E tornava:

— E os filhos? E os filhos? Não pódem matá-los por furia?

Choravam, nisto, as duas crianças, diante delles, cheias de fóme e pavor, esqueleticas, de mãos estorcidas.

A pobre senhora escondeu o rosto, murmurou uma oração e deixou-se despir, finalmente.

Depois, alucinada de vergonha, deitou-se ao chão e cobriu-se com os longos e esplendidos cabelos, fazendo na áreia uma cova onde se meteu até á cintura.

Cobriu-a Manuel de Souza com uma velha manta, já muito rota.

Leonor, porém, permaneceu na cova, chorando sempre, emquanto os companheiros, que se tinham afastado com respeito ao verem Sepulveda e a esposa despidos, perguntavam com angustia qual seria agora o seu destino.

Entretanto, os cafres tinham desaparecido victoriosos com os despojos.

X

O primeiro túmulo

MANUEL DE SOUSA perdêra de todo a áção e como que o sentimento.

Era avaro de palavras e de lágrimas.

Por ultimo, até de gestos.

Não caminhava: arrastava-se.

Sempre, comtudo, de ouvido atento, como quem espera um anjo ou um demonio, a vida ou a morte.

Mas, nada vendo de anormal, parecia resignado e plácido.

Aproximava-se da mulher e dos filhos com ólhos humidos, beijava-os, e nada dizia.

Depois, afastava-se, murmurando:

— Aquelle crime de Diu!... Nosso Senhor me perdôe!...

E tornava a apurar o ouvido, como se devesse chegar um fantasma com o seu perdão nos dedos transparentes.

Leonor, metida na cova de areia, meditava sempre, mas o seu olhar denunciava uma grande lucidês de espirito.

Emfim, um dia chamou André Vaz, que cambaleava de fóme e sêde.

O Piloto aproximou-se com respeito, d'olhos baixos, convulso das febres que padecia.

Leonor sorriu-lhe com serenidade e disse-lhe em tom firme e resoluto:

—André Vaz, bem vêdes como estamos e que já não podemos passar d'aqui. Aqui havemos de acabar por nossos pecados.

O Piloto bebeu duas grossas lágrimas, e pretendeu responder.

Mas a heroica senhora atalhava já:

—Ide-vos, fazei por vos salvar, e encomendai-nos a Deus. Se fôrdes á India e a Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manuel de Sousa, a mim e aos filhos.

—Senhora—redarguiu então André Vaz—o nosso dever...

—O vosso dever, cortou ella com veemência, é deixardes morrer quem assim tem de sofrer a morte, e procurardes vós a vida.

—Sim, é o vosso dever—disse, do lado, o Sepulveda como um éco tragico.

—Mas, Capitão, nós ainda temos forças, e devemos gastá-las em vosso serviço—opôs André Vaz.

—Não me enfureçais! gritou apenas Sepulveda com os ólhos fóra das orbitas.

E, acalmando-se lugubremente, acrescentou em tom suplicante:

—Aquelle crime de Diu!..., Deus me perdôe!...

—Vêdes—tornou Leonor—que tudo está perdido para nós. Se ficardes, peor será, pois morreremos com o remorso de termos sido a vossa desgraça. Ide-vos, ide-vos, que é a melhor amizade que podeis dar-nos.

E, vendo que os homens de André Vaz choravam, mais lividos de dôr do que ainda de fóme, acrescentou:

—Talvês Deus vos encaminhe para um navio de Portugal e possam vir para dar-nos, ao menos, sepultura cristã.

Leonor dizia isto sem lágrimas, com simplicidade e verdade.

André Vaz sentiu-se subjugado.

Todos os companheiros sentiram o mesmo imperio nos animos.

Como podiam remediar a miseria e penuria daquelles desgraçados?

Eram bôcas demais a devorarem pão, braços demais a pedirem sangue.

Talvês sósinhos lhes fôsse mais possivel resistirem com algumas frutas do mato proximo, escasso para tanta gente.

E não poderiam, realmente, encontrar um socorro e trazer-lh'o?

Ali eram inuteis.

Não serviam senão de aumento de privações.

André Vaz pensou e sentiu isto com todos os seus.

Juntaram-se, de cabeças pendidas.

Olharam desvairadamente para os matos. Ao longe, uma linha d'árvores vestia uma garganta de serra. Seria o caminho.

Sem voltarem a cabeça, caminharam logo. Choravam e não diziam palavra.

De repente, como atacados de loucura subita, correram em tropel e sumiram-se numa brenha áspera.

Leonor, ao vê-los partir, suspirou aliviada.

Estava, pois, só com os seus e com algumas escravas.

Mas, atentando melhor, viu entre ellas um homem, sereno, firme como o dever supremo.

—Pois quê? começou com um espanto, que parecia cólera,

Mas o homem, que fôra Contra-Mestre do galeão, correu para ella, dizendo de mãos erguidas:

—Calai-vos por Deus, senhora, para que o capitão se não enfureça!

E, sem a deixar redarguir, continuou:

—Podeis mandar-me seguir os outros para que não morra comvosco e com Manuel de Souza, que eu obedecerei, mas não me livrareis da morte, pois a tomarei por minhas mãos, se a isso me obrigardes!

—Senhor Duarte Fernandes, volveu ella com tristeza, perdestes, pois, o siso?

—Não, senhora, apenas perdi de todo o mêdo á morte depois de a vêr perto tantas vezes...

—De que vos vale morrerdes de fóme? tornou Leonor.

—Só Deus sabe do que morreremos.

—Ficae—disse ella apenas.

Duarte Fernandes sorriu, curvou a cabeça e aproximou-se de Sepulveda.

O capitão olhou fixamente para elle, e disse-lhe em voz cavernosa:

—Sabeis que temos fome?

O contra-mestre suspirou, olhou á roda alguns momentos e dirigiu-se ao mato.

Ia buscar frutos.

O jubilo da abnegação dava-lhe forças hercúleas.

Caminhou durante horas.

Depois, viu arvores carregadas de frutos.

Trepou a uma dellas, e começou a colheita.

Numa das pernadas olhou para baixo.

A arvore, colossal, de raizes emaranhadas e sólidas, estava na orla dum grande barranco que, da verêda, se não descortinava, por causa dum capim alto, ondulado como o oceano.

Duarte Fernandes viu um grande abismo.

As pedras faiscavam lá ao fundo, feridas pelo sol em braza.

Tinha a cabeça esvaida com a fome e com e a angustia.

Sentiu um zumbido cruel nos ouvidos.

Passou-lhe pelos olhos uma nuvem negra.

Perdeu as forças, despegaram-se-lhe as mãos do tronco, conheceu que desabava sobre a penedia.

Soltou um grito, ergueu ainda os braços, mas, dando duas voltas sobre si mesmo, foi bater em cheio nas fragas lampejantes do abismo.

Não se moveu mais. Muitos rios de sangue lhe fluiram da cabeça esmagada sobre o fraguêdo que scintilava ao sol.

Anoiteceu.

Sepulveda e os seus não podiam com a fóme.

—Duarte Fernandes—murmurava o capitão, em quem o sentimento da luta pela existencia não se obliterava por fortuna.

E Leonor, compreendendo-o, dizia:

—Talvês morto. Talvês perdido. Talvês com novas ideias, procure os outros.

E calava se, muito livida.

Ia a manhã alta, e ninguem tinha comido.

Leonor emagrecêra horrivelmente.

As crianças choravam de fóme e fébre.

Sepulveda olhou em dirêção ao mato e disse simplesmente:

—Vou buscar frutas.

Ninguem lhe fês um reparo.

Seguiu, a coxear duma ferida que recebera dos cafres.

Caminhou algum tempo.

Por fortuna, encontrou frutas e colheu-as.

Depois, coxeando mais, desceu a serra.

O sol inclinava-se para o poente.

Sepulveda contemplou-o com estranha atenção, como se soubesse ler nos astros.

Depois, fês um gesto de indiferença e continuou o caminho.

Um pedregulho o fês vacilar.

Mas não caiu.

Equilibrara-se por fortuna que, a não ser assim, facil lhe era ter caido no barranco, pois o costeava sem dar por isso.

Avistando o seu pobre acampamento, estugou mais o passo.

Mas, nisto, ouviu um sussurro vago.

Trazia o ouvido muito fino, educado pela solidão.

Escutou.

O sussurro lembrava um estertor.

Não era água, nem folhagem onde serpeasse um reptil.

Que seria?

E parou um pouco.

O sussurro, nisto, deixou de ouvir-se.

Tornou a caminhar, e tornou a ouvi-lo.

Pálido de desespero, parou ainda.

Quem estaria para ali a agonisar?

Mas o sussurro, sempre que parasse, decrescia pouco a pouco, e extinguia-se.

De repente, soltou uma risada alvar.

Que efeitos os da fóme! O que sussurrava assim era o seu proprio peito, cançado das marchas.

Era elle, pois, o agonisante!

E, irresistivelmente empolgado pelo remorso, murmurou logo:

—Aquelle crime de Diu!... Deus me perdôe!

Mas ouviu chorar um filho.

A sua voz aguda e febril cortou-lhe o coração.

Desceu á pressa.

Leonor tinha-o ao peito e beijava-o.

Que poderia ella dar-lhe mais do que beijos e lagrimas?

—Frutas, gritou elle, convulso, correndo a coxear sempre.

—Ah! Manuel de Sousa, gemeu ella, cadaverica, o menino morre...

—Não, não! uivou Sepulveda. aproximando-se com as frutas.

As escravas choravam. A criança comeu um fruto e pareceu reanimada.

—Vêdes; gritava elle, com os ólhos esgazeados.

E teimava com o filhinho:

—Mais! mais!

Mas a creança não comeu mais nada e cerrou os olhos, cheia de febre.

—Vai dormir! disse o Sepulveda com ar de triunfo.

—E acordará? perguntou Leonor, coberta de lagrimas.

Sepulveda não respondeu. Ouvia o mesmo sussurro que o surpreendera no caminho, e já se não lembrava de que o tinha dentro de si.

Curvou-se para a creança.

Parecia respirar socegadamente.

Apezar disso, perguntou com olhar desvairado:

—Estará morta?

—Dorme, senhor—disse uma escrava.

—Dorme! repetiu elle, deixando-se cair no chão, onde ficou sentado a descançar.

E poz-se a comer automaticamente.

Veio a noite.

Dormiu um pouco.

Depois, levantou-se da sombra da arvore onde se abrigava e pôz-se a passear, como numa sala, sobre a areia.

Viam dali o mar. Fitou-o das trevas, por muito tempo.
Em seguida, foi ver Leonor e os filhos. Dormiam.
Então seguiu devagar para o mato, para onde subiu, monologando.
Rugiam féras perto.
Sepulveda sorria, como se lhe falassem antigos companheiros da India.
E rompeu-lhe a aurora no caminho.
Apenas o dia despertou, subiu ás arvores, colheu frutas, e desceu de novo ao acampamento.
Perdido algum tempo nas veredas, achou o caminho ao sol-pôr.
Quando chegou ao pé dos seus, era noite fechada.
Mas ouviu soluços e gritos, e correu logo.
Leonor chorava com o filhinho nos braços e as escravas, transidas, soluçavam com angustia infinita.
Sepulveda aproximou-se, tomou o corpinho da creança, e sentiu-o gelado.
Depois, bafejou-o com ancia, e escutou-lhe o peito.
Tomou-a nos braços, encostou-o ao coração, e chamou-a pelo nome.
A creança, hirta e fria, não dava acôrdo de si.
Estava morta.
Sepulveda devorou duas lagrimas, e rezou baixinho.
Depois, abaixou-se, pôz o cadaver sobre a areia, e abriu uma cova.
Os gemidos da mãe e das escravas feriam como punhaes.
Sepulveda, branco de cêra, tomou o filho morto. beijou-o, pô-lo no fundo da cova e cobriu-o de areia.
Em seguida, olhou para o menino que ficava e

que chorava de horror e febre, e murmurou com voz profunda:

—Aquelle crime de Diu!... Deus me perdôe!...

E, d'olhar funebremente desvairado, seguiu de novo para o mato, a colher frutas, indiferente á noite, aos uivos das féras, quasi aos uivos do proprio coração.

Ninguem o deteve.

E continuou resoando nas trevas um chôro, lancinante como uma ladainha.

XI

Morte redentora

LEONOR, cada vês mais debil e enferma, apegou-se ao outro filho, como uma veia exausta á sua ultima gôta de sangue.

Não dormia, nem comia.

Viu que Sepulveda se dirigia ao mato, e não lhe disse uma palavra.

O seu sustento e descanço eram as lágrimas, o seu pensamento fixo era a carne da sua carne que via mirrada pela morte, que ainda queria salvar com um milagre.

E colheu o filho vivo com uma paixão tão ardente, que a criança sentiu um arremêdo de saúde nas veias escaldadas.

Mas a febre consuntiva era implacavel.

O menino definhava como o outro, de instante para instante, ferido no peito, já descarnado pela morte.

Não podia engulir. Tinham-lhe inchado os ólhos, os labios e os membros.

Ardia tanto em febre, que se notava a distancia do que sofria.

Mal falava.

A respiração, sibilante e oprimida, era propria dos estertores.

A's vêses, levantava os ólhos para a mãe e sorria com tristeza, mas logo os fechava, pungido pelo ar, como se este fôra d'aço penetrante.

Enclavinhara as mãosinhas numa das mãos della e gemia com alento debil e angustiado.

Por fim, amodorrára.

E isto caminhava depressa.

Viera a crise ao meio da noite, quando Sepulveda já ia longe.

Depois, a agonia começava de subito, como se o irmão chamasse por elle com ancia.

E vomitára os poucos alimentos que tinha tomado.

E a febre, de que todos sofriam, subira nelle a um auge terrivel.

Leonor compreendeu.

Deus queria mandar os filhos diante della, porque ninguem melhor do que os anjos para abrir o caminho do céo.

O filho que lhe restava ia morrer.

Não havia ali medicinas, nem panaceias, se não havia pão nem água.

Era justo.

O castigo tinha de ser completo, e só Deus poderia detê-lo, dando-lhe um clarão de clemencia.

E não era assim? Morrerem os filhos antes della não era tornar a sua morte mais calma? Porque Leonor tambem se conhecia quási moribunda.

Porque chorára mais? De tanto chorar perdêra as forças, porque as lágrimas assim ainda esgotavam mais do que a fóme.

Não, lágrimas, não, para que não morrêsse ella antes do pequenino moribundo.

E encheu-se de coragem.

Apertou o filho contra o seio dolorido.

Curvou sobre elle a cabeça esvaída e colou-lhe os labios na fronte alagada em suór de gêlo.

Era o que podia fazer.

Entretanto, rezava e pedia perdão a Deus.

Perdão pela sua antiga soberba.

Perdão pela sua vontade altiva.

Perdão pela deshonra com que afligira o pai.

E, nisto, julgou ver D. Garcia de Sá, de barbas nevadas, a dar-lhe a mão de espétro.

Donde vinha elle?

Das brenhas? das ondas? das estrêlas?

Talvês viesse de dentro della propria.

E o antigo Governador da India dava-lhe a mão para salvar um abismo: dum lado a Terra, do outro o Céo, e ao meio um sertão orvalhado pelas lágrimas e suóres duma trágica penitencia.

Sorria com jubilo o espetro.

Nunca lhe aparecêra.

Como vinha agora, no momento de mais dôr, tão cheio de alegria?

Vinha perdoar-lhe?

Vinha perdoar-lhe e acompanhá-la á felicidade de sempre.

Aonde estava sua mãe, aonde vivia o filhinho, que tinha sepultado no areal, aos seus pés.

Vinha dar-lhe força e fé deante do ultimo cálice da amargura, ungi-la da esperança maior, fortificá-la na caridade suprema.

A melhor caridade é a que nos dedica a uma ideia, sem sofrimento pelos maiores males do corpo. Quem assim é, tem a caridade maior, abnega-se por tudo e por todos, porque compreende sublimemente Deus.

A sua abnegação tinha a grande prova: esquecer a fóme, a febre, o amor do marido, as saudades da Pátria, a vida, o gozo, a tranquilidade terrena, para ajudar a morrer, embalado em beijos, o filho que lhe restava, e esperar depois a morte sem um

desespero, como quem, se vivesse, havia de ter coragem para esquecer o que agora esquecia, no bem dos outros, em nome de Deus.

Leonor sentiu isto, vagamente que fôsse, e tudo que a pungia lhe pareceu menor.

A visão de seu pai diluiu-se, e continuou a rezar, de labios postos na cabeça exangue do filho.

A criança começou a ter convulsões e agarrou-se febrilmente á mãe.

Leonor repetiu os beijos e as preces.

De subito, o filhinho esgazeou os ólhos mortiços.

Ella fitou-o, a sorrir, como se lhe quizesse illuminar o curto caminho que levaria aquelle anjo ao Céo.

—Mãe... disse a criança, nisto.

E sorriu com angustia, espumou de leve e imobilisou-se.

Leonor, de respiração contida, beijou-o e notou que a fronte da criança parecia de mármore.

Chamou uma escrava.

Tocaram o misero corpinho, escutaram-no no peito, fitaram-no nos ólhos espavoridos.

A criança não tinha vida nem movimento.

Parára de todo o coração.

Os labios estavam brancos e gretados.

Os ólhos, donde escorriam lágrimas, tinham a fixidês de duas pérolas enormes, embaciadas.

Inteiriçára-se, parecia de pedra, mostrava estranhos e subitos livores junto dos ólhos e aos cantos dos labios.

Leonor não duvidou mais. O seu unico filho morrêra.

Não pôde conter as lágrimas, chorou-o entre beijos febris e, de repente, perdeu os sentidos.

Acorreram as escravas.

A mãe e o filho pareciam formar um só corpo.

Tomaram-nos piedosamente nos braços.

Deitaram-nos na areia, cercando-os com angustia.

Leonor respirava.

Volvida uma hora, abriu os ólhos, mas não pôde erguer a cabeça.

Abriu os labios, e não pôde falar.

Uma espuma de sangue lhe viera á bôca e descia do queixo descarnado sobre o cólo de neve, ossudo, de carnes mirradas.

Chegaram-lhe água.

Bebeu com dificuldade e cerrou os ólhos.

Depois, abriu-os muito e sorriu.

O sorriso era para as escravas e para Deus, para o infimo e para o Máximo, para a miseria e para a onipotencia, decerto.

Mas aquelles lindos ólhos foram-se envidraçando.

O rosto fês-se verde-escuro, como se reflétisse o mar lonqinquo.

Crispou as mãos na areia á procura do filho.

Levaram-lh'o diante dos ólhos desvairados.

Sorriu de novo.

Depois, exanime, fês um gesto, moveu os labios, abriu o olhar com grande aflição e deixou rolar a cabeça sobre a espadua.

As escravas desfaziam-se em lágrimas já.

Ao verem-na morta, uivaram como feras.

O sol dardejava sobre os dois cadáveres.

Não se ouvia mais que o chôro de todas e alguma ave altiva que cortava o céo a caminho do mato.

Naquella dôr se imobilisaram as escravas, gemendo e clamando, sem forças para darem um passo.

Donde a onde, uma ia palpar o corpo escultural de Leonor.

Estava inerte e frio. Continuava a sorrir, e d'ólhos pavorosos.

Cerraram-lh'os, beijando-os.

Mas os beijos não a resuscitaram.

E as horas voaram.

O sol inclinou-se, encheu os cadáveres de mais luz em braza e procurou o poente.

Poisou numa brenha e pareceu esconder-se um pouco nella.

As escravas olhavam á roda com espanto e choravam sempre.

Então, sentiram passos.

Seriam cafres?

Seria Sepulveda?

Era-lhes tudo indiferente. A dôr tem uma medida inultrapassavel. O que vem a mais não punge.

Era Manuel de Sousa. Trazia frutas.

Desceu a serra, aproximou-se, olhou e compreendeu tudo.

Afastou as escravas, viu a mulher e o filho sem vida, mas não reparou muito na creança.

Toda a atenção concentrou no corpo de Leonor.

Foi escutá-lo e tocá-lo.

Depois, quiz que as escravas se afastassem ainda mais.

E, quando as viu ao largo, sentou-se ao pé de Leonor.

Encostou o rosto á mão direita e esteve imóvel meia hora sem uma palavra e sem uma lágrima, sem o beijo derradeiro.

Devorava com os ólhos aquella carne inaminada e nem um olhar volvia ao filhinho que jazia ao lado, tão mirrado que parecia ter vindo já dum tumulo.

Decorrida meia hora, levantou-se lentamente.

Fês um signal brusco ás escravas.

Escavaram uma grande cova.

Sepulveda contemplou ainda Leonor, com ólhos enxutos e ardentes.

Depois, tomou-a nos braços, áproximando da face della a sua, depô-la no fundo da cova, e ficou-se a vê-la por instantes, a alvejar sinistramente lá no fundo.

Mas, sempre mudo e de ólhos duros e fixos, foi buscar o filho, deitou-o ao lado da mãe, contemplou mais uma vês o corpo della, principalmente no peito que lhe parecía queimado pela dôr, e começou a cobrir de areia os cadaveres.

Gritavam muito as escravas, e elle nem as continha nem as imitava.

Não as ouvia talvês.

Cerrada a cova, olhou para ellas com ar de espanto, mas sem falar.

Depois, correu a vista pelo mar distante.

Depois, fês um gesto vago e rápido e, sem olhar para ninguem, seguiu a caminho do mato.

Andou muito.

Via frutas e não as colhia.

Caminhava sem chorar nem parar.

Atravessou uma serra.

Desceu-a.

Anoiteceu. Tinha diante de si uma floresta gigante.

Rugia perto uma catadupa.

Nunca vira aquella região, e nem atentava nisso.

Continuou a caminhar.

Teve de seguir pelo meio da floresta.

A escuridão era profunda.

Feria-se nos pés e no rosto em espinhos cruentos.

Nada sentia.

Deu alguns passos para uma brenha. Repeliu-o a rudeza duns troncos.

Parou.

E então pensou em orientar-se.

Mas, rodeado de trevas, sentou-se no capim e no pedregulho.

A isto, sentiu fóme e logo uma debilidade cruciante.

Sorriu de novo e imobilisou-se.

Julgou que ia dormir.

Mas os rugidos dos leões chegavam-lhe aos ouvidos.

O tigre uivava sinistramente não longe.

Por vêses, conheceu o deslisar pavoroso das serpentes.

Dormir com pavor e fóme era impossivel, mas caminhar ainda o era mais.

Manuel de Sousa Sepulveda, teve então um rapido momento de lucidês.

Viu-se em Evora, amado e voluvel. Viu-se em Lisboa, adorado e insensivel. Viu-se em Gôa, glorioso e lascivo. Viu-se emfim senhor da mais linda e mais digna mulher que tinha conhecido.

E viu-se ali, nú, sem forças, sem ninguem, peor do que o mais infeliz dos degredados.

Viuvo, sem filhos, sem saúde, sem salvação, e até sem paz intima.

E murmurou com angustia:

—Aquelle crime de Diu!... Deus me perdôe!

Que mais devia sofrer?

Que lhe restava?

Só a morte?

E bastaria ella?

Remiria assim todo o passado?

Era bastante perder riquezas, honras, perder numa miseria cruel a mulher tão bela e bem educada, numa palavra, perder os filhos, perder o acôrdo de si proprio com a saúde, a alegria, a vida?

Era bastante?

Quem perguntava isto dentro delle? A consciencia?

Não teve tempo de descair na loucura.

Nos ultimos instantes da sua lucidês, sentiu rugir perto e estremeceu.

Depois, julgou que via um vulto negro e disforme com dois ólhos colossaes e ferozes.

E o vulto pareceu deter-se nas trevas, respirando com ancia.

Sepulveda fitava-o com uma curiosidade estranha.

Não esperava assim o seu algôs.

Achava-o bello demais, apezar de negro, para as trevas que expiava.

Cruzou os braços.

Esperou.

O coração pulsava-lhe sem grandes ancias.

A fóme tornava-o inérte: a consciencia obrigava-o a ser heroico.

De repente, o vulto veio sobre elle numa rajáda.

Sentiu no pescoço como que laminas agudas, e o rosto ficou-lhe em braza como o halito que lhe bafejou a face inteira.

Sentiu que os olhos lhe saíam fóra das orbitas e que a vida fugia nas ondas do sangue que lhe bebiam.

Sepulveda escabujou um pouco e como que julgando vêr na fera o olhar justiceiro e amigo de Fr. Manuel da Salvação, expirou, murmurando:

— Obrigado!

O leão, entretanto, cevava-se na sua carne tranquilamente.

Eram volvidos seis mezes depois do naufragio do galeão.

XII

A tragedia dentro da epopeia

A 26 de Março de 1553, o anno seguinte ao da morte de Sepulveda, corria toda a Lisboa ao Restêlo a vêr partir mais uma frota para a India.

Commandava-a, como capitão-mór, Fernão Alvares Cabral.

A frota, que deveria constar de cinco caravelas, teve de partir com quatro, porque a nau Santo Antonio ardêra em pleno Tejo, ao carregar.

A nau capitaina era a S. Bento.

Além de Alvares Cabral, levava a frota capitães experimentados: Belchior de Sousa Lobo, D. Paio de Noronha e Rui Pereira da Camara.

Era Domingo de Ramos. O tempo esplendido. Sereno o mar como poucas vezes.

Despediu-se a capital da pequena esquadra com o costumado estridor e ella foi cortando o Tejo com delicia, como se as aguas fôssem estrelas tranquilas, tanto pareciam feitas de luz e serenidade no seu rolar indolente.

Desapareceu a figura magestosa de Lisboa.

A agua encapelou-se um pouco, como uma saudade vaga e infinita. Depois aplanou-se de novo.

Mas os marinheiros, da nau S. Bento, sempre á cata de aventuras, iam alegres e cantantes.

A India!

Não era o oiro e a felicidade? Se era tambem o perigo, não erá a gloria?

Comtudo, um homem de estatura mediana, ruivo, com um olho cégo e face oblonga, bastante pálida, teimava em olhar para os lados de Lisboa e afastava-se dos companheiros de viagem.

Vertia lágrimas furtivas. A espaços, parecia rezar.

Porém, quem o escutasse, ouvir-lhe-ia versos, porque este viajante era poeta.

O triste homem ruivo dizia com acento maguado:

Eu, trazendo lembranças por antolhos
Trazia os olhos na agua socegada,
E a agoa sem socego nos meus olhos...

Entretanto, alguns companheiros contemplavam-no com certa ironia.

—Que terá elle, sempre tão volteiro? disse um.

—Decerto saudades da cadeia, donde saiu ha 15 dias—zombeteou outro.

—Ou amores desgraçados...

—Ou sandices peores...

O homem triste, que teria de trinta a quarenta annos, não dava conta daquelles sarcasmos, e murmurava, cheio de fervor:

Aquella triste e lêda madrugada,
Cheia toda de magua e piedade,
Emquanto houver no mundo saudade,
Quero que seja sempre celebrada...

Manhã de embarque, linda e triste, em que se deixa a amada por longo tempo, á procura do Desconhecido? Assim parecia a de que falava, de tanto que o poeta já a ia cantando com amargura.

Mas, nisto, deu pela alegria de todos e notou que o estranhavam.

O homem ruivo, vendo isto, sorriu a alguns amigos, mas, antes de se dirigir a elles, murmurou ainda:

Com o gesto imóto e descontente;
C'um suspiro profundo e mal ouvido
Por não mostrar meu mal a toda a gente.

E foi ter com dois moços, mais escarninhos, já de fronte levemente desanuviada.

—Já vindes melhor assombrado—gritaram-lhe.

—Sabeis como sou merencóreo?

—Vós?

E grande gargalhada estoirou de chofre.

—Não riais tanto—disse o homem triste, fincando-se nervosamente na amurada.

—Porquê? Deixais manceba?

O homem triste empalideceu e não replicou.

—Respondei, D. Volteiro-mór! casquinaram ainda.

Mas elle não os ouvia já.

Esteve algum tempo a ouvi-los e, pouco depois, isolou-se, sempre a murmurar versos, como se fossem as suas orações.

A sua voz profunda e melancólica, dizia baixinho ás ondas e á brisa carinhosa que soprava:

Por cima destas aguas, forte e firme,
Irei aonde os fados o ordenaram...

E, suspirando, depois de breve pausa, proseguiu, tomado de fogo divino:

Já chegado era o fim de despedir-me,
Já mil impedimentos se acabaram,
Quando rios de amor se atravessaram
A me impedir o passo de partir-me...

Entretanto, a viagem proseguia feliz.

Os dias volviam entre o jubilo de todos, e tão grande era esse jubilo, que já nem reparavam na tristeza funebre do homem ruivo.

E elle, como verdadeiro poeta, folgava do seu isolamento.

Ia analisando o que via, e em toda a parte o estro lhe dava um canto, sempre elegíaco, duma tristeza profunda e sentida.

A S. Bento ganhára grande dianteira ás outras naus.

O mar d'Africa foi cortado com velocidade e o poeta viu, como que inesperadamente, diante de si, o fervedoiro tragico do Cabo das Tormentas.

E então a placidês da viagem sofreu uma arremetida terrivel.

Desencadeou-se sobre a S. Bento uma tempestade, pródiga de ventanias, relàmpagos e chuvas furiosas.

A S. Bento vacilou, mas lutou logo com felicidade.

Houve baloiços crueis, pavores de colunas d'agua sobre as cobertas, receios de naufragio, lances tetricos e pungentes, mas tudo venceu.

Pouco depois, á entrada do Canal de Moçambique, a marinhagem cantava festiva, e o poeta, reco-

lhendo o espirito cada vês mais melancólico e reflexivo, murmurava:

Eis a noite com nuvens se escurece,
Do ar subitamente foge o dia.
E todo o largo oceano se embravece.

A maquina do mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia...

Eram os écos, em vibrante harmonia, dos perigos do Cabo que teimavam em chamar da Boa-Esperança.

O tempo, entretanto, decorrêra vertiginoso.

Já estavam em julho, quando a S. Bento entrou em Moçambique.

Ali desembarcaram então para refresco e descanço.

O poeta contemplou com grande atenção aquella pequena ilha de solo plano e fertil, luxuriante de palmares, laranjaes e figueiraes, com belos limoeiros entre as verduras mais opulentas.

Mas, ao pôr pé em terra, encontrou os da ilha cheios de dôr.

Falava-se no naufragio do galeão S. João, e contava-se todo o horror da morte de Sepulveda e dos seus.

Um naufrago, Pantaleão de Sá, chegara ali a 26 de maio com alguns companheiros, e dizia entre lágrimas como fôra a tragedia que vitimára sua irmã' seu cunhado, seus sobrinhos e tantos portuguêses.

O poeta procurou Pantaleão de Sá com interesse. Encontrou-o numa pequona tavolagem, rodeado de curiosos.

O filho de D. Garcia simpatisou com aquella face triste e contou-lhe toda a historia lacrimosa.

—Salvastes-vos, pois, só vós? disse o homem ruivo com assombro.

—Ouvi—tornou Pantaleão de Sá com deferencia.

E, enxugando os olhos, ainda pisados de tantas angustias, continuou:

—Depois que os cafres nos deixaram nús, metemo-nos pelo mato á mercê de Deus, pois de Sepulveda não podiamos ter vestigios certos. Outros, com André Vaz, seguiram depois o mesmo caminho, a rogos de minha irmã, encontrando-nos mais tarde todos por fortuna. Mas, senhor, de tantos, só oito escapamos, que os outros morreram de fóme pelo sertão.

Tristão de Sousa, Baltazar de Sequeira, Manuel de Castro e André Vaz, foram dos salvos. As escravas de Sepulveda, por mercê de Deus, comnosco foram dar e assim quatorze escravos, depois de se perderem de nós muitos dias.

—Designios divinos! murmurou o homem ruivo com os olhos rasos de lagrimas.

—Tivemos depois a fortuna de encontrar cafres benignos e eu, senhor, fazendo mesmo de chocarreiro, consegui delles muitos mantimentos. Emfim, prouve a Deus, que fôsse ao rio Inhambane ao resgate do marfim o capitão de Moçambique Diogo de Mesquita, e, sabendo que no mato andavam portuguêses perdidos, tanto nos procurou, que fomos encontrados.

O poeta ouvia isto e começava a escrever sobre uma meza que tinham diante na pequena tavolagem onde conversavam.

—Escreveis o que digo? perguntou Pantaleão de Sá.

—Sim, que o quero cantar em estancias, volveu o homem ruivo.

—Sois poeta?

—Por mau fado meu, ainda que alguns dizem que o não sou, ou só muito desvalioso.

—Ah! senhor, falai, falai desse horror—acudiu Pantaleão de Sá com ancia. Lembrai-vos da tristeza daquelle fim. Sepulveda a vêr morrer minha irmã, Leonor, a mais linda mulher da India...

—Ella e os filhinhos. . murmurava o poeta.

—E os filhos, e os filhos, tão lindos como anjos!

Pantaleão de Sá parecia aterrado com a visão da tragedia inteira e, para calmar-se, perguntou:

—Tendes tambem filhos?

—Sim, respondeu o poeta, sorrindo, os meus versos.

—Mas esses não dão tanto sofrer...

—E, comtudo, volveu o homem ruivo, têm uma linda mãe, não menos linda decerto do que a formosa D. Leonor.

—Decerto—atalhou Pantaleão de Sá com ar chistoso—que a mãe dos nossos versos é a fantasia...

—Enganais-vos, é uma dama da côrte.

—Da côrte? E o seu nome?

—O seu nome—respondeu com deferencia o poeta: o seu nome é Natercia!

—Lindo nome! Até parece de imaginação.

—Pois é do coração.

Pantaleão de Sá atentou na gravidade daquellas palavras e calou-se.

Depois, arriscou nova pergunta:

—Podeis dizer-me como se chamará o vosso poema?

A isto o homem ruivo alevantou a cabeça, fitou-o nos ólhos, e de mão no peito, com uma veemencia profunda, respondeu com impeto:

—Sabei antes de que elle tratará. Quero, senhor fidalgo, um poema da Patria, com a gloria dos

seus capitães e do seu povo, dos seus reis e dos seus navegadores, e um canto ardente ao maior feito do mundo—á descoberta do caminho da India. Quero deixar nesse poêma a alma toda de Portugal e da Fé, do Amor e da Honra, da Gloria, e tambem da Desventura, quando morre Inês ou quando sucumbe Leonor.

Esse poêma! Ah! se Deus me ajudasse, elle seria a minha Patria tão viva e tão bela, que; ainda que um dia morta fôsse, nelle teria resurreição resplandescente!

—Sublime! murmurava Pantaleão de Sá, fascinado.

—Quanto ao nome, talvez lhe chame *os Lusiadas*, acrescentou o poeta.

—Senhor, disse então o irmão de Leonor de Sá com respeito profundo, eu desejo saber o vosso nome todo: sois apenas Luiz Vaz?

--Luiz Vaz de Camões! redarguiu o poeta com a fronte iluminada pelo entusiasmo.

—Pois Deus vos inspire, que deixareis a maior obra de Portugal—volveu Pantaleão de Sá, muito comovido.

D'aí a pouco despediam-se.

A nau S. Bento, partia dias depois, para Gôa.

Não teve depois viagem ditosa.

Entretanto, Camões sofria já de vêr por toda a parte uma corrução triste, para que o aterrassem demais perigos do mar:

E as proprias tempestades que lhe fustigaram a nau até principios de setembro, mez em que entrou em Gôa, despertaram-lhe protestos vivos contra tanta decadencia nos portuguêses, como se fôssem brados da justiça de Jesus.

Deus não daria tantos naufragios por punição?

O poeta, assim avido de saudades e desgostos,

tendo deante de si tres annos de exilio na India, chorava já pela Patria e apelava para Deus. Assim entrou em Gôa.

A sua elevada resignação, entretanto dava-lhe estes versos:

Já de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me faleça já pretendo,
Que para mim não vale astucia humana
De força soberana —
Da Providencia, emfim, divina, pendo!

Annos depois, em Macau, perto duma gruta poetica, arrojava ás ondas, aos ventos, ao mundo, á gloria de sempre, o mar de estrofes d'oiro e cristal que se chama os Lusiadas.

Era o clamor eterno duma grande Patria pela boca dum seu filho, que foi um dos quatro maiores poetas de toda a humanidade, e teve na vida um triste e constante naufragio, ainda mais cruel do que o de Sepulveda.

Era a quasi divina epopeia de Luiz de Camões.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

INDICE

TERCEIRA PARTE

EPILOGO